

**UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

**O QUE LEVO DO *BARÃO*: A ALEGRIA DO *ESTARJUNTO*
E AS JUVENTUDES MULTIPLICANDO SABERES
NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO**

JULIO CESAR ROITBERG

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**O QUE LEVO DO BARÃO: A ALEGRIA DO *ESTARJUNTO*
E AS JUVENTUDES MULTIPLICANDO SABERES
NOS TECIDOS DA EDUCAÇÃO**

JULIO CESAR ROITBERG

***Sob a orientação do Professor Dr.
Marcelo Almeida Bairral***

*Dissertação submetida como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre
em Educação, no Programa de Pós-
graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares.*

Seropédica, RJ

Agosto de 2011

303.4833

R741

T

Roitberg, Julio Cesar, 1957-

"O que levo do *Barão*: a alegria do estarjunto e as juventudes multiplicando saberes nos tecidos da educação" / Julio Cesar Roitberg. - 2011.

142 f. : il.

Orientador: Marcelo Almeida Bairral.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Inclui bibliografia.

1. Comunicação e tecnologia - Teses. 2. Ciberespaço - Teses. 3. Inovações tecnológicas - Aspectos sociais - Teses. 4. Tecnologia da informação - Teses. 5. Multimídia interativa - Teses. I. Bairral, Marcelo Almeida, 1969-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEduc - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM "EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES"

JULIO CESAR ROITBERG

**"O que levo do *Barão*: a alegria do *estarjuntos* e as juventudes
multiplicando saberes nos tecidos da educação."**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas

Dissertação aprovada em defesa pública em 24/08/2011.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo de Almeida Bairral (orientador)
UFRRJ


Prof. Dr. Aristóteles de Paula Berino
UFRRJ


Prof.^a Dr.^a Edméa Oliveira dos Santos
UERJ

Nova Iguaçu - RJ
Agosto de 2011.

"Viver as emoções significa provar bem clara e lucidamente, e nos mínimos detalhes, os acontecimentos de nossa experiência como ondas transitórias no fluxo da existência. Não acreditar um segundo sequer na realidade dos objetos que imaginamos suscitar essas emoções, nem na realidade do sujeito que deve experimentá-las" (Pierre Lèvy, em O Fogo Liberador)

DEDICATÓRIA

E ao dedicar, pronuncio, amorosamente, seus nomes

À **energia**, que não se dissipa, de todos e de tudo o que transitou por minha vida ajudando-me a enxergar o outro a minha frente, independente da forma com que se apresentava.

À **força** de **Maria**, mãe vigorosa que, com sua pequena Singer costurou em minha alma a crença na potência do conhecimento.

Ao **nomadismo** do **Ary**, meu pai, com todo o meu esforço em capturar suas lembranças e torná-las eternamente presentes.

Ao **aprendizado** com o **Clênio Ravas**, apresentando-me a Física, a Filosofia, as narrativas, ainda no começo desta etapa de minha viagem.

À **presença** do mano, **Marco**, pela paciência em me mostrar a intrínseca relação entre a ciência, a política, o prazer e o paladar.

À **música** do **Joel Vieira**, a ritmar os meus textos, dando harmonia e melodia nos momentos em que teimava a razão.

Ao **reencontro** do outro parceiro, poeta, o **Marcos Cysne**, pela *Poesia Ativa* que definiu o meu dizer/fazer/usar as narrativas.

Ao **vigor** e **leveza** de **Ana Paula**, bela mulher, pelas descobertas e construções a dois que, tendo-me ensinado a receber amor, me permitiu ampliar o alcance de nossos afetos: grato, Paulo, Mara, Daniele, Sandra, Roberto, Irene, Luciana e o outro **Zé**, o Junior (*batata*)!

À **grandiosidade** de minhas pequenas, Erika e Nathalia, minhas filhas, e do meu afilhado do coração, Diego, com quem aprendi a amar e, diariamente, com muita paciência, reconquistar a quem promovemos afastamentos.

À **alegria** da Mana, e do Nego que faziam, tanto da ida ao colégio, quanto da feira, uma agradável brincadeira, ensinando-me que *a vida é bela*.

À **eterna juventude** dos outros seres, que cismaram em miar e latir, nesta vida. Ensinando-me outras linguagens, aceitaram-me em suas famílias.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas de mestrado, Aline, Edileuza, Euler, Islene, Janaína, Ramón, Samanta, Suely, assim como aos pioneiros, da turma 2009, que, acolhendo-me com todo o carinho, sedimentaram nossa amizade: Amanda, Andrea, Fabiana, Fernanda, Fernando, Jéssica, Leandro, Rafael, Rosangela e Rosineide.

À Márcia Fátima, Neyde e Hortência, diretoras do *Barão*; à Ritinha e Márcia Lencastre, diretoras do CIEP Marcos Freire, por, além de me incentivaram a continuar minha formação, franquearam-me suas unidades para a pesquisa.

Aos meus professores, do PPGEduc, que, tanto pelo profissionalismo, quanto pelas emoções repartidas, surpreenderam-me em minhas expectativas, naquilo que se pretende uma pós-graduação que permita a autonomia do professor-pesquisador-estudante.

Ao professor Aristóteles Berino, pela conversa fraterna regada ao alimento necessário para o *coração, cabeça, estômago*.

À professora Lilian, que acreditou naquilo que eu seria capaz, permitindo-me levantar a lanterna e ver além das sombras.

Ao meu orientador, Marcelo Bairral, por ter-me testado em todas as minhas certezas, fazendo-me, constantemente, duvidar destas certezas em um exaustivo exercício da dialética.

Aos colegas do GEPETICEM – Grupo de Estudos e Pesquisas das Tecnologias da Informação e Comunicação em Educação Matemática (IE/UFRRJ), do GPIidentiDoc – Grupo de Pesquisas sobre Formação e Identidade Docente (IM/UFRRJ), GRPESQ – Grupo de Pesquisas Estudos Culturais em Educação e Arte (IM/UFRRJ-IART/UERJ), e do GPDOC – Grupo da Pesquisa Docência OnLine e Cibercultura (UERJ) com quem pude, não só relativizar minhas convicções, assim como agregar novos conhecimentos.

RESUMO

ROITBERG, Julio Cesar.

2011. 142 f Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares - PPGeuc, Instituto Multidisciplinar/Instituto de Educação – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ, Rio de Janeiro, RJ.

O que levo do *Barão*: a alegria do *estarjunto* e as juventudes multiplicando saberes nos tecidos da educação.

A pesquisa analisa, através do paradigma da complexidade, na cibercultura, o mapeamento da itinerância do pesquisador, junto a estudantes nos *dentrofora* de uma escola de ensino básico do Rio de Janeiro, em seus atos de interação. Trata-se de uma investigação sobre os atos de comunicação dos jovens, tensionando a prática do professor-estudante-pesquisador com seus alunos, em uma abordagem multirreferencial, partindo de atividades com o uso das interfaces sociais e de software de construção coletiva. Problematisa, através da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, como os jovens interagem, através das redes sociais, em seus usos e fazeres, desde o ciberespaço, passando para o colégio e de lá para outros espaços onde ocorrem aprendizagens. Reflete sobre socialidade e pertencimento com o uso de interfaces sociais tanto pelos praticantes, assim como pelo pesquisador, interagindo com os estudantes, transparecendo, assim, as subjetividades. Ao mesmo tempo em que a pesquisa é desenvolvida, é explicitado o natural movimento deste novo modo de fazer ciências, através de narrativas, apropriando-se de leituras sobre tribos urbanas e nomadismo. Reflete sobre os atos de comunicação de estudantes do ensino básico, através de curtas mensagens, imagens, gestos e pichações, nos diversos *espaçostempos*, por onde as juventudes transitam, construindo conhecimento, tanto com o uso da tecnologia, como na tessitura de outras redes sociais, construindo redes de aprendizagem na escola, com a escola, da escola para a rua, da rua para o bairro, assim como nos diversos *espaçostempos* onde há interação em busca da construção daquilo que aproxima: a emoção. Como resultado, apresenta as possibilidades da apropriação pedagógica das interfaces sociais e dos diversos espaços de aprendizagem para a educação com o uso das redes sociais, especificamente, através de softwares sociais, com ênfase no uso de pequenas mensagens, depoimentos e participação em fóruns sociais, nas práticas observadas no Orkut. Expõe possibilidades da utilização de aplicativos das páginas de relacionamento, enquanto dispositivos da pesquisa na abordagem multirreferencial. Esclarece o potencial do uso de interfaces de construção coletiva, na interação. Agrega a resultados de pesquisas anteriores o interacionismo promovido pelo uso das tecnologias de informação e comunicação. Revela a urgência em o professor, através de sua prática, continuar o seu processo de formação, ao refletir sobre o mesmo. Expõe a necessidade em se lançar mão, em tempos de mobilidade e de portabilidade, como o celular, para a educação.

Palavras-chave: cotidianos; juventudes; comunicação e cultura; aprendizagem colaborativa, comunicação e tecnologia; cibercultura; ciberespaço.

ABSTRACT

ROITBERG, Julio Cesar.

2011. 142 f. Dissertation (Master of Education) - Graduate Program in Education, Contemporary Contexts and Popular Demand - PPGEduc, Multidisciplinary Institute / Institute of Education - Federal Rural University of Rio de Janeiro - UFRRJ, Rio de Janeiro, RJ.

What I take of the *Baron*: the joy of be/together and the youths multiplying knowledge in the tissues of education.

The research examines, through the paradigm of complexity, in cyberculture, the mapping of roaming the researcher, with students in out-in of a school of basic teaching in Rio de Janeiro, in their acts of interaction. It is an investigation about the acts of communication for young people, stressing the practice of student-teacher-researcher and his students in an approach multi-referential, from activities with the use of the social interfaces and collective construction software. Discusses, through research in/from/with the everyday, as young people interact through social networks in their uses and actions from the cyberspace, going to school and from there to other places where learning occurs. Reflects about sociality and belonging with the use of social interfaces both for practitioners as well as by the researcher, interacting with students, showing so the subjectivities. While the research is developed, it is clarified the natural movement of this new way of doing science, through narrative, appropriating of the readings on urban and nomadic tribes. Reflects on the acts of communication of the basic education students through short messages, images, gestures and graffiti in various spaces/times, where the youths pass, building knowledge, both with the use of technology, as in the organization of other social networks by building networks of learning in school, with the school, from school to the street, from the street to the neighborhood, as well as in various spaces/times where there is interaction in the construction of that approach: emotion. As a result, presents the possibilities of the pedagogical appropriation of the interfaces of the various social and learning spaces for education with the use of social networks, specifically through social software, with emphasis on the use of short messages, interviews and participation in social forums, practices observed in Orkut. It exposes possibilities of using applications of the pages of relationship while research devices in multi-referential approach. It clarifies the potential of the use of collective construction interfaces, in interaction. Add to previous research results the interaction promoted by use of information technology and communication. It reveals the urgency of the teacher, through their practice, to continue your training process, reflecting on it. It exposes the necessity to resort, in times of mobility and portability, as a mobile phone, for education.

Keywords: daily; youth; cyberculture; culture and communication; collaborative learning

LISTA DE IMAGENS

Imagem	Página
1.....	38
2.....	63
3.....	64
4.....	65
5.....	66
6.....	66
7.....	68
8.....	69
9.....	69
10.....	70
11.....	71
12.....	72
13.....	73
14.....	74
15.....	75
16.....	76
17.....	76
18.....	77
19.....	78
20.....	80
21.....	82
22.....	83
23.....	84
24.....	83
25.....	83
26.....	83
27.....	86

28.....	88
29.....	89
30.....	89
31.....	89
32.....	93
33.....	94
34.....	95
35.....	95
36.....	103
37.....	104
38.....	106
39.....	113
40.....	113
41.....	114
42.....	114
43.....	127
44.....	128
45.....	129

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A: Diário de estudante	127
Apêndice B: Diário do pesquisador	128
Apêndice C: Plano Individual de trabalho (PIT) – estudante	129
Apêndice: D: Autorização da Direção	130
Apêndice: E: Autorização dos Estudantes e dos Responsáveis	131

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	Plotando dos trilhos urbanos: o que navegar.....	14
1.2	Falando do lugar em que nos encontramos: Sobre o que já foi produzido.....	17
1.3	Um pouco de narrativas: da Academia ao botequim ou “Eu caçador de mim.....	20
2	METODOLOGIA – muito mais do que métodos: parceiros e visão de ciência.....	28
2.1	Fazendo o caminho com os dispositivos encontrados durante o percurso da pesquisa.....	28
2.2	Multirreferencialidade nos cotidianos escolares: da observação às sensações.....	31
2.2.1	A organização da turma enquanto comunidade de aprendizagem.....	31
2.2.2	Os cuidados com a preservação da imagem e segurança dos jovens da pesquisa: um diálogo necessário entre o pesquisador, praticantes, responsáveis, escola e Universidade	33
2.3	Os instrumentos de gestão das atividades educativas: selecionando o material de pesquisa e analisando os dados obtidos.....	40
3	GALOS, FORMIGAS E... ARTISTAS ou NÃO DÁ PRA SER FELIZ SOZINHO.....	48
3.1	A cigarra e a formiga: aprender para trabalhar.....	48
3.2	Outros bichos: do individualismo competitivo à colaboração emancipatória.....	52
3.3	Diante do um muro de concreto, os espaços intersticiais: o desafio da aprendizagem colaborativa nos espaços instituídos de educação.....	54
4	O CASTELO DA INFORMÁTICA: suspendendo as correntes do fosso.....	61
4.1	Táticas e usos dos dispositivos sociotécnicos pela juventude: câmeras sempre dão defeitos	61
4.2	Interação através das aproximações: a emoção como elemento indissociável aos atos comunicacionais.....	63
5	“NÓS É CRIA”: um estudo sobre interação e atos de comunicação em redes de aprendizagem.....	67
5.1	Contatos.....	70
5.2	Fazendo o download: recuperando os elementos da pesquisa.....	76
5.3	Do individualismo da modernidade ao coletivo contemporâneo: a alegria do “estarjuntos”.....	81

5.4	A comunicação na internet: versatilidade e fluidez na economia da web.....	90
5.5	O “pulo do gato” e os “rolos” das juventudes.....	100
5.6	Maximizando telas.....	102
5.7	Scraps.....	105
5.8	Tribais e gestos de pertencimento: senha para logar.....	107
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
6.1	Ou “Para outros buscadores.....	109
6.2	O que eu pensara buscar: no encontro com o outro, mudanças de perspectivas e de rumos entre pesquisador e pesquisado.....	111
6.3	Questões prospectivas: outros desafios.....	113
7	REFERÊNCIAS: alguns faróis e boias sinalizadoras.....	117
8	APÊNDICES.....	128
	Apêndice A: Diário de estudante.....	128
	Apêndice B: Diário do pesquisador.....	129
	Apêndice C: Plano Individual de trabalho (PIT) – estudante.....	130
	Apêndice: D: Autorização da Direção.....	131
	Apêndice: E: Autorização dos Estudantes e dos Responsáveis.....	132

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresento a inquietação motivadora para a pesquisa, elenco os diversos dispositivos dos quais lancei mão, dialogando com os autores e obras de referência, além de apresentar o estado da arte até o presente. Apresentando alguns dos resultados alcançados, justifico a contribuição acadêmica do estudo. Caracterizo os praticantes observados, justifico suas presenças em meu cotidiano, discorrendo sobre minha trajetória na educação, minha concepção de ciência e a opção, tanto pelo enfrentamento da questão, como pelo gênero textual.

1.1 PLOTANDO DOS TRILHOS URBANOS PARA O CIBERESPAÇO

- o que navegar

Como os jovens interagem, através das redes sociais, em seus usos e fazeres, desde o ciberespaço, passando para o colégio – cujo currículo, asfixiado por práticas cristalizadas, necessita de urgente oxigenação - e de lá para outros espaços onde ocorrem aprendizagens? Pensando esta inquietação, considero, para a presente pesquisa, o fato de que a constituição de redes, sua consolidação e mecanismos de continuidade demandam estudos na pesquisa em educação, particularmente, nas formas de pertencimento e os atos de comunicação entre jovens, associando estudos da linguagem, gestos e demais assinaturas com que se inscrevem em suas comunidades. Embora haja pesquisas sobre relacionamentos virtuais e tecnologias emergentes, muitas analisam a relação entre tecnologia, ensino e hipertexto, como é o caso de Souza (2001), cujo foco é o estudo dos discursos e os de Santos e Souza (2008), que avança com reflexões sobre os hipertextos na educação e Kensky (2008). Além deste enfoque, despontam, também, os estudos sobre os gêneros textuais, como os de Cariaga & Durigan (2007) e os de Veado (2008), incluindo os novos suportes característicos do uso da informática na educação. Entretanto, as pesquisas pouco avançaram na interação através do uso da afetividade (FASCIANI, 1998), das subjetividades e das emoções relacionadas às tecnologias, na cibercultura, através de um enfoque multirreferencial. Sobre afetividade e tecnologia, assim como as representações sociais do

cotidiano, através do uso da informática na educação, não deve passar despercebido o pioneirismo de Peluso (1998), assim como os trabalhos de Gianolla (2006).

Sobre educação e tecnologia, deparei-me com o trabalho de Barreto et al. (2004) que aponta um crescimento significativo da utilização das tecnologias de informação e de comunicação nas práticas docentes. Entretanto, os autores atestam a inexpressiva contribuição das pesquisas científicas no tocante à subjetividade em questões sobre os perfis e fakes dispersos entre as comunidades de relacionamento, chats, fóruns e blogs.

Considerando, tanto as conclusões da pesquisa de Barreto et al. (2004), quanto o atual cenário sociotécnico, entendo necessária uma leitura crítica do advento da cibercultura, associado ao desenvolvimento da web e o uso massivo das mídias digitais, incluindo, aí, a mobilidade nômade das juventudes, que portam além de suas mochilas, os seus *teletudo*. Este fato exige uma releitura de noções como as de espaço e de tempo, lugares, motivo pelo qual me distancio daquelas abordagens, principalmente, sobre as centradas nos espaços específicos da comunicação, através do uso das tecnologias, que desprezem a realidade do ciberespaço nas tramas da urbanidade, por onde transitam as juventudes. Sem me esquecer da *fábula do consumo*, analiso o discurso mais amplo, dialógico para, assim, refletir sobre o questionamento da presente pesquisa: como os jovens interagem através dos usos nas redes sociais e como estas observações podem redundar em uma maior aproximação entre estudantes e professores, buscando, assim, uma educação plena.

Em função do questionamento, foco da pesquisa: - Como os jovens interagem, através das redes sociais, em seus usos e fazeres, desde o ciberespaço, passando para o colégio – cujo currículo, asfixiado por práticas cristalizadas, necessita de urgente oxigenação - e de lá para outros espaços onde ocorrem aprendizagens? - procedi ao estudo tanto das diversas itinerâncias do movimento da pesquisa e as práticas de jovens estudantes assim como de seus atos comunicacionais nos *dentrofora* dos espaços onde se constrói conhecimentos.

Assim sendo, a presente pesquisa problematiza, através da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, o tensionamento entre a prática do professor-estudante-pesquisador com seus alunos, em uma abordagem multirreferencial. Verifico, também, como os jovens vem se utilizando da internet como possibilidade de ampliação de laços de pertencimento, e como tal apropriação se dá com o uso das interfaces sociais e de software de construção coletiva. Reflete sobre socialidade e pertencimento com o uso de interfaces sociais tanto pelos praticantes, assim como pelo

pesquisador, interagindo com os estudantes, transparecendo, assim as subjetividades. Ao mesmo tempo em que a pesquisa é desenvolvida, é explicitado o natural movimento deste novo modo de fazer ciências, através de narrativas, apropriando-se de leituras sobre tribos urbanas e nomadismo. Reflete sobre os atos de comunicação de estudantes do ensino básico, através de curtas mensagens, imagens, gestos e pixações¹, nos diversos *espaçostempos*, por onde as juventudes transitam, construindo conhecimento, tanto com o uso da tecnologia, como na tessitura de outras redes sociais, construindo redes de aprendizagem na escola, com a escola, da escola para a rua, da rua para o bairro, assim como nos diversos *espaçostempos* onde há interação em busca da construção daquilo que aproxima: a emoção. Como resultado, apresenta possibilidades da apropriação pedagógica das interfaces sociais e dos diversos espaços de aprendizagem para a educação com o uso das redes sociais, especificamente, através de softwares sociais, com ênfase no uso de pequenas mensagens, depoimentos e participação em fóruns sociais, especificamente com as práticas observadas no Orkut. Expõe possibilidades da utilização de aplicativos das páginas de relacionamento, enquanto dispositivos da pesquisa na abordagem multirreferencial (BARBOSA, 1998; BURNHAM, 1998). Esclarece o potencial do uso de interfaces de construção coletiva, na interação. Agrega a resultados de pesquisas anteriores o interacionismo promovido pelo uso das tecnologias de informação e comunicação. Revela a urgência em o professor, através de sua prática, continuar o seu processo de formação, ao refletir sobre o mesmo. Transparece a necessidade em se lançar mão do que é cultural às juventudes, em tempos de mobilidade e de portabilidade, como o celular, para a educação.

O espaço, antes do advento da *cibercultura*, com uma certa tranqüilidade, poderia ser definido como uma diversidade de ângulos plotados geograficamente, o que não dá conta dos estudos que consideram a realidade das mídias móveis. Através da presente pesquisa discuto a potencialidade de interação promovida pelas mídias móveis, e, por conseguinte, da mobilidade e a portabilidade.

¹ Decidi pela grafia com “x”, conforme utilizada pelos praticantes desta arte urbana proibida pelas autoridades instituídas, porque subverte a paisagem previsível, linear e esteticamente higienizada. A apropriação desta arte como grafiteagem, no Brasil, refere-se à capitulação da juventude às normas e preceitos da aceitabilidade social, sistemicamente imposta, muitas das vezes, imperceptivelmente. O grafite é o pixe que se converteu. Em um muro de uma das ruas próximas ao *Barão*, lia-se até o presente desta pesquisa, a pixação: “Só Jesus salva”. Para maiores detalhes, consultar: <http://www.overmundo.com.br/overblog/pixacao-graffiti-blablalablalbla>
<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/pichacao+volta+a+bienal+pela+porta+da+frente/n1237666372888.html>
Acesso em 21/08/2011.

Associando cibercultura aos atos dos praticantes no ciberespaço e em outros *espaçostempos*, considerando o desenvolvimento da Web, a pesquisa considera, também, estudos da antropológica sobre os *não-lugares*, isto é, lugares marcados pelo trânsito incessante, pelo momento fugaz, efêmero, pelo temporário. Correlacionando velocidade, extensibilidade, acessibilidade à mobilidade, entendo, como elementos indissociáveis, tanto o local, quanto o espacial. Tais elementos, impregnados pela crescente mobilidade precisam constar em estudos sobre os espaços híbridos, os espaços *intertisciais*, ou seja, misturas indissociáveis entre os espaços físicos e o ciberespaço, possibilitadas pela mobilidade, características de mídias como o celular, notebooks e outros, que agregam funções diversas e permite o acesso e a conexão à internet e, por conseguinte, às redes sociais.

Lanço mão, também, de estudos sobre trânsito informacional no mundo globalizado, e das pesquisas sobre interação, na sala de aula, além daqueles que registram o trânsito da juventude em softwares sociais, como o Orkut, agregando outras pesquisas para a compreensão de redes sociais. Como se trata de uma pesquisa nos/dos/com os cotidianos, diversas metodologias foram encontradas pelo caminho do pesquisador, da pesquisa e dos praticantes. Para a reflexão sobre os diversos movimentos no cotidiano escolar, foi necessário optar pela multirreferencialidade para que a observação lançasse o olhar para outros pontos, não obliterados pelas aparências imediatas. Um alcance no olhar só possível ao se lançar mão de diálogos com aparentes opostos, noções paradoxais, ciências diversas, assim como aquelas que mantêm similitudes quanto ao foco de seus estudos.

1.2 FALANDO DO LUGAR EM QUE NOS ENCONTRAMOS

- Sobre o que já foi produzido, conversando com os parceiros

A organização dos ambientes competitivos em detrimento da aprendizagem colaborativa enquanto projeto consensual que permeia a política de educação é estudada minuciosamente por Rui Trindade e Ariana Cosme (TRINDADE & COSME, 2010), assim como a mudança de um paradigma somados aos da constituição das comunidades de aprendizagem, na obra organizada por Carmen Elboj Saso, Ignasi Puigdemívol Aguadé, Marta Soler Gallart e Rosa Valls Carol (2006). Somam-se a estes estudos as pesquisas de Nelson de Oliveira Pretto (2011). O autor tem

pesquisado e publicado estudos, nas mídias mais diversas, incluindo entrevistas no Youtube². Seu olhar crítico e agudeza de argumentos, sobre as políticas públicas relacionadas aos aspectos econômicos e políticos, desvelam os bastidores que orientam a difusão dos sinais de telecomunicação, nas diversas regiões do país. Diversa, porém complementar, a despeito de passar ao largo da questão do letramento digital, a obra de Bernardo Sorj (2003) apresenta reflexões urgentes sobre inclusão digital e a produção coletiva dos projetos populares, na tessitura das redes.

Para ampliar esta discussão, precisei compreender a configuração, a consolidação e a constituição das redes, e, por isto, relaciono, também, os trabalhos pioneiros de Manuel Castells (1999; 2003^a; 2003b), a produção intelectual aguda de Fritjof Capra (2008), de Pierre Lèvy (2010), e de Raquel Recuero (2010) sobre as redes sociais enquanto possibilidade do desenvolvimento de atividades de colaboração de aprendizagem, assim como os de Lemos (2003), Lucia Santaella (2010; 2007) e Edméa Santos (2004; 2011), autores que lançam luzes para a compreensão do ciberespaço e da cibercultura. Estes são alguns dos autores de maior produção científica nestas áreas aos que se devem somar os estudos de André Lemos (2003) e o de Santaella (2008), sobre mobilidade social e as transformações no espaço urbano, relacionando meios de comunicação e da dinâmica da reconfiguração dos centros em organismo-rede.

Como a abordagem multirrefencial, base da presente pesquisa, legitima a aproximação de estudos em diversas áreas da produção científica, a fim de uma melhor compreensão do que se observa, os aspectos sócio-psicológicos não poderiam faltar neste estudo. Em função desta necessidade, lancei mão da obra de Sherry Turkle (1995), assim como o de Gianolla (2006), sobre as representações nas redes sociais, incluindo os estudos do biólogo Humberto Maturana (2009), para a compreensão do estreitamento dos laços de filiação, amparados na emoção, facilitadora das identificações e dos atos de linguagem na educação e na política e as do médico-professor- escritor-pesquisador César Ronald (1996), com uma abordagem antropológica, sob o mito da superioridade humana.

Nesta complexidade a dar conta da pesquisa, não poderia faltar Fritjof Capra (2008), com seus estudos na física holística. Tal aproximação dos aparentes opostos e dos paradoxos contemporâneos prescindiu dos debates sobre a educação e os desafios da teoria pós-moderna,

² Consultar, p. ex., o vídeo da Conferência sobre Políticas Públicas e as Tecnologias Digitais, realizada na UFMG, em 12/05/2011, em <http://www.youtube.com/watch?v=5hNXnbYOLYg> Acesso em 21/08/2011

refletindo as transformações socioculturais, o que foi equacionado com o trabalho de Marco Silva (2005). Nesta obra, o autor, inclusive, inclui quadros sinópticos, e diálogos entre autores em um exaustivo levantamento histórico-bibliográfico, sobre o assunto. É dele, também, a contribuição sobre interação nas salas de aula, com ênfase nos aspectos comunicacionais (2010).

Ainda sobre as interações das juventudes, referendo o artigo “Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais, em que sustenta a utilização de blogs, orkut e similares como forma prazerosa de educação para a juventude, de Elisabete Maria Garbin (2003), o que é recuperado por Edvaldo Souza Couto e Telma Brito Rocha (2010), com uma coletânea de artigos, sobre as narrativas e subjetividades no Orkut, oferecendo o embasamento suficiente para pesquisas semelhantes.

Diante da mobilidade das juventudes, para o estudo de tempos, espaços, (des)territorialização, referencio os esclarecimentos de Milton Santos (2006; 2008a; 2008b), as incisões de Nestor García Canclini (2009), além das inquietantes idéias de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995).

Ainda sobre as juventudes, praticantes da presente pesquisa, o suporte teórico de trabalhos pioneiros como os de Garbin (2003), somados aos de Alex Primo e Raquel Recuero (2003) e os de Freitas (2005) apresentam subsídios de grande valor sobre as características e potencialidades dos ambientes colaborativos na rede social, com ênfase nos atrativos que a Internet exerce sobre a juventude, com a utilização de Wikis e blogs. Neste aspecto, também desponta a obra de Coutinho e Bottentuit Jr (2007). Soma-se a estas autoras e autores, a obra de Jairo Ferreira (1999), discutindo a utilização de ferramentas Wiki e blogs na Web 2.0, por parte dos professores, que necessitam de conhecimentos sobre estudos recentes sobre subculturas e ciberculturas.

Leituras sobre tribos urbanas, nomadismo e comunidades, conforme os estudos de José Machado Pais e Leila Maria da Silva Blass (2007), acrescidos dos estudos de Michel Maffesoli (2004; 2011), de Zigmunt Bauman (2003) e os de Adriana Amaral (2010), promovem este alcance de olhares, esta depuração nos filtros da sensibilidade, para as leituras das práticas das juventudes na contemporaneidade. Tal desafio é melhor suportado com o apoio do vigor e da perenidade do modo de ser/agir/pensar freiriano. Amparada pela contribuição do maior educador da contemporaneidade, desponta a obra de Silvio Gallo (2009) e a Miguel Arroyo (2007). Em suas obras, subjazem a crítica e a reflexão necessárias, para a compreensão tanto do conceito de

liberdade quanto no tocante à ética e respeito necessários para com os saberes do educando, em função reflexão e da crítica que subjazem em suas obras.

Sem me esquecer das tristezas e do sofrimento que dão suporte ao capitalismo, existe a possibilidade, diante do fenômeno sociotécnico da cibercultura de a juventude vivenciar suas transgressões, fugindo ao risco da intromissão dos inimigos/adultos, como apresenta Paul Taylor (2003), em seus estudos, sem, com isto, deixar de ser rotulada pela mídia. Tais espaços vigiados em que o projeto educacional tenta, desde a invenção do Brasil moderno, isolar as camadas pauperizadas, higienizando a metrópole do “feio” e do “perigoso”, com a universalização da educação e projetos que visam impedir as “fugas”, despontam nos estudos de Clarice Nunes (2000) e nas reflexões de Foucault (1996; 2009).

A coletânea de artigos organizada por André Parente (2004), sobre as novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação na constituição das redes, além de oferecer um amplo detalhamento e características do conceito de rede, promove reflexões sobre a polissemia do termo. E, finalmente, para a publicização de imagens, conflitos netéticos, conectividade, mobilidade e ubiquidade, com a utilização das mídias móveis e compreensão do ciberespaço, referencio as obras de Lucia Santaella (2010; 2007), de André Lemos (Lemos, 2003) e Fernanda Bruno (2010).

1.3 UM POUCO DE NARRATIVAS

- da Academia ao botequim ou “Eu caçador de mim”

“Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim”
(Milton Nascimento³)

A socialização entre os jovens estudantes acontece muito mais nos espaços além dos muros escolares, que, propriamente, dentro deles. As mídias digitais permitem e facilitam

³ Milton Nascimento, “Eu caçador de mim” (1981, Ariola, 201.632)

relacionamentos em outros *espaçotempos*. A ocupação do ciberespaço pelas juventudes representa um fato sociotécnico que pede uma leitura sobre a natureza dos contatos e a possibilidade de práticas de aprendizagem colaborativa.

A facilidade destas juventudes (MENDES, 2010) em *navegar* imprime à Educação um novo ritmo que pode e deve se utilizar das tecnologias, enquanto meio e, não, como ferramenta. Com as fronteiras entre a comunicação e a informação sendo rompidas, e a noção de um tempo diferenciado, na web, exige-se, do professor-aprendente-pesquisador, incursões na cibercultura. Para estimular a colaboração, o educador pode se utilizar de táticas que possibilitem integrar, por parte das juventudes, a necessidade de pertencimento a um grupo e o desejo de continuar estes laços em outros *espaçotempos*, onde se sintam protegidos em seus usos e fazeres e dizeres.

A leitura dos gestos e das *escritas-imagens* destas juventudes, nos *dentrofora*, nos espaços intertisciais, onde acontece a construção do conhecimento, pode significar uma alternativa para oxigenação das escolas.

E foi a observação de seus gestos, dos atos praticados pelos estudantes, facilitadores da interação, através da emoção, o que me cativou na seleção do que, para que, com quem, para quem, como e onde pesquisar, ou seja, a minha identificação enquanto professor-aprendente-pesquisador destes gestos, destes atos, destas *escritas-imagens*, enfim, dos circuitos por onde transitam estas juventudes, deixando marcas indelévels, suas pegadas.

A escolha daquilo que se pretende pesquisar tem muito a ver com a nossa história de vida. Nossas experiências necessitam criar significações para compreendermos a que viemos neste mundo. Afinal de contas, todos somos curiosos, principalmente sobre as nossas vidas. A minha não foi diferente. Escolhemos os sujeitos de nossa pesquisa, não só pelo estranhamento sobre os mistérios que ele nos oferece como, também, pelas inquietações advindas de nossa identificação com o que estudamos.

O desafio: registrar as narrativas dos praticantes envolvidos na pesquisa, nossas diversas itinerâncias, em um texto que se mostrasse fluido a caminhar junto com o leitor, na tentativa de compor diversas narrativas híbridas, em uma perspectiva holística, noção que, “numa constante reversibilidade, une a globalidade (natural e social) com os diversos elementos (meio e pessoas) que a constituem.” (MAFFESOLI, 1998, p. 3). Possibilidade em que pudesse aproximar o complexo ao trivial, os paradoxos da complexidade, através das diversas aproximações dos atos

dos praticantes pesquisados, apresentando investigações, enquanto fruto de observações desses movimentos.

Como texto final, ainda que as narrativas nunca tenham fim, procurei uma adequação entre conteúdo e o gênero textual, tentando não me afastar tanto da proposta entre a *ética e a estética* (MAFFESOLI, 1998, prefácio à segunda edição), criando rotas de fuga, no corpo da narrativa, em consonância com o referencial teórico/metodológico adotado. “É o próprio objeto abordado que exige esta transgressão”, escreveu Michel Maffesoli (1998). Segundo o autor, “[...] aceita-se cada vez mais que a existência social, da qual nos ocupamos, se presta, com muita dificuldade ao recorte conceitual” (Idem, p. 3).

Com muito carinho, considerei as palavras de Jorge Luiz Borges de que “*publicamos para não passar a vida a corrigir rascunhos. Quer dizer, a gente publica um livro para livrar-se dele*”. (Jorge Luiz Borges). Além desta realidade, a opção (!) pelo estilo da narrativa aderiu à necessidade de comunicar minhas observações, análises e descobertas a leitoras e leitores com competências de leitura diversas. Então, precisei fragmentar aquilo que, intrinsecamente, é uno, em conformidade com alguns dos preceitos dos manuais de formatação de teses e dissertações, da escrituração clássica.

Tal fragmentação textual, em partes, capítulos, seções, herdada das ciências naturais, limita a potencialidade do suporte textual, distanciando-se do conceito de rede adotado. Tal linearidade prejudicaria a comunicação científica não fora a opção pelas narrativas, prenhes de metáforas, tentando fazer ciência com literatura, conforme Nilda Alves.

O referencial teórico revela o poder das metáforas, que não aprisionam as idéias, que preparam o leitor a novas possibilidades, que fazem do signo o principal atributo da realidade, independente do espaço em que a vivenciamos: virtual ou não virtual, trata-se do mesmo mundo, da mesma realidade. Segundo Santaella (2010), apenas estendemos nossos corpos, com ou sem o auxílio das próteses tecnológicas. Os sonhos dispensam a tradução através do máquina racional da modernidade (DELEUZE & GUATARRI, 1995), já que buscadores lêem estrelas e seguem pistas e, não, mapas e gps digitais, inoperantes diante dos “mil platôs”

Não fora esta opção, incorreria no risco de invalidar tanto a proposta quando o lugar de onde, como, com quem e para quem falo. Tanto nas ciências quanto na literatura encontramos escritores narradores. Fazer ciência, nestes novos tempos, é fazer conviver os aparentes opostos, é fazer aproximar os paradoxos, fugindo às polarizações classificatórias. Exemplificam estas

possibilidades de fazer uma nova ciência Fritjof Capra, na Física; Humberto Maturana, César Ronald, na Medicina e, exercitando uma antropossociofilosofia, Edgard Morin. Na literatura, Clarice Lispector, Julio Cortazar e Machado de Assis – escritores que se dirigem a um público exigente -, já apresentavam estas outras realidades, distanciando e aproximando o foco da narrativa, o olhar, a observação, que apresenta o todo, assim como a descrição, que apresenta as partes. É de Mallarmé o alerta sobre o prejuízo para a compreensão ao se nomear os objetos.

É de Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1975 [1881]), o registro de que o leitor tem de ser levado ao desafio da polifonia textual, exercendo a coautoria, em parceria com a história, com os personagens e com o escritor. Com a arrogância e pretensão típicas do personagem central – diga-se de passagem, já morto -, Brás, protagonista, afirma que se o leitor não compreende o que ele escreve, é que sua narrativa traz um “vício grave”, e, aliás ínfimo” : o problema não é do livro, mas, sim, do leitor, acostumado às narrativas lineares, amante das narrativas diretas, “o estilo regular e fluente”⁴. Brás, que se diz um autor-defunto, e, não, um defunto-autor, opta pelo estilo sinuoso dos bêbados, dos *clowns* shakesperianos. Uma atitude bem semelhante à do meu referencial teórico, principalmente, Inês de Oliveira, Nilda Alves, Michel Maffesoli, Zigmunt Bauman, Boaventura de Souza Santos, Edgar Morin, que me possibilitaram a imersão na complexidade nos/dos/com os cotidianos.

São narrativas subjetivas como a dos galos, a das formigas, dos artistas e, por que não dizer, dos outros bichos, que se somam às histórias dos estudantes pesquisados, dos “*embaixo dos pés de árvores*”, nos *dentrofora* do *Barão*, nas *escritas-imagens* dos banheiros (Imagem 9).

São histórias⁵ sobre o “castelo da informática”, que, apesar de muito bem guardado, revela fragilidade diante das táticas e usos daqueles que o penetram e, em seu interior, pervertem o instituído, a despeito de toda a vigilância.

⁴ Leia no CAPÍTULO LXXI, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “O senão do livro”: Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, o cheira a sepulcro, traz certa contracção cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro é tu, leitor //tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, anda e parar, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...” (ASSIS, 1975 [1881]), p. 208.

⁵ Grafada assim, propositadamente, para garantir a aderência no âmbito da ficção, da verossimilhança, da conotação, das metáforas, enquanto características e elementos do gênero narrativo utilizado para esta comunicação. Veja Coutinho (2004)

E, finalmente, apresento um estudo sobre interação em atos de aprendizagem, já recuperando os elementos da pesquisa, discorrendo sobre o individualismo e alegria do *estarjunto*, facilitado pela comunicação na internet.

Trata-se, enfim, de uma pretensão: o exercício de registrar o ruído imperceptível das trepadeiras que se agarram nas pedras dos muros, o ranger das correntes que encerram os portões do “*castelo da informática*”. É depreender o instante do “pulo do gato” a fim de ouvir, sentir, ver o que “rola” nas comunidades praticadas, no “*nós é cria*”. Os *bytes* seguem suas sequências lineares, estruturadas. A vida segue hiperlinks adjacentes!

Foram estas as táticas que me permitiram e facilitaram as aproximações necessárias à itinerância da pesquisa, do pesquisador, dos pesquisados, porque efêmeras e fluidas como os diálogos, como as conversas de botequim. Muito mais porque entendo as aproximações condição para o interacionismo, base da comunicação, entre jovens estudantes nos *dentrofora* do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, a partir de agora, referenciado como “o *Barão*”, transparece, nas narrativas, os diversos tensionamentos inerentes à minha prática pedagógica: as subjetividades.

Sabendo ser a emoção o ímã a atrair estes jovens, este aproximar, com o uso da rede, incluindo os softwares sociais, perguntei a mim mesmo: Como o Orkut⁶ e o Facebook, potencializadores de emoções, redundaria na construção do conhecimento? Para dar conta de outras e novas perguntas, aceitei que as pesquisas nos/dos/com os cotidianos me permitiram a busca pelas respostas ou, ainda, por outros questionamentos, o que é natural, previsível e necessário ao fazer estas novas ciências na proposta do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Desta forma a presente pesquisa traz, como resultado, reflexões sobre os desafios trazidos pelas juventudes ao cotidiano das escolas; aos múltiplos espaços nos *dentrofora* das escolas, onde ocorre interação, dialógica; à tessitura das redes onde imperam as emoções, enquanto condição indispensável às aproximações.

E, em função deste resultado, a pesquisa contribui, através desta nova ciência – já praticada por muitos -, enquanto retorno tanto para a educação básica, quanto para a comunidade

⁶ Redes sociais mais usadas no país, com a audiência que atingem entre os 25,5 milhões de internautas residenciais: 1 - Orkut: 71,2%; 2 - Sonico: 6,8%; 3 - MySpace: 4,4%; 4 - Via6: 4,4% ; 5 - Facebook: 3,6% ; 6 - Multiply: 3,1%; 7 - Twitter: 2,7% 8 - Hi5: 2,6%; 9 - Habbo: 2,5%; 10 - Ning: 2,1% Fonte: o ranking é do Ibope/NetRatings, dados de março/ In: <http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/redes-sociais-mais-utilizadas> Acesso em 02/07/2011

acadêmica, especificamente, para a linha 1, do PPGEduc – Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas. Desta forma, creio ter avançado possibilitando, com o material pesquisado e analisado, subsidiar pesquisas futuras para que se possam compreender os mecanismos interativos e de colaboração entre estudantes, dentro do espaço de educação formal, interagindo com os demais espaços pedagógicos da cidade, assim como da rede social.

Nas palavras de Marcos Silva (2010), “comunicação, interação, interatividade são, para a sociologia do cotidiano, uma só coisa. São o cimento, o laço das agregações em torno da criatividade, partilhada do sentir comum.” (2010, p. 81).

Então, com esta “*efervescência vitalista*”, a fim de observar este “*partilhar de sentimentos*” (SILVA, 2010, p. 81), caçador de mim mesmo, peguei de alguns artefatos da antropologia, das ciências sociais, da comunicação, dentre outras ciências e, assim como os arqueólogos, iniciei nesta estrada a me distanciar para tentar as aproximações necessárias e características das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, protegendo-me da *cegueira epistemológica* (OLIVEIRA, 2007, p. 54), decidi-me, enfim, pela pluralidade epistemológica do mundo (SOUSA SANTOS, 2002), por sua inerente complexidade (MORIN, 2003; 2011), assim como pela abordagem multirreferencial (ARDOINO, 2003; BURNHAM, 1998).

Para o nosso autoconhecimento, seguimos, de trás pra frente, nossas sombras, nossas vozes, nossas almas. O nomadismo não só nos distancia da polis organizada em suas urbes. Ele nos promove atender ao chamado de nossa tribo. Em que isto vai dar? Quem sabe outros curiosos poderão encontrar as respostas às nossas descobertas.

Esta “idéia fundadora”, nas palavras de Michel Maffesoli (2011, p. 76-82), do caos ao cosmos, de gênese e declínio, é o que nos permite levantar a ponta do véu, devido à intrínseca relação entre o processo de iniciação e a educação. É necessário o afastamento para nos aproximarmos de nós mesmos. Segundo o sociólogo, compreendemos a “função do nomadismo”, levando em consideração que:

“há sempre o que é da ordem do movimento, do devir, antes de se estabilizar, de se institucionalizar; em seguida, transforma-se de novo [...]. No que se refere a esta temática, há grandes períodos em que vai predominar a dimensão instituinte da realidade, o aspecto dinâmico, o impulso vital, uma força que nada pode impedir de avançar. [...] Essa acentuação no devir, no efêmero, no que está sempre em potência, pode assumir, segundo os momentos, formas diversas; no entanto, sua realidade permanece inatingível.” (2011, p. 79).

Selecionar os agentes de minha pesquisa, entendidos aqui como eventos, histórias, pessoas, lugares, coisas, *i.e.*, tudo aquilo que compusesse as práticas nos/dos/com os cotidianos dos espaços de aprendizagem, não me tomou muito tempo, já que, acostumado à educação do olhar “[...] um dos elementos essenciais do procedimento sociológico que, em vez de *a priori* dogmáticos, apóia-se na capacidade de saber observar e saber ver, simplesmente” (MAFFESOLI, 2011, p. 94-95).

Atuando há mais de 30 anos na docência, já havia respirado muito pó de giz antes de apertar a primeira tecla de um laptop. Bem antes do datashow, já havia preparado muito slide em películas de acetato. Antes da impressora multifuncional, já havia cheirado bastante álcool do mimeógrafo. Apesar de sabedor que o processo de formação do educador jamais se completa, pois ele é dinâmico enquanto durar sua prática, entendi que já havia conferido o material necessário às incursões em minha mochila. Tudo pronto para registrar o que orienta a pesquisa-formação: o professor-estudante-pesquisador, no pleno exercício de suas funções, observar, registrar, analisar, levar aos sujeitos pesquisados suas *selvagens reflexões*, e retornar, para a academia, para outras reflexões, ciclicamente. Neste “pit-stop”, nada faz mais sentido para mim do que a retroalimentação deste circuito dodiscente-pesquisador freiriano, cujas palavras do maior educador brasileiro são estimulantes. Para o Mestre:

“Pensar certo, em termos críticos é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.” (2004, p. 29)

Portanto, com a tecnologia, não seria tão trabalhoso seguir as pegadas, ainda indeléveis. Nossos estudantes, em que eu me vi retratado, habitam os mesmos espaços por onde circulo, incluindo os mesmos meios de transporte coletivo. Do colégio à lan house da esquina. Do

ciberespaço, contemporâneo à feira, herança medieval, lá nos encontramos construindo saberes e promovendo parcerias.

Não querendo engessar os caminhos da pesquisa através de rotas previamente em mapas à semelhança dos métodos [meta e caminho], a próxima estação de transferência apresenta pegadas e pistas que entendi necessárias a melhor aproximação do universo e dos movimentos da pesquisa nos/dos/com os cotidianos onde se multiplicam as redes de conhecimento.

E, para esta compreensão, considere, sobremaneira, o fato de que “um projeto de pesquisa consiste basicamente em um pano para uma investigação sistemática que busca uma melhor compreensão de um dado problema”, não representando uma “camisa-de-força” ou, ainda, um contrato irrevogável, e, sim, “um guia, uma orientação que indica onde o pesquisador quer chegar e os caminhos que pretende tomar.” (ALVES-MAZZOTI, p. 149, 2004).

1 METODOLOGIA – MUITO MAIS DO QUE MÉTODOS: PARCEIROS E VISÃO DE CIÊNCIA

2.1 FAZENDO O CAMINHO COM OS DISPOSITIVOS ENCONTRADOS DURANTE O PERCURSO DA PESQUISA

Para a noção de redes cotidianas de conhecimentos, considerando a escola enquanto “fenômeno urbano dentro da qual seus praticantes entram prenhes dessas redes” (OLIVEIRA & ALVES, 2005, p. 1), assumi a utilização da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, como possibilidade de investigação sobre a comunicação dos jovens nos *dentrofora* da escola. Esta nova maneira de fazer ciência, nas palavras de Carlos Eduardo Ferraço (2008), faculta a “subversão da lógica cartesiana, na pesquisa educacional, especialmente na complexidade das redes de ações, representações e saberes tecidas/compartilhadas no cotidiano escolar.” (2008, p. 101).

Das aproximações entre o pesquisador, seus alunos e a pesquisa em si mesma, do currículo praticado (OLIVEIRA, 2005) subjaz o tensionamento da prática pedagógica – com eles e entre eles – de pesquisa científica no campo da comunicação. Além disto, por que muitos dos elementos do presente estudo movimentam-se, tanto no ciberespaço, quanto nos outros *espaçostempos* nos *dentrofora* do *Barão* justifico a utilização desta autora.

A multirreferencialidade (ARDOINO, 2003; BURNHAM, 1998) promovida por estas *estratégias efêmeras de pesquisa* (FERRAÇO, 2008), representa um procedimento que propicia a apreensão dos múltiplos significados, sob uma análise da cultura, do cotidiano (CERTEAU, 2009; BAUMAN, 2003) e das subjetividades (OLIVEIRA, 2002) possibilitando os estudos dos padrões do comportamento manifestos na rede, ao enfocar os fatos e/ou eventos em contextos interativos (SILVA, 2010). Tais *estratégias efêmeras* possibilitaram a inclusão de outros tantos métodos e metodologias necessárias à compreensão do movimento da pesquisa de como o conhecimento era construído (DEMO, 2000), na tessitura da rede de interações. Em função disto, lancei mão, também, da pesquisa qualitativa (LÜDKE & ANDRÉ, 1986), por encaminhar a análise através da observação direta, tendo, na escola e seu entorno, o ambiente natural e fonte direta para obtenção, descrição e análise dos atos praticados (OLIVEIRA, 2005), através

da observação do cotidiano escolar (TURA, 2003; OLIVEIRA & ALVES, 2008), apoiada pela descrição dos sujeitos, locais, atividades e da reconstituição de diálogos e de cenas.

O universo dos praticantes observado na presente pesquisa, dentro e fora do *Barão*, em seus cotidianos, deu-se em função de que eu já trabalhava na unidade escolar selecionada, em projetos desenvolvidos no laboratório há 03 anos, além de intermediar as questões referentes ao Grêmio Estudantil. Tal universo representa uma de suas 03 turmas do 1º ano do ensino médio, do período vespertino, com 25 estudantes, lotados no *Barão*, na zona oeste do Rio de Janeiro, sobre o qual falarei adiante.

Os encontros com a turma 1011 aconteciam em dois dias consecutivos, totalizando seis tempos de aula, durante as tardes de quinta dois tempos e sexta-feiras, quatro tempos. As idades variavam entre 15 e 16 anos, sendo a maioria egressa da rede municipal de ensino. Na sexta-feira, os alunos tinham quatro tempos seguidos comigo. Além disto, apesar de não contar com orientador tecnológico presente, a escola dispunha de técnico de informática⁷ todos os dias no laboratório, durante a tarde e manhã.

Sob sua responsabilidade estava o cuidado e manutenção dos equipamentos e do mobiliário, vigiando e disciplinando o comportamento dos alunos, o que veremos no “*castelo da informática*”, tanto através de sua máquina servidora, assim como com intervenções diretas aos alunos, que assinavam, em livro de registro, seus nomes, turmas, horário e atividade desenvolvida, a cada sessão.

Além de 02 impressoras em rede, o laboratório possuía 20 computadores, com Linux instalado e acesso banda larga à Internet (SEEDUC-RJ, 2008). Destes eram utilizados somente, 10 nas atividades on-line⁸, devido às limitações da velocidade de conexão, desempenho e manutenção das máquinas, o que propiciou o atendimento de turmas por grupos alternados. A arquitetura do laboratório dividia-se em dois ambientes: um, contendo 10 computadores, máquinas e estudantes em consoles individuais; outro, com outras 10 máquinas dispostas instaladas. Em princípio, fui levado a entender que se tratava de uma arquitetura toda preparada para incentivar o isolacionismo. Para confirmar, procedi a uma experiência: retirar os computadores dos consoles e dispô-los em uma só bancada com várias cadeiras giratórias. O fato

⁷ Contratado por empresa terceirizada, prestadora de serviços para a unidade escolar.

⁸ <http://www.google.com/url?q=http%3A%2F%2Froitberg.wiki.zoho.com%2FAtividades1011.html&sa=D&sntz=1&usg=AFQjCNGwaK0aXKgbNpWQIWZGpDKOwBwAg> Acesso em 14/08/2011.

é que, após esta mudança estrutural, observei alunos conversando bem mais, interagindo, ajudando na busca de um site, na utilização de uma interface, de um software, mostrando o que havia anotado, no caderno, ou o tópico estudado no livro (Imagem 21). A já cristalizada noção, que circula dentro das escolas, de que o jovem não lê e, porque não lê, não escreve e, porque não escreve, não se comunica, leva à falsa compreensão de uma atitude de isolamento, quanto este se encontra diante de um computador. Para isto, precisei manter uma certa cautela, pois, o computador tanto pode ser usado enquanto máquina assim como interface. E, em nenhum destes casos, por si só, promove distanciamentos, o que se prende a outros fatores. Ele tanto pode ser usado para rodar determinados jogos que não exigem parceria, aplicativos, semelhantes aos editores gráficos e/ou de textos, para cálculos, assim como para a ampliação dos laços de amizade, o que, na presente pesquisa, ficou demonstrado, na medida em que os usos dos celulares, com acesso à internet. Com “o mundo na palma da mão” (SANTAELLA, 2010), p. 231-251), permite este trânsito nas redes sociais, assim como dos computadores nas salas de informática, no laboratório das escolas.

O *Barão*, fonte daquilo que levo, conforme o título desta Dissertação, é uma unidade escolar, atendendo a turmas de Ensino Médio, nos três turnos, localizado em área privilegiada no centro de Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro. Imerso entre árvores centenárias onde havia uma fazenda de plantação de laranjas, ambiente que, junto com as quadras, a biblioteca, sala de aula, de vídeo e laboratório de informática compõem os diversos espaços pedagógicos da escola.

A região de Santa Cruz, cujo início do povoamento data do século XVI, desempenhou grande importância na economia, da Colônia à chegada da Família Imperial, passando pelo Estado Novo, ao processo de industrialização, já no século XX. Segundo [Sinvaldo do Nascimento Souza](#)⁹, recebera a visita de “vários viajantes europeus, como pintores, botânicos, comerciantes, e mineralogistas, entre os quais podemos citar Langsdorff, Debret, Ender Pohl [...]”. Entendida a pedagogia de maneira ampla, em uma abordagem multirreferencial (ARDOINO, 2003; BURNHAM, 1998), aquele já era um ambiente, há muito, praticado enquanto espaço pedagógico, além de sua importância mercantil.

Nos tempos do império esta imensa área compunha uma das maiores fazendas de café da colônia, também, por este motivo, localizava-se no mapa das estradas imperiais, por onde a

⁹ Consulte, para maiores informações, o site oficial do bairro, Santa Cruz RJ. In: <http://www.santacruzrj.com.br/historiadobairro/center.htm> Acesso em 15/08/2011.

comitiva imperial circulava. Tamanha importância tem o seu registro histórico-geográfico sinalizado através do marco 11, dentre outras fontes históricas, tombadas pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como, por exemplo, as ruínas de uma ponte sobre um rio, a [Ponte dos Jesuítas](#)¹⁰, datada de 1752.

Agregando a estas leituras sobre os fatos histórico-geográficos que me permitiram aproximações dos praticantes e dos diversos lugares por onde transita a pesquisa-pesquisador-pesquisado, passo à compreensão e o uso das tecnologias, através dos dispositivos móveis, como os celulares, enquanto artefatos sociotécnicos, utilizando-me da abordagem multirreferencial.

Desta forma, seguindo o desenvolvimento e os movimentos inerentes às pesquisas nos/dos/com os cotidianos, a próxima seção, além de ampliar o que já foi estudado, apresenta reflexões sobre as estratégias pedagógicas de utilização destes conhecimentos nas redes de conhecimento, incluindo os diversos espaços de aprendizagem nos cotidianos escolares e, leva à discussão, os conceitos de virtualidade e realidade, em relação aos *avatares*, *nicknames* e *fakes*.

Descreve, também, os dispositivos da pesquisa, introduzindo análises dos atos dos praticantes capturados em um software social, o Orkut, os movimentos tribais e as pixações, enquanto pegadas, que, seguidas e analisadas pelo pesquisador, permite uma melhor compreensão das estratégias dos praticantes, tanto no ciberepaço, quanto em outros espaços de multiplicação de conhecimentos.

2.2 MULTIRREFERENCIALIDADE NOS COTIDIANOS ESCOLARES: DA OBSERVAÇÃO ÀS SENSACIONES

2.2.1 A organização da turma enquanto comunidade de aprendizagem

O trabalho junto à turma 1011 foi iniciado no dia 05/08/2010, quando o professor apresentou a proposta explicando seu teor de pesquisa para sua dissertação de mestrado, assim como para o desenvolvimento do conteúdo previsto para o segundo semestre, a saber: gêneros e suportes textuais, assim como uma revisão de gêneros literários.

Relevo a utilização da multirreferencialidade, enquanto abordagem de pesquisa no campo da comunicação, e, mais ainda, enquanto postura epistemológica, porque de crítica e de criação científica, na medida em que muitos dos elementos do presente estudo localizar-se-ão no

¹⁰ Consulta à ficha historiográfica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. In: http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1781 Acesso em 15/08/2011.

ciberespaço, em específico, em páginas de relacionamento virtual. Além disto, adotando uma perspectiva multirreferencial, possibilita-se descrever os significados sob uma análise da cultura da juventude, considerando-a responsável por “abarcando o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, “*o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social.*” (GARCIA CANCLINI, 2009, p. 41).

Considere, ainda, que “tanto professores quanto alunos são portadores de teorias, na medida em que têm determinadas convicções e esta aproximação compreensiva se entrelaça com práticas vividas e leituras realizada. (OLIVEIRA & ALVES, 2008, p. 97).

Assim sendo, entendo como esclarecedores, para o estudo dos eventos que se dão no cotidiano escolar, as pesquisas de Oliveira e Alves (op cit.) e, para dar conta do assujeitamento aos padrões da estética, as de Miskolci (2006), através da observação de comportamentos manifestos na rede, enfocando, ainda, os fatos e/ou eventos em contextos interativos.

Quanto à análise da interação com a utilização da internet, considere o processo da atividade desenvolvida com utilização das interfaces virtuais entre alunos e professor (Apêndice C), através de 1) documentos gerados no software wiki representados pelas fichas de avaliação, organização e acompanhamento das tarefas desenvolvidas; 2) produto da atividade representado pelos textos elaborados colaborativamente; 3) utilização das diversas ferramentas interativas acopladas no Orkut, a fim de compreender as maneiras de apropriação da tecnologia digital por parte da juventude, e sua utilização na aprendizagem colaborativa, nas redes sociais.

Para que pudesse entender, tanto a natureza da colaboração, assim como ela ocorria, partindo, inicialmente, de um contato físico, potencializador das emoções (MATURANA, 2009) e, daí, para um ambiente de comunicação virtual, efetuei a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, ao mesmo tempo em que desenvolvia os conteúdos de Língua Portuguesa, enquanto professor daquela turma, focando nos seguintes dispositivos:

- O processo da atividade desenvolvida: representado pela utilização das interfaces virtuais para interação entre os estudantes e professor;
- Os documentos gerados na interface wiki representados pelas 126 (cento e vinte e seis) fichas de avaliação, organização e acompanhamento das tarefas desenvolvidas.
- O produto da atividade: os textos elaborados colaborativamente e os vídeos produzidos e publicados na rede.

- As ações sociais como sucedâneo uma reflexão crítica participativa.

Estas foram as estratégias didático-pedagógicas adotadas enquanto professor de língua portuguesa, para subsidiar a seguinte pesquisa, cujo foco é estudar os atos comunicativos dos estudantes na rede, que me permitiram reflexões a respeito da relação entre as interações e a aprendizagem.

2.2.2 OS CUIDADOS COM A PRESERVAÇÃO DA IMAGEM E SEGURANÇA DOS JOVENS DA PESQUISA

- Um diálogo necessário entre o pesquisador, praticantes, responsáveis, escola e Universidade.

Como iríamos desenvolver diversas atividades com a internet, tomei todas as medidas cautelares possíveis. Apesar de ter solicitado autorização¹¹ (Apêndice E) para a utilização deste material, que apresenta resultados parciais sobre interação, através da produção textual de alunos do ensino médio em redes de cultura, tanto escrito, quanto gravado, filmado e fotografado aos alunos, responsáveis e direção da escola, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o direito à preservação da própria imagem¹², conforme a Constituição Federal e os preceitos da *Netética* (SANTAELLA, 2007), as fotos capturadas do Orkut, assim como as registradas em outros espaços, ou foram reduzidas ou receberam tratamento gráfico a fim de preservar a identidade, tanto dos praticantes observados na pesquisa, quanto os demais que, de uma forma ou de outra, aparecem interagindo com os estudantes, ou direta ou indiretamente, com os questionamentos da pesquisa.

Tais imagens, após colagem no Microsoft® Paint, foram abertas e editadas no PhotoFiltre 6.5.2 (3/2/2011), registrado por Antônio da Cruz® (2001; 2010). Disponível em <http://www.photofiltre.com>. Utilizei, para tanto, da ferramenta de borrar imagens – “*Smudge Tool*” – deste software gratuito, procedendo a edição e colagem no texto definitivo, gerado no

¹¹ Da totalidade das autorizações, de todos os responsáveis pelos 25 (vinte e cinco) jovens estudantes freqüentes que compunham a turma 1011, denominados praticantes, na presente pesquisa, cujas identidades foram preservadas, reproduzo os 11 (onze) documentos assinados tanto pelos responsáveis quanto pelos estudantes. O motivo prende-se ao fato de que os mesmos ou foram citados direta ou indiretamente, mesmo através de nomes falsos, ou ainda, tiveram suas imagens e/ou intervenções no Orkut reproduzidas, com ou sem suas fotografias, incluindo as registradas nos diversos ambientes em que a pesquisa se desenvolveu, incluindo o colégio, em cuja secretaria os originais encontram-se arquivados, para consulta dos interessados.

¹² Decidi pela palavra imagem, em detrimento da palavra figura, em função, tanto de meu referencial teórico, assim como os estudos e publicações do Grupo de Pesquisa Estudo de Imagens, Educação e Arte (UFRRJ).

Microsoft Office® Word 2007. Para as marcas de instituições ou de produtos, também tomei os cuidados necessários, ou fazendo a referência direta no corpo do texto, ou, ainda, aplicando uma das ferramentas gráficas do PhotoFiltre. Somente mantive aquelas utilizadas metaforicamente, as presentes em cartazes de eventos já divulgados, ou, ainda, quando foram imprescindíveis na composição da narrativa de algum dos estudos da presente pesquisa.

O avatares dos perfis dos praticantes, no software social Orkut, somente foram preservados, em função dos questionamentos da pesquisa, porque são representações dos praticantes: através de *nicknames*, os praticantes se protegem, não pondo em risco as suas identidades (TURKLE, 1997). Para a autora

“a Internet é outro elemento da cultura do computador que contribui para encarmos a identidade como multiplicidade. Nela, as pessoas têm a possibilidade de construir sua personalidade alternando entre muitas personalidades diferentes.” (1997, p. 263),

Já para Lúcia Santaella (2007), retomando a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1994), agregando a seus estudos de semiótica, rejeita a oposição virtual ou real, virtual ou físico. Diversa da argumentação de Sherry Turkle (1997), desta forma, Lúcia Santaella (2007), apresenta o fenômeno enquanto complementaridade entre *corpos físicos* e *corpos alternativos* (Idem, p. 202-206), propondo que:

“antes de pensarmos o mundo, estamos no mundo e, nessa condição, “precisamos reconhecer o indeterminado como fenômeno positivo (Idem, p. 27¹³). Assim, “a unidade espacial e temporal, a unidade intersensorial ou a unidade sensoriomotora do corpo são, por assim dizer, de direito”. Elas “não se limitam aos conteúdos efetiva e fortuitamente associados no curso de nossa experiência”. De certa maneira, “elas os precedem e justamente tornam possível sua associação” (idem p. 145). Nessa medida, as vicissitudes da expansão perceptiva que o ciberespaço apresenta, embora transformem, não são capazes de quebrar a unidade tempo-espacial e intersensorial do corpo, pois esta unidade lhe é imanente, uma unidade que lhe é concedida “enquanto o corpo está polarizado por suas tarefas, enquanto existe em direção a elas, enquanto se encolhe sobre si para atingir sua meta” (idem, p. 147) justo o que ocorre quando a percepção, envolvendo todo o corpo em integração indissolúvel com a mente, se debruça sobre as redes de signos, sobre os artefatos e arquiteturas líquidas do ciberespaço.” (SANTAELLA, 2007, p. 203)

¹³Referência a HANSEN, Mark B.N. New philosophy for new media. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2004; Bodies in code. Interfaces with digital media. Nova Yoork: Routledge, 2006.

Tomando, então, todas as precauções cabíveis, tanto com a preservação da imagem quanto com a segurança dos estudantes, através do uso da internet, as atividades foram desenvolvidas, não só no laboratório do *Barão*: utilizamo-nos de todos os espaços físicos da unidade escolar, registrando nossa produções em uma [interface wiki](#)¹⁴, criada, exclusivamente, para os eventos pedagógicos da atual pesquisa. Sua função primeira, enquanto dispositivo de pesquisa (Apêndices A, B, C, D), era a de centralização dos elementos registrados para posterior leitura e análise assim como a publicação de fotos e de vídeos em um ambiente virtual restrito aos professores, à direção da escola, alunos e ao orientador desta pesquisa.

Tal movimentação tomou por base o fato de que a interação social dos alunos amplifica-se do entorno escolar para o interior da escola e daí, para os diversos espaços físicos de aprendizagem reforçada pela utilização de uma metodologia que prioriza a colaboração em detrimento do individualismo; a solidariedade, no lugar do egoísmo (MATURANA, 2009); a comunicação dialógica (FREIRE, 1983), horizontal, de A com B, no lugar da informação de A para B (SILVA, 2010).

A fim de compreender este paradoxo, que dinamiza o movimento (MAFFESOLI, 2011), entre uma educação emancipatória, humanística, e a implementação tecnológica no paradigma dominante, considere a existência de uma contraparte na recepção ativa verificada na prática cotidiana dos nossos usos da tecnologia.

Muitas das vezes, percebi improvisos nos usos e adaptabilidade às tecnologias de informação e comunicação (CERTEAU, 2009), nos diversos espaços pedagógicos vivenciados, durante o ano de 2010, vivenciando, construindo e praticando o cotidiano do *Barão*, no *Barão*, do *Barão* para os diversos espaços onde se ampliava a rede de saberes entre os praticantes da pesquisa, o ciberespaço (SANTAELLA, 2007).

A estrutura da pesquisa seguiu a lógica da amplificação do espaço de aprendizagem formal constituído pela sala de aula, para a escola como um todo, o mesmo acontecendo no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Entendendo que a aprendizagem ocorreria no movimento do *Barão*, no *Barão*, do *Barão* para as *lans*, entre os estudantes em diversos outros *espaçostempos*, inicialmente, os alunos, após terem recebido explicações na sala de aula, dirigiam-se ao laboratório de informática da escola e acessavam a página de sua turma e, posteriormente, de seu grupo.

¹⁴ Disponível em <http://www.wiki.zoho.com/CEBarao.html> Acesso em 14/08/2011.

Muitas foram as vezes que percebi que, a despeito do espaço para o qual eram convidados a se encaminhar e das instruções, carregavam com eles mochilas, cadernos e celulares (Imagem 3), como em movimento tribal (MAFFESOLI, 1998) em que clama o nomadismo do século XXI, ressaltando, com as palavras de Marc Augé, a cautela na aproximação conceitual, na medida em que:

“os nômades classicamente estudados pelos etnólogos têm o sentido do lugar e do território, o sentido do tempo e o do retorno. Esse nomadismo é então diferente do que chamamos metaforicamente de nomadismo para falar da mobilidade atual [...]” (2010b, p. 15).

A fim de organizar a turma enquanto comunidade de aprendizagem (TRINDADE & COSME, 2010), lá encontram as atividades a serem desenvolvidas durante a semana e, após procederem ao início da mesma, fazem suas inserções, tanto na subpágina que eles criaram para os seus respectivos grupos, assim como, ao finalizarem as tarefas do dia, registram suas impressões, em seus diários pessoais.

Como a pixação exige cautela no que se compreende como uma simples agressão aos olhos dos que não treinaram o olhar para as produções das juventudes, através de suas *escritas-imagens* (BERINO, 2011), pensei em garantir um espaço virtual para este seus atos de comunicação, diferente dos *espaços instituídos para pixação*, que, guardando as características de suporte, não se afastasse completamente de finalidades originais, da transgressão, do proibido, enfim, da imagem, ao mesmo tempo, *como subversão e como memória* (MANGUEL, 2001).

Para o Berino (2011),

“a vida nas escolas são ardências (picantes ou queimaduras) que motivam impressões que os jovens comunicam através de pequenos textos, mais fáceis de registrar e espalhar, contra as censuras e vigilâncias. Podem terminar constituindo uma extensa rede de significações sobre os sentidos que atribuem ao lugar – as direções da escola e os caminhos” (2011, p. 8-9)

Procurando no *currículo em ação* estratégias e os usos que possibilitassem o desenvolvimento desta atividade transgressora a ser cometida pelos estudantes, sem danificar o patrimônio do colégio, e que, ao mesmo tempo, não aparentasse “carentice” ou assemelha-se à “pagação de mico”, conforme a gíria vigente na época, significando as coisas do mundo adulto, reservando um espaço físico destinado para tal, pensei nas páginas de construção coletiva, na

[interface wiki](#)¹⁵, para as quais eles foram convidados a deixar recados e outras escritas-imagens, pertinentes ou não, ao trabalho realizado, no mural da turma (Imagem 21), o que será retomado em outra narrativa.

Tentando continuar com este movimento, com esta dinamicidade, potencializada pela escrita em hiperlinks, semanalmente, deixava comentários e instruções para atividades que teriam ou não solução de continuidade, de acordo com o interesse e participação da turma, para o que, a toda aula eram desafiados.

Assim sendo, entendi que a escrita-imagem dos estudantes, utilizando-se de diversos suportes, desde os muros, onde o spray substitui a caneta; o ecrã, onde atua o teclado até a folha de papel, através de diversos gêneros textuais poderiam facilitar o letramento digital e promover momentos para o interacionismo, em busca da construção do conhecimento, face à aproximação inerente. Para Berino (2011),

“não se pode recusar também o reconhecimento de que as elaborações juvenis são frequentemente poéticas, que escrevem procurando beleza na própria forma de dizer. Suas escritas são belas imagens. Não são no sentido de que são, exatamente “requintadas” pelo domínio de uma técnica. O que existe é o apuro de uma escritura tocante, puramente devota do olhar. Assim são feitas, para que se tornem cativantes diante de quem as encontre. Ou, para que o próprio artista humanize o que lhe ocorre de modo selvagem. O mais humano da arte é a busca de uma tradução solidária para ao que parece ser o mais silencioso de cada um. As imagens juvenis procuram destinos – outros destinos. Vontade de exprimir aquilo que vaga dentro de nós mesmos, aparentemente sem forma ou linguagem.” (2011, p. 9).

Desta forma, tanto o livro quanto o tablet; tanto o lápis quanto o teclado, podem e devem compor as interfaces na construção do conhecimento, no paradigma que, muito rapidamente, se apresenta, juntando o palimpsesto ao hiperlink (CHARTIER, 1998), o presente, com o passado com o amanhã, posto que as noções fluidas dos diversos *espaçotempos* exigem esta versatilidade do professor para a sociedade atual.

É-lhe exigido, minimamente, a compreensão de que em um mesmo espaço geográfico, de uma mesma cidade, de um mesmo bairro, há indivíduos vivendo tempos diferenciados, como, por

¹⁵ Disponível em <http://www.wiki.zoho.com> Acesso em 19/08/2011

exemplo, uma carroça sendo puxada por um cavalo, fazendo frete, parada no semáforo de uma avenida da zona oeste, do Rio de Janeiro, em frente ao Barão, ao lado de um potente automóvel.

A compreensão destas múltiplas realidades urbanas, agregadas ao conhecimento dos cotidianos dos estudantes, onde vivem, por onde circulam, o entorno do colégio em que atua, é necessária à formação de um profissional competente, tanto quanto o domínio do conteúdo e as noções da didática. Esta é uma das condições para a prática do currículo, promotora da autonomia: a leitura do mundo, pois, na concepção de Jacques Ardoino (2003), citando R. Vatier:

“Contrariamente aos axiomas que têm estruturado os sistemas educativos ao longo de nossa história recente, a escola, a formação continuada, a animação não devem “dar as costas à vida”, mas preparar para ela. A competência não é nem o fato do desenvolvimento de dons inatos, nem única consequência do estoque inicial de informação dispensado nos anos úteis por uma formação de qualidade que segue a uma seleção cuidadosa, mas é um processo interminável inacabado, de formação continuada, na qual a alternância entre a experiência, a prática e as ocasiões de reflexão crítica, assim como as necessárias aquisições de conhecimento, reduzida ao essencial, desempenham um papel decisivo.” (R. Vatier, *apud* ARDOINO (2003, p. 126)

Segundo Marc Augé (2010b), a coexistência de duas realidades urbanas, misturando elementos de metrópoles e “os terrenos baldios das zonas periféricas” (2010b, p. 90), caracterizam a cidade “ao mesmo tempo uma ilusão e uma alusão”. Para o autor:

“A cidade é então uma figura espacial do tempo onde se conjugam presente, passado e futuro. Ela é, por sua vez, o objeto da experiência sideral, da lembrança e da expectativa. Mas sempre soubemos que em matéria de cidade e de urbanismo, a expectativa e a lembrança eram concernentes à coletividade, ao indivíduo e às relações que os unem.” (2010b, p. 89)

Como mobilidade, espaço e tempo são categorias indissociáveis, entendo, para a presente pesquisa, tais noções tomadas de Lúcia Santaella (2010) ao correlacionar velocidade, extensibilidade, acessibilidade à mobilidade, ponderando que “lugar, espaço e mobilidade são palavras-chave no tratamento dos espaços híbridos (SOUZA & SILVA, 2006), que [prefere] chamar de “espaços intertisciais” (SANTAELLA, 2007a; 2008), ou seja, misturas inextricáveis entre os espaços físicos e o ciberespaço, possibilitadas pelas mídias móveis.” (SANTAELLA, 2010, p. 99).

A constante mudança dos espaços pedagógicos, espalhados por todo o espaço dentro e fora da escola, diz respeito, não só a criar autonomia e responsabilidade, como, também, gerar estímulos de aprendizagem com a introdução da novidade e a quebra dos modelos ancorados na rotina da instrução (SASO et al. 2006 ; TRINDADE & COSME, 2010).

Tal complexidade, a ser analisada, para Teresinha Froes Burham (1998), “requer o olhar por diferentes óticas, a leitura através de diferentes linguagens, enfim, a compreensão por diferentes sistemas de referência [...]” (1998, p. 44).

A fim de contar com a participação de grande parte da turma, nas tarefas desenvolvidas, distribuí os grupos, já com as suas respectivas tarefas, e tempo a serem observados, nos diversos ambientes de aprendizagem.

No *Barão* – quadras, biblioteca, sala de aula, de vídeo e laboratório de informática (Imagem 19) – compõem os espaços pedagógicos da escola, compreendidos como potenciais espaços de construção de conhecimentos. As pesquisas orientam para estudos sobre aproveitamento destes outros universos de manifestações culturais, caleidoscópio multicolorido da juventude, integrando este *currículo líquido* nas ações educativas dentro dos espaços de



Imagem 1

formação institucionalizada talvez seja um dos principais desafios para o educador. Assim sendo, torna-se necessária “a criação cotidiana de alternativas curriculares numa perspectiva progressivista – coletiva, solidária e dialógica – como prática da utopia, na medida em que configura a ‘inserção da novidade utópica no que nos está ai próximo’[...]” (OLIVEIRA, 2005, p. 147).

Por ser uma escola de referência e tradicional na região, o *Barão* recebera toda a maquinaria necessária para o cumprimento das políticas educacionais vigentes que entende, assim, estar aplicando na melhoria da qualidade do ensino.

Assim sendo, não me furtei a negociar com eles um planejamento para utilização destes espaços, com prévio agendamento com os demais professores registrado nos documentos respectivos do *Barão*, a fim de que, democraticamente, todos pudessem ser beneficiados com a riqueza do colégio.

Analizando os *scraps* (mensagens curtas, deixadas nas páginas do Orkut¹⁶), depoimentos e comunidades visitadas pelos estudantes, assim como nos convites postados, havia uma necessidade extrema de não permanência em um só lugar.

Para muitos estudantes, a facilidade de enviar pequenos textos e mensagens utilizando-se de softwares sociais, como o Orkut e Facebook, pede-nos uma releitura dos usos que estes praticantes fazem destes dispositivos sociotécnicos no tocante ao processo de interação. Segundo Lúcia Santaella (2008):

“Com as redes de comunicação móveis baseadas em localizações ressurgem os pontos de encontro no espaço físico de um ambiente urbano. O parâmetro da localização geográfica é assim reintroduzido, nas atividades que continuam sendo mediadas por computador. O espaço virtual em que a comunicação ocorre é mapeado para o espaço físico habitado pelos corpos materiais dos participantes. Assim, o contexto espacial virtual é mapeado no mundo físico e o contexto espacial híbrido resultante torna-se a arena do processo interativo.” (2008, p. 131)

Em consonância com esta tendência dos estudantes, de posse deste conhecimento, semanalmente, procurei variar a utilização dos espaços de aprendizagem do *Barão*, como se davam suas atividades de lazer, suas práticas sociais. Não poupei a utilização do laboratório, do *debaixo das árvores*, ao ar livre (Imagem 1), evitando, ao máximo, a utilização da sala de aula, a não ser, para a explicação das tarefas da semana e alguns ajustes necessários, tendo em vista a rejeição por parte dos alunos nas aulas dentro das salas, considerando seus constantes pedidos a que as aulas ocorressem em qualquer lugar, menos ali. E por que não?!

2.3 OS INSTRUMENTOS DE GESTÃO DAS ATIVIDADES EDUCATIVAS

- Selecionando o material de pesquisa e analisando os dados obtidos

¹⁶ Tais recados curtos, deixados nas páginas do Orkut, revelam símbolos caracterizadores do internetês, a linguagem característica dos jovens na internet.

Utilizando-me da “abordagem temática” e dos “instrumentos de gestão das atividades educativas” (TRINDADE & COSME, 2010, p. 106-127), organizados por três categorias nucleares (planificação, pilotagem e avaliação/regulação), ao mesmo tempo em que as tarefas iam sendo desenvolvidas, construí, com a turma, uma [página wiki](#)¹⁷, onde eu, também, tinha um espaço reservado, tanto para o meu diário quanto para o meu planejamento (Apêndices A, B).

Inicialmente foram criadas as destinadas às tarefas, aos diários e ao mural, ampliando para as referentes aos registros das leituras, as tarefas individuais, aos planos de projetos e de tarefas de acordo (Apêndice C) com gradativo e diferenciado desenvolvimento individual em cada tarefa.

A simples observação, na barra lateral do software (Imagem 44), permite a visualização das últimas atualizações dos alunos, elegendo o critério da inserção de novas subpáginas enquanto instrumento de gestão. O critério utilizado foi, novamente, o de ampliação, *i.e.*, o que seria da competência exclusiva do aluno, de seu grupo, da turma e de toda a comunidade (BAUMAN, 2003).

Para se retratar os fenômenos observados da forma mais completa possível, fiz a opção pela triangulação (LÜDKE & ANDRÉ, 1986), fugindo ao estatuto hegemônico, cartesiano (BURNHAM, 1998) procedendo a análise dos dados em três fases simultâneas ao desenvolvimento do projeto, cada uma com a sua respectiva metodologia: a documental e bibliográfica (LÜDKE & ANDRÉ, 1986); a de entrevistas – fase em que os agentes da educação emitiram os conceitos sobre o seu relacionamento com as novas tecnologias de informação e comunicação – NTIC – e sobre eles mesmos) além da observação participante e das anotações e intervenções dos sujeitos, nas 126 (cento e vinte e seis) unidades de pesquisa, representadas pelas páginas wiki (TRINDADE & COSME, 2010), que possibilitou desvelar as manifestações dos praticantes, em seus usos, no seu letramento digital, nas suas interações, nas suas emoções, elementos indispensáveis ao sucesso quando se pensa em educação, em construção do conhecimento, que nem sempre se dá sem atritos¹⁸, sem riscos, ainda mais quando se trata de juventudes.

¹⁷ <http://www.roitberg.wiki.zoho.com/> Acesso em outubro, 2011.

¹⁸ Tratando-se de uma apropriação vocabular, considerei para a pesquisa o significado etimológico da palavra *tribo* aproximando-se da “ideia de atrito (do grego *tribé*), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam.” (BLASS & PAIS, 2007, p. 12).

Apesar de considerar os perigos em se aproximar a Teoria Crítica com os estudos nos/dos/com os cotidianos, ainda alimento a utopia freiriana, assumindo os riscos inerentes, pois são os perigos desta vida que garantem a emoção e sem emoção não há construção de conhecimentos. Talvez, o que tenha me aproximado destes praticantes tenha sido esta identificação com a capacidade de sonhar. Esta identificação, em momento algum, significou um afastamento de minhas funções inerentes ao exercício do magistério. Muito pelo contrário. Muitas foram as oportunidades em que pude levar ao debate situações além do conteúdo escolar, além do currículo formal, subvertendo a ordem do sistema, o que é prática no magistério.

Não sem razão, Sousa Santos (2002) pede cautela ao se apontar as armas para os utopistas, propondo alternativas para a transição paradigmática. Para o autor:

“Os grupos sociais interessados na emancipação não podem, hoje, começar por defender a coerência e a eficácia das alternativas emancipatórias, sob pena de confirmarem e aprofundarem a sua inverossimilhança. Nestas condições, não resta outra saída senão a utopia. No trilho aberto por ela, o conhecimento emancipatório irá consolidando a sua trajetória, epistemológica, do colonialismo para a solidariedade. Assim se irá criando uma nova bitola de conhecimento e eficácia que torne a emancipação menos óbvia e mais verossímil.” (2002, p. 329)

Neste sentido, *levar à mesa do botequim* Marcuse e Maffesoli, até podemos (e devemos). Os paradoxos da complexidade legitimam tais aproximações destes aparentes antagonismos: através da abordagem multirreferencial, dialogar com referências possíveis, para tentar compreender o que se pesquisa. Assim sendo, entendi como produtivo aquilo que favorecesse diálogos para que, na tessitura, pudesse ter uma noção bem mais aproximada. Assumo a necessidade de ser um sonhador esclarecido, a fim de exercer a docência. “É preciso saber começar, e o começo só pode ser desviante e marginal”, escreve Edgard Morin (2003, p. 101), sobre as contradições na educação que, aqui, trago para a presente pesquisa. Este é o limite!

E foi exatamente devido a esta minha opção que levei à sala de aula propostas que estimulassem debates sobre a “fábula do consumo” (SANTOS, 2006), que alimenta a indústria dos celulares e afins, da política e da economia, em uma abordagem multirreferencial.

Sem fazer apologia de um gosto em detrimento do outro, adotando o viés polarizador, pode-se chamar a atenção para o fato de que os meios de comunicação, a serviço da *Indústria Cultural* (HORKHEIMER & ADORNO, 1985 [1947]), ao mesmo tempo em que propiciam entretenimento e distração, agenciam “valores de troca”, impedindo uma postura crítica diante

daquilo que nos é apresentado enquanto “valores culturais”. Entretanto, bem mais do que ceder aos apelos da propaganda, a identificar o consumidor com determinado nível social (Idem), são as maneiras com que nos apropriamos daquilo que se nos apresenta, nos usos e fazeres cotidianos, que irão determinar a nossa impregnação por uns e por outros valores, protegendo-nos, assim, das estratégias de alienação. Entender as juventudes enquanto massa consumidora é desprezar todo o desenvolvimento das pesquisas que demonstram o contrário. O referencial teórico sobre as culturas juvenis, suportado pela metodologia selecionada, busca afinidade tanto com as constatações de Massimo Canevacci de que é incoerente contê-las na ânsia de definições científicas, assim como apreendê-las “[...] *em abordagens generalistas. Fluidas e cambiantes, transbordam pelos poros da metrópole, organismo vivo a respirar no retorcer de um caleidoscópio de multivíduos.*” (2005, p. 34), atestando, sim, a existência de todo um conhecimento praticado por estas juventudes que precisa ser apreendido pelos educadores. O movimento inerente aos cotidianos das escolas pede, não só a entrada deste conhecimento pelas portas da frente, como, também, sua inclusão nos currículos, pois, o saber, considerado com subalternidade pelos professores, no máximo, compõe a parte diversificada do currículo escolar. A arrogância de alguns, além de responsabilizar-se por grande parte da evasão escolar de muitos, promove o medo na aprendizagem. O fascismo caracteriza este tipo de relação de empoderamento. O conhecimento, como forma de autoafirmação por parte do professor, muitas vezes faz com que este “coloque seus alunos nos devidos lugares”. Não é preciso recorrer à categoria do *habitus*, de Bordieus para atestar que, em muitas salas de aula o professor pensa que detém o cetro da sabedoria. Mal sabe ele das táticas praticadas diante dos seus olhos para ridicularizar a figura patética destes “mestres” conservados pelo formol da didática da “reguacassetete”. O velho mestre não escuta, não vê e não enxerga. E por não se sensibilizar com estas juventudes passa alheio à pilhéria com que sua figura é exposta nas comunidades do Orkut¹⁹, nos *scraps*, nos depoimentos e nas enquetes sobre as aulas mais chatas e os *professores mala*²⁰.

¹⁹ Até o presente, contabiliza-se 678 comunidades destinadas a este tipo de desabafo variando de mais de 6 mil membros, até 1. A comunidade “Eu odeio professor frustrado”, até a presente data, conta com 6.843 membros. Em <http://www.Consulte> “Eu odeio...” <http://www.orkut.com.br/Main#Community/cmm=4423278> Acesso em 20/08/2011.

²⁰ Lê-se no perfil de uma das comunidades “Se você é uma daquelas vítimas de professores malas, proteste ao extremo, para que esta espécie seja extinta pra sempre.” Encontra-se registrada no perfil da comunidade “Professor mala? Eu odeio”:. Em <http://www.orkut.com.br/Main#Community/cmm=3575053> Acesso em 20/08/2011.

Uma outra pedagogia deve ser praticada: que extraia das coisas simples o conhecimento que, fazendo sentido, possibilite outros usos. Uma pedagogia que incorpore o que é cultural para o jovem estudante. A educação deve aprender com outras ciências, como, por exemplo, com a medicina, cujo profissional, bem mais que na universidade é formado na prática, nos *dentrofora* da universidade, dos hospitais-escolas, no dia a dia. A residência, comparada ao estágio docência, ultrapassa-o. Ela é mais do que um estágio-docência para o futuro professor, que apenas observando, faz anotações sobre como o professor titular orchestra as suas turmas. O residente pratica desde a auscultação de um ronco de asma até a anamnese de um quadro de amigdalite, e, considerando a realidade dos nossos hospitais, às vezes transformados em verdadeiras tendas de guerra em campos de batalhas, pratica desde a traqueostomia à massagem ressuscitadora. Há muito não mais se despreza o conhecimento que o paciente traz sobre si mesmo que precisa ser escutado pelo residente, o sentir integral, em plena harmonia entre aqueles que praticam a medicina, não mais separados entre médicos e pacientes, pois todos precisamos dedicar esforços para uma vida plena. E vida, no paradigma da complexidade, é muito mais que respirar, apresentar batimentos cardíacos ou ter um sistema nervoso central promotor de ondas cerebrais. A pesquisa nos/dos/com/ os cotidianos possibilita, ao invés da simples observação, a sensibilização do educador, que lhe permite aproximar-se dos estudantes. Observar não é suficiente para um diagnóstico face a uma educação doente. O professor-pesquisador-aprendente aprende, no cambiante fluxo da construção de si mesmo e é isto que move a pesquisa: a construção do pesquisador, o estar com o outro, horizontalmente, fraternalmente, aproximando cultura das demais culturas. E, como estudantes e docentes usam rotineiramente os serviços da web, como se estivessem em uma conversa informal com outros amigos, existe a possibilidade de esta aproximação ultrapassar o aprender, *p. ex.*, como fazer o “*download*” de um software que sirva de interface para rodar um programa (o que não seria nada de ruim). Trata-se de incluir em seu “mundo adulto” uma possibilidade de entendimento que as juventudes é um constructo cultural e, é esta cultura que pode vir a colocar em xeque as certezas cristalizadas que emperram as dobradiças das pesadas portas dos castelos em que o conhecimento continua sendo guardado, resguardado, protegido dos que não puderam a ele ter acesso, o que será visto mais adiante.

Apesar de ter definido o que, como, quando e porque pesquisar, o que mais me inquietava, entretanto, era a percepção dos paradoxos, da modernidade ao contemporâneo, na obra de Edgar Morin, assim como nos estudos e pesquisa, inicialmente, no Grupo de Pesquisa em

Formação Docente e o Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia de Informação e Comunicação em Educação Matemática, ambos na UFRRJ. Recentemente, precisei ampliar minha bibliografia para a compreensão da Cibercultura e das mídias móveis, para a utilização na educação. Daí, as minhas incursões no GPDOC – Grupo da Pesquisa Docência OnLine e Cibercultura (UERJ) além das visitas e contato com a produção do GRPESQ – Grupo de Pesquisas Estudos Culturais em Educação e Arte (IM/UFRRJ-IART/UERJ), a fim de efetuar as devidas correções no rumo da navegação entre as imagens em/com que se inscrevem as juventudes. Mas, alguns esclarecimentos de Michel Maffesoli, somados ao constructo nos diversos outros autores estudados, agiam como elo entre mim e estes personagens que tecem minhas narrativas e, comigo, compõem estes mosaicos de histórias sobre o cotidiano escolar. O “homem que está à escuta do capim crescer” (MAFFESOLI, 2011; p. 9-13), em “O tempo das tribos” (1998) e Elogio da razão sensível (2008), junto à leitura de suas entrevistas e os vídeos postados no youtube, foram benfazejos. Muitas das minhas desconfiças, só encontraram respostas, com o apoio do autor, associando a sociologia à filosofia, de minha formação no antigo Instituto de Filosofia e Letras, nos idos dos ’70, na recém reestruturada UERJ, onde concluí minha graduação: da vida para os estudos com a vida.

Para o autor, “em geral, é somente depois de ter ocorrido algo é que se toma consciência daquilo que havia sido, inicialmente, uma intuição [...] o que corresponde, aliás, à etimologia do termo: uma visão do interior das coisas. (MAFFESOLI, 2011; p. 22)

Do exoterismo ao canônico, compondo o mosaico multicultural contemplado por este “*pensador da precariedade*”, dissidente das Academias francesas, por seu anarquismo intelectual, tido por alguns como destruidor da universidade (MAFFESOLI, 2011; p. 38) e, por outros, como “pensador de direita” muito tem me ajudado a compreender “o deslizamento atual da verticalidade do poder para a horizontalidade”, designado “por irmanação [affrèment] pós-moderna.” (Idem, p. 45)

Suas contraditórias negações do estabelecido entre o instituinte e o instituído, entre a potência e o poder ficaram esclarecidas em sua conferência, na abertura do VI Seminário Internacional Redes, na UERJ (2011) , em que, durante os quatro dias, nas palavras de Inês Barbosa de Oliveira, citando Michel Maffesoli (2007), na introdução do caderno de programação do evento, “contamos com a sabedoria ancestral, de que faz prova o senso comum, que não se deixa perturbar pelo dever ser e assim, reconhece o que é ou está” .

O Tao da milenar cultura oriental, estudado pelo físico Fritjof Capra, cuja compreensão passa pela tradição oral do senso comum, restituído ao patamar dos conhecimentos científicos por Boaventura de Sousa Santos pode fazer algum sentido na releitura daquele autor.

No prefácio da edição em espanhol de “*O tempo das tribos: o declínio das sociedades de massa*” (MAFFESOLI, 2004)²¹, o autor diz tratar-se de uma espécie de paradoxo, que se encontra entre a tradição e a modernidade, entre o selvagem e o civilizado, entre a parte originária das sociedades tradicionais e essa parte progressista da “racionalidade prometeica”. Para ele este paradoxo é uma marca do “câmbio”, não necessariamente associada ao ilógico. O paradoxo é uma olítica, certamente contraditória, entretanto, complementar.

Boaventura de Sousa Santos, Fritjof Capra e Michel Maffesoli: aqueles permaneceriam enquanto apoio intelectual. Entretanto, o professor Michel, ao me permitir segurar sua taça de vinho, enquanto autografava seu último livro, durante a Abertura do Seminário Redes, pareceu-me mais próximo, ao compor minha biografia, estreitando os laços de pertencimento, lembrando Raquel Recuero (2010).

Na minha compreensão, o ato de confiar a outrem – um “desconhecido” – a taça, transcendeu a simplicidade de liberar as mãos, para sacar a caneta do bolso: para isto havia a mesa ou o balcão onde Michel poderia ter-se instalado, como de costume, nos lançamentos de livros.

A atitude do professor demonstrou-me confiança naquele que não queremos e não podemos aceitar como estranhos ou como estrangeiros a compor um outro clã ou outra tribo diferente da nossa irmandade planetária nesta rede de conhecimentos. Tecida diariamente, desde quando, agachados, em torno daquela fogueira ancestral, permanecemos aquecidos, no “estar juntos” (MAFFESOLI, 2011, p. 16), fitando o enigmático desconhecido promovido pelo crepitar das brasas.

Antes deste encontro, já havia me apropriado de alguns conceitos sobre as tribos urbanas, ao observar e escutar os comentários dos “incomodados” com as atitudes tribais destas juventudes consideradas como um bando ao (conseguirem) entrar em algum ônibus lotado, quando motoristas, a despeito de sua impaciência, param nos pontos, ou, ao marcarem o lugar para garantir que um colega, ao entrar no trem, em outra estação, possa permanecer próximo.

²¹ Utilizada, junto à edição em português, devido a este prefácio, que integra somente a edição em espanhol.

Durante a viagem até a escola, grafitando nos bancos do transporte coletivo, falando alto, gesticulando e “incomodando”, dão continuidade ao ato ancestral, passando, de mãos em mãos o que têm de mais significativo, que pode ser desde refrigerantes, chicletes, biscoitos até as fotografias registradas nos celulares, as músicas no mp3, a cola para a prova, a matéria que algum colega perdeu... Suas marcas tribais.

As juventudes são um acontecimento narrado intensamente como suas existências. São estas conversas, estas estórias e estas narrativas que garantem suas interações. Se é através da linguagem que eles se comunicam, a aproximação é o que justifica a interação. A fim de integrar o corpo destas narrativas, ampliando o estudo de colaboração relacionado à competição, no próximo capítulo apresento uma aproximação entre um conto popular e a base para a colaboração. O conto “***A cigarra e a formiga***”, além de realizar a pedagogia do consenso, a função ideológica a serviço da manutenção do instituído, revela, paradoxalmente, a fragilidade em se vivenciar o individualismo, diferente das subjetividades, enquanto matriz da socialidade e, ao mesmo tempo, a fortaleza dos grupos organizados. Defino algumas categorias utilizadas na pesquisa, discorro sobre escolarização, aprendizagens e conhecimento, refletindo sobre as táticas dos praticantes no cotidiano escolar, diante das proibições impostas.

3 GALOS, FORMIGAS E... ARTISTAS ou NÃO DÁ PRA SER FELIZ SOZINHO

“Em algumas histórias [...] há temas que aparecem, com pequenas variações, em épocas diversas, em diversos países muito distantes entre si – muito antes da nossa era das comunicações. Certos conflitos, certos antagonismos, certas rivalidades, certos confrontos entre ricos e pobres, nobres e plebeus, fortes e fracos; temas como amor e ódio, ciúme e inveja, e outras situações dramáticas clássicas marcam presença em todos os tempos, em todos os quadrantes, gerando histórias de rir, de chorar e de ter medo – e também de pensar um pouco, em meio a tantas emoções...” (BELINKY, Tatiana. **Sete contos russos**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1999; p. 9)

3.1 A CIGARRA E A FORMIGA.

- aprender para trabalhar

Todos nós conhecemos, desde pequenos, a história da cigarra e da formiga, contada através de uma fábula, cuja finalidade é dar uma lição de moral, no caso, em uma cigarra que, ao invés de trabalhar durante o tempo bom, resolve cantar (MARTINS, 2007).

Escrita pelo poeta e fabulista francês Jean de La Fontaine (1621 – 1695), coetâneo de dramaturgos influentes na época, como Racine e Molière. “**A cigarra e a Formiga**” representa um clássico literário, seguindo a estrutura discursiva da burguesia esclarecida, produzida entre os séculos XVI e XVII (HAUSER, 1980).

Em essência, diz a fábula... Uma cigarra passava o tempo todo tocando e cantado durante o tempo bom. Sem se preocupar com o seu futuro, com a provisão de seus víveres, ela se refestelava naquela vida boêmia. Entretanto, quando chega o tempo ruim, ela acorda para o fato de que nada havia em sua despensa e procura a formiga, que, certamente cederia algum alimento e abrigo para ela. Mas, claro que, de acordo com os propósitos deste tipo de narrativa, a cigarra havia de ser forte candidata a algum tipo de punição: em seu comportamento, nada louvável, ela apenas se deleitava em seu canto, enquanto a formiga trabalhava intensamente. O castigo a ela imposto foi a negação do alimento, ao contrário da formiguinha, por seu comportamento impoluto: enquanto a cigarra aproveitava a vida, ela trabalhava exaustivamente.

Guardando as ressalvas para o corte diacrônico que separa esta narrativa, escrita na segunda metade do século XVI, com a produção literária contextualizada na sociedade moderna (COUTINHO, 2004^a; 2004b), podemos, tanto, compreendê-la como mais uma narrativa de controle simbólico, estimulando ao trabalho, como, também, toda uma manifestação cultural, que, fruto da atividade humana, elabora, cria e recria os mitos. Ainda que implícita, trata-se de uma abordagem sociológica, utilizada pedagogicamente, de forte viés antropocêntrico.

De acordo com Jürgen Habermas (1997), a ideologia que sustenta o sistema atual forja juízos de valor, na construção de seus discursos e, amparados por este tipo de narrativas moralistas, construídas por toda uma pedagogia do controle, usamos, para a auto-satisfação, as supostas vantagens que tiramos daí. Mais além, o homem moderno (BAUMAN, 1999; HARVEY, 2008) racionaliza os males que promove aos outros seres que conflitam com nosso ideal de organização social e manutenção da ordem e dos costumes, garantindo, assim, a coesão social (FOUCAULT, 1996).

Mas, o que desejo abordar é o fato de que, não consta na narrativa a preocupação da cigarra em cantar em uma orquestra, em um coral ou, ainda que seja, fazer um dueto. Podemos, ainda, imaginar a formiga, certamente amontoando os pequenos pedaços de folhas, gravetos, sementes: enfileirada entre tantas outras formiguinhas, exposta às intempéries, e, desta forma, alimentando-se durante o tempo ruim. Recorrendo aos estudos de Herbert Marcuse (1986), sobre “o princípio da realidade estabelecido” (p. 117-125), ousa afirmar que a cigarra, agindo individualmente, explora a subjetividade; A formiga, atuando em grupo, tangencia o mundo da realidade imediata, “lutando pela existência”. Talvez aí, residam duas verdades filosóficas e psicossociológicas não polarizadas que podemos explorar simbolicamente, já que “a experiência básica, nessa dimensão, é mais sensual do que conceptual; a percepção estética é essencialmente intuição, não noção” (MARCUSE 1986; p. 154). Através da Arte²², procedemos a ressignificação de conceitos como forma de enfrentamento de conceituações atávicas cristalizadas pelo fazer

²² É de Friedrich Nietzsche (1844-1900), em obra de Gilbert Hottois, a compreensão de “apenas uma linguagem metafórica, conotativa, mais que denotativa, que exige interpretação criativa, é expressiva do mundo. Conforme Nietzsche, a linguagem é primitiva e basicamente metafórica. Os conceitos são apenas antigas metáforas resgatadas e mortas. É por ser metáfora e analogia que a linguagem pode introduzir unidade no caos dos fenômenos, reunindo suas diversidades. A analogia permite aproximar e agrupar coisas que não são idênticas. Estabilizados, esses livres agrupamentos tornam-se categorias, conceitos ou essências.” (HOTTOIS, G. Do Renascimento à pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea; Tradução de Ivo Sorniolo. p. 290-291: Idéias & Letras, 2008; p. 290-291)

metodológico (SANTOS, 2006), indiferente à “repressão cultural de conteúdos e verdades que são inimigos do princípio do desempenho” (2006, p. 151), que aliena o homem em suas potencialidades de criação e de fruição (FROMM, 1983)²³.

Ao contrário do que a sociedade burguesa fixou para o estatuto da Arte, desde o século XVIII, como expressões de uma cultura de homens superiores colocam-se as palavras de Edgard Morin:

“a literatura, o teatro e o cinema são escolas de vida [...] escolas de complexidade humana. Em essência, são formas de arte nas quais a cultura de cada época se corporifica. Dentre as diferentes manifestações da Arte, sem dúvida, é a Literatura a que atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização.” (MORIN, E., *apud* MARTINS, 2007; p. 28)

A primeira destas verdades diz respeito ao fato de a cigarra vivenciar a dimensão estética da existência, o ócio, o prazer (MARCUSE, 1986; DE MASSI, 2000): sozinha exerce sua criatividade. A segunda, não paradoxal à primeira, e, sim, complementar, posto que a formiga realiza um modelo societal: co-laborando, possibilita a sobrevivência do grupo (RONALD, 1996).

Emergindo desta floresta semiológica, em uma clareira em que penetram finos raios solares, donde brotam vozes que se misturam aos sons naturais, entendo que o resgate das histórias, dos causos, das narrativas populares responsabiliza-se pelo fortalecimento dos laços de pertencimento. Na literatura, essencialmente, nas de cunho popular – no cordel, nos repentes, na poesia dos cantadores – vicejam narrativas que nos permitem considerar a importância em se entender a oralidade como instrumento capaz de permitir enxergar brechas entre a aparente concretude do real imediato, traduzido pelo senso comum²⁴.

O referendo a tamanho potencial transgressor da utilização das narrativas na aprendizagem colaborativa encontra-se no comentário de Afrânio Coutinho (2004b), à obra de Roland Barthes sobre o signo lingüístico e a semiologia:

“O signo verbal é o único capaz de apreender a totalidade. Enquanto o signo visual é, declaradamente, setorizante; porque só apreende uma parte

²³ Para Marx, “alienar-se é, em última análise, vivenciar o mundo e a si mesmo passivamente, receptivamente, como o sujeito separado do objeto” (FROMM, E., 1983; p. 50).

²⁴ Na compreensão de A. Gramsci, o senso comum é o “conjunto de opiniões aceitas pela generalidade das pessoas da sociedade, fazendo com que opiniões discrepantes pareçam desajustadas”. (COUTINHO, 2002)

ou um lado da totalidade do real. É todo o contrário do metafórico que, sendo pluridimensional, ou seja, estabelecendo um relacionamento com todas as dimensões ou níveis do real, não necessita encostar-se ou completar-se com qualquer outro signo.” (2004b, p. 288)

O respeito ao que o educando traz para a escola, suas curiosidades, seus fazeres, suas histórias, o compartilhar de suas leituras de mundo teve sua potencialidade relegada junto com todo o fazer popular, pela arrogância da modernidade. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2004), o paradigma emergente revela o que esta ideologia tenta mascarar: é exatamente devido ao caráter indisciplinar, mistificado e mistificador, retórico e metafórico, do senso comum, que “pode estar na origem de uma nova racionalidade” (2004, p. 90), gestando “uma dimensão utópica e libertadora” (2004, p. 89), apesar de toda repulsa por parte do saber chancelado pela academia (MAFFESOLI, 2011). O olhar ampliado, permitido por este novo paradigma, apontado por Boaventura nos diz que para uma educação agonizante, perdida entre balas endereçadas e números dos “IDEB²⁵”, [não há como se esconder através das frágeis paredes de um CIEP²⁶](#) entre o narcotráfico, a política e a polícia. Há sim, que se construir uma outra realidade que repouse em uma pedagogia que entenda e respeite tanto o professor quanto o estudante em suas subjetividades, assim como uma gestão humanizada, através do olhar e das práticas dos educandos e dos educadores, com ações capazes de mobilizar a opinião pública, criando, assim, políticas públicas com solução de continuidade, capazes de garantir uma educação de qualidade para todos e todas²⁷.

²⁵ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, resultante das avaliações periódicas externas. Consulte, para maiores esclarecimentos ROITBERG & RAMOS (2010)

²⁶ Leia na página do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do RJ: “Falta de segurança causa mais uma morte em escola municipal do Rio - Vinte e três dias após tragédia em Realengo quando 12 alunos morreram e outros foram feridos em um atentado praticado por um ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, mais duas crianças são vítimas do descaso da prefeitura. Na tarde de ontem, na EM Conde Pereira Carneiro a aluna Luiza Naiara (14 anos) morreu e outro aluno foi internado em estado grave, depois de serem atropelados na avenida Brasil, após terem pulado o muro da unidade para fugir.”. In: http://www.seperj.org.br/ver_noticia.php?cod_noticia=1898 Acesso em 16/10/2011.

²⁷ Os Centros Integrados de Educação Pública – CIEP, projetados para funcionar das 8 horas da manhã às 5 horas da tarde, para comportar, em 1986, 1.000 alunos, por Oscar Niemayer, durante a gestão do Governador Leonel Brizola, carinhosamente apelidado de “Brizolão”, tendo por mentor educacional, seu Vice Governador e Secretário de Estado de Ciência e Cultura, Darcy Ribeiro. Seu propósito pedagógico revolucionário jamais foi alcançado, principalmente, em função de pertencer a um mesmo sistema de educação que procura atender a realidades bem diversas, além de que, passados 20 anos, os prédios, que pouco receberam manutenção, continuam atendendo tanto à rede municipal, quanto à estadual, causando o problema insolúvel das “escolas compartilhadas”, cujos protestos contra o descaso do estado vêm gerando ações favoráveis à [municipalização dos CIEPs](#). Segundo o então Governador Leonel Brizola, “o CIEP é uma nova instituição que surge, questionando, por dentro, esta realidade social injusta, desumana e impatriótica. Estas novas escolas proporcionarão às nossas crianças alimentação completa, aulas, a segunda

Este novo paradigma aponta, principalmente, para a sensibilidade, que, não polarizada, une-se à racionalidade permitindo ao docente, olhar, ver e sentir o outro como um semelhante e, não, como seu aluno, ou, pior, um número.

A prática colaborativa é uma possibilidade de materializar esta nova pedagogia. Entretanto, há que se fazerem algumas ressalvas: tanto a utilização das interfaces de construção coletiva, para o encaminhamento de propostas de atividades, assim como a administração, em conjunto com os estudantes, os cotidianos de sua turma, nem sempre serão sinônimo de práticas colaborativas. Tanto individualmente quanto em grupos formados pelos estudantes, não existe a certeza da coerência, tampouco da coesão entre os praticantes. Afinal de contas, estar sozinho nem sempre significa ser solitário. E é isto, exatamente, o que exponho a seguir.

3.2 OUTROS BICHOS

- do individualismo competitivo à colaboração emancipatória.

Em nossa literatura, a poesia que resgata a oralidade do movimento de vanguarda da geração de 1945, de João Cabral de Melo Neto²⁸ (COUTINHO, 2004b), representada pela poesia “**Tecendo a manhã**”, redimensiona as possibilidades da criação coletiva, que emerge de um ambiente de aprendizagem colaborativa, dentre cujas características é não elidir a objetividade:

“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem

professora que os pobres nunca tiveram, esporte, lazer, material escolar, assistência médica e dentária.” (RIBEIRO, Darcy. O livro de ouro dos CIEPs. Rio de Janeiro: Bloch, 1986; p. 8). Ver, também, http://www.alerj.rj.gov.br/common/noticia_corpo.asp?num=9043 Acesso em outubro, 2011.

²⁸ João Cabral de Melo Neto caracterizou-se pela busca da construção consciente do verso, inaugurando um novo modo de fazer poesia em nossa literatura. O essencial em sua poesia é a busca pela revelação da concretude do real imediato. A lógica e o modo de construção de seus poemas evita a exposição do eu-lírico retornando ao mundo das coisas, das paisagens, dos fatos sociais, fugindo, desta forma, ao sentimentalismo piegas. Segundo Dudu Oliveira, “(...) o prazer estético que sua poesia pode provocar deriva, sobretudo de uma leitura racional, analítica, não do envolvimento emocional com o texto.” OLIVEIRA, Dudu. Tecendo a manhã: análise literária do poema de João Cabral de Melo Neto. Recanto das Letras, 2010 [Código do texto: T2080760]. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/2080760> Acesso em julho de 2010

os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.”
João Cabral de Melo Neto (NETO, 1975; p. 16)

Sua obra, representante da 3ª fase da poesia moderna, constrói-se através de uma “[...] complexa disciplina, policiando a expressão e o desenvolvimento do ângulo estético, isto é, de construção e redação do poema...” (COUTINHO, 2004b; p. 224). Em “Tecendo a manhã”, João Cabral de Melo Neto opta pela métrica regular, garantindo a fluência rítmica, o que favorece a sonoridade expressiva: herança das cantigas medievais em nossa literatura de origem popular.

Imediata, pungente e atual esta é uma poesia que foi resgatada pela esquerda, no Brasil, servindo de mote a muitos estudantes a embalar os sonhos de redemocratização do país desde o início dos anos 1980, compondo o ideário representado pelo movimento pelas “Diretas Já”, em 1984, com a primeira eleição direta para a Presidência da República.

Pensar em estratégias colaborativas (SASO et al., 2006) educacionais, neste encaminhamento de raciocínio, assemelha-se, segundo Antônio Gramsci (2007), à organização do trabalho que visa à construção de uma sociedade regulada, onde os indivíduos que se superam culturalmente, absorvendo o sistema econômico e o Estado, possibilitam o desaparecimento das classes, assim como desenvolvem a capacidade de autogoverno.

Entretanto, além desta metáfora hegeliana acerca da noção de Estado, coexiste, em cada indivíduo, uma rebeldia primitiva, que luta pela pulsão dos desejos. Segundo Michel Maffesoli (1998),

“O Estado, para Hegel, é uma espécie de “*communitas communitatum*”. Não são os indivíduos que têm a primazia, mas as suas relações. Esta ideia de interconexão é notável, pois privilegia o papel de cimento, que o afetivo, o ombro a ombro, pode representar. Neste sentido, ao contrário da leitura que se faz dele, o Estado hegeliano poderia ser um conjunto vazio, uma ideia teórica cuja única função seria a de fazer ressaltar o agrupamento espontâneo dos diversos elementos que, pouco a pouco, constituem o todo. É certo que este agrupamento está longe de ser unificado. Sob muitos

aspectos ele é caótico, e, no entanto, dá conta de uma sociedade, certamente não ideal, mas, que bem ou mal, existe. Podemos dizer, com efeito que a lógica da rede, e o afeto que lhe serve de vetor são essencialmente relativistas. Será necessário dizer, como convém, que os grupos que o constituem as massas contemporâneas não têm ideal? Talvez fosse melhor observar que eles não têm uma visão daquilo que, em termos absolutos, deve ser uma sociedade. Cada grupo é, para si mesmo, seu próprio absoluto. Esse é o relativismo afetivo que se traduz, especialmente, pela conformidade dos estilos de vida.” (1998, p. 125)

Complementando o trabalho colaborativo da formiga, o galo conclama a outros galos a tecer a manhã, metáfora da esperança de um mundo melhor, que, “livre de armação”, eleve-se por si só, fruto da empreitada de muitas outras formigas, cigarras e galos, “entretendendo-se”.

A subjetividade contida na tessitura da manhã tal qual a objetividade da provisão dos viveres são metáforas a apontar, no campo da educação, a interdependência de gestores, professores, alunos mediados pelo currículo, enquanto fazer coletivo, no processo praxiológico da aprendizagem crítico-participativa (FREIRE, 1983; 2000).

3.3 DIANTE DO UM MURO DE CONCRETO, OS ESPAÇOS INTERSTICIAIS.

- o desafio da aprendizagem colaborativa nos espaços instituídos de educação

Apropriando-se das propostas freirianas, o educador tem a possibilidade de integrar o que é cultural na juventude: a necessidade de pertencimento a um grupo e o desejo de continuar estes laços em outros espaços, onde ele se entenda protegido através de suas identificações (ROITBERG & RAMOS, 2010). O prazer da “navegação” representa tudo o que não é obrigatório, o lúdico liberto da vigilância “careta”. A ampliação da ideia de uma educação que trinque os arames farpados de nossas cercas de “proteção”, libertando-nos para o contato com o outro, com o diferente, encontra-se em Silvio Gallo (2009), ao questionar “em que medida estamos sendo fascistas em nossas relações pedagógicas? Em que medida não desejamos a repressão, não reprimimos o desejo do novo, a curiosidade pelo diferente, em nome de amor e proteção?” (2009, p. 27). Então, em minha prática, no exercício profissional, preciso respeitar este “olhar para o mundo”, principalmente no tocante à ética e respeito necessários para com os saberes do educando que, hoje em dia, encontra, muito mais nas ruas do que nas salas de aula, possibilidades de vivenciar suas transgressões sem o risco da intromissão dos inimigos/adultos,

bem distantes de seus “projetos políticos de domesticações” (TAYLOR, 2003; p. 60). A educação formal representa muito pouco em relação àquela que o educando adquire em outros espaços de efetiva construção de aprendizagens (ILLICH, 1985; CECCON et al., 1982), já que:

“na sociedade do conhecimento de hoje isso é muito mais verdadeiro já que o ‘espaço escolar’ é muito maior do que a escola. Os novos espaços da formação (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, empresas, ONGs, espaço familiar, Internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para cidade e o planeta.” (GADOTTI, 2003; p. 110)

Neste ponto, é bom frisar com Miguel Arroyo (2007) que “há qualidade na escola pública, há falta de qualidade política no trato do público por parte das elites no poder. É bom reparar as análises e não colocar a escola, os professores; os gestores e governos no mesmo saco e bater, criticar tudo como negativo (ARROYO, 2007; p. 138). Assim é que a equipação das unidades escolares, com aquilo que, segundo o modelo de gestão tecnocrática vigente (SEEDUC-RJ, 2008; SEPE-RJ, 2011), se entende por qualidade total²⁹, representado por computadores, lousa digital, data-show, pode-se constituir em uma janela de pura oxigenação das escolas e ponto de escape aos estudantes, aprisionados pelo sistema, face à escolarização obrigatória (SOUZA, 2002; FOUCAULT, 1996), como consequência das políticas de universalização do ensino.

Outorgamos à escola, enquanto espaço democrático e ideal, na sociedade contemporânea, o direito a efetivar a educação formal. Nela, são ativadas técnicas de subjetivação que visam, segundo Castor Ruiz (2008), “conseguir um meio eficiente de inserir os indivíduos, de modo flexível e cooperativo, no seio das estruturas e instituições vigentes”.

Tendo em vista esta nossa anuência quanto à escolarização, conclui, então, o autor que dispomos de escolhas entre duas opções, a saber:

“a) a produção de dispositivos de subjetivação que estimulem a constituição de subjetividades autônomas, isto é, com capacidade para definir seu desejo, seu estilo de vida e o modelo de sociedade; b) pensar, pelo contrário, a criação de dispositivos de poder que visem à sujeição dos indivíduos de forma dócil e cooperativa às estruturas vigentes com o objetivo de conseguir o funcionamento mais eficiente possível das

²⁹ Consultar o manifesto “Pelo Fórum em Defesa da Educação Pública no Rio de Janeiro”, assinado pela ADURF, ANDES, ASDUERJ, professores da UFRJ, UFF, Escola Politécnica da FIOCRUZ, dentre outros integrantes da sociedade civil e movimentos organizados, em <http://www.seperj.org.br/admin/fotos/biblioteca/biblioteca19.pdf>. Consultar, também, demais boletins informativos e análises do Seperj – Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, relacionados ao assunto, em <http://www.seperj.org.br>. Acesso em 16/08/2011. Questão discutida em ROITBERG; RAMOS (2010)

instituições com pretensão de da estabilidade e produtividade ao sistema nos seu conjunto.” (RUIZ, 2008; p. 14)

Podemos e devemos, então, como exemplos, aproveitar diversas situações para estimular, em sala de aula, debates sobre o avanço científico-tecnológico, enquanto manutenção do modo de exploração capitalista; A lembrança da relação entre a origem bélica de toda a técnica do mundo moderno; O esclarecimento de que nossa capacidade tecnológica nos permite alimentar toda a terra seis vezes ao lado de toda a escassez em que grande parte da humanidade encontra-se mergulhada são oportunidades que não podem passar despercebidas pelo educador comprometido com a vida, já que representante de uma minoria esclarecida, promotora de uma nova ordem.

Rui Trindade e Ariana Cosme (2010), em “Todas as aprendizagens são pessoais, mas ninguém aprende sozinho”, estudando o histórico dos fundamentos da criação do espaço escolar, sua necessidade de afirmação enquanto locus privilegiado “[...] de reprodução política, social e cultural...” demonstram, em sua gênese, o principal motivo que explica a estruturação dos projetos didáticos, que visam à competição, à classificação, o mérito, o prêmio e o castigo, no lugar do fomento aos espaços de colaboração.

Trata-se, segundo Rui Trindade e Ariana Cosme (2010), muito mais de uma constatação de:

[...] que a eventual reivindicação da necessidade de se transitar de uma organização competitiva dos espaços das actividades e das relações que têm lugar numa escola para uma organização cooperativa destes mesmos espaços, actividades e relações não é uma transição que possa ser compreendida como uma transição circunscrita, apenas, aos modos de organização e questão do trabalho pedagógico numa sala de aula.” (2010, p. 35)

No histórico da naturalização da competição nos espaços pedagógicos, em sua origem ocidental, encontra-se, além da pedagogia religiosa dos padres jesuítas, conforme a “Conduite des Écoles Chrétiennes”³⁰, redigido por Jean-Baptiste de La Salle, em 1709, razões de natureza militar, como no caso francês e prussiano (TRINDADE & COSME, 2010; p. 16).

Tendo em vista o caráter basilar instrucional da formação das instituições educativas, herdadas deste modelo militar e religioso, a compreensão do modelo educativo individualista

³⁰ http://www.delasalle.qc.ca/documents/107conduit_des_escoles.pdf [Consultado em 27.07.2010]

prescinde de uma ampla leitura da função pedagógica, que passe pela reflexão de que existem momentos em que o estudante, calado, esteja em intenso estado de fazer intelectual, ou, ainda, da contemplação necessária à aprendizagem. Nem sempre o estudante participativo demonstra tal atividade. Não é este um dos desafios da avaliação de seu processo de construção de conhecimentos? Na presente pesquisa, a observação dos usos que os praticantes da pesquisa vêm fazendo do Orkut demonstra o potencial do uso da internet na aprendizagem. Com a interface wiki, no laboratório do *Barão*, não é diferente: a utilização deste software tem demonstrado grande potencial não só para os momentos individuais quanto para os momentos em que os praticantes necessitam do apoio uns dos outros. A presente pesquisa me levou a esta compreensão, em conformidade com as constatações de Marcos Silva (2010). Segundo depoimento do autor, em que se lê:

“penso na possibilidade de fazer da sala de aula um lugar privilegiado para a formação do sujeito cada vez mais imerso na subjetividade de suas escolhas e navegações. Um lugar privilegiado porque pode cuidar de colocar o *faça você mesmo* em confrontação coletiva para a construção do conhecimento. A interatividade em seus fundamentos pode potencializar esta confrontação. Pode criar o ambiente comunicacional capaz de acolher o novo espectador, o “homem aleatório” e prepará-lo para lidar com a referência coletiva. Neste ambiente, o professor não mais se limita ao falar-ditar e se apresenta como propositor da participação livre e plural, provocador do diálogo que disponibiliza articula múltiplas informações.” (SILVA, 2010, p. 199-200)

A utilização da tecnologia, na educação, transcende sua utilidade enquanto ferramenta, instrumento ou meio para se atingir um determinado objetivo e, tal complexidade torna-se um desafio para os educadores tendo em vista a cada vez mais urgente integração imprescindível das tecnologias de informação e de informação na educação (BELLONI, 1998). Tal integração das novas tecnologias precisa perpassar nossas ações pedagógicas e, enquanto não equacionarmos a fragmentação disciplinar, herdeira da racionalização do conhecimento, no século XIX, precisamos lançar mão, cada vez mais, das disciplinas mais diversas para entender a contemporaneidade, ainda que, de maneira fragmentada, isoladamente, em disciplinas e em conteúdos.

Na medida em que, da escola, não saem apenas estudantes *(com)formados*, soma-se a este fato, a necessidade em se discutir as diversas articulações dos saberes e suas modalidades, na medida em que, Para Santos (2004),

“Com o objetivo de romper com uma visão linear de história, a contextualização torna-se contemporaneamente mais um grande desafio para a organização curricular. Além de criar e gestar uma postura de comunicação entre as áreas de conhecimentos, muitas vezes organizada em disciplinas, torna-se necessário criar dispositivos que permitam intercambiar o vivido, o cotidiano, construindo uma relação dialógica com as esferas do conhecimento científico.” (SANTOS, 2004, p. 422)

Complementando o nosso mosaico social, além dos pesquisadores e cientistas, é da escola, também, que devem sair os produtores e os consumidores do excedente da produção tecnológica. Entretanto, a escolarização nas sociedades ocidentalizadas não segue o rigor do determinismo positivista, já que todos nós, foucaultianamente, não estamos presos dentro das relações com os governos, estabelecidas, dentro das escolas, através do currículo e da prática dos educadores (CERTEAU, 2009) diante de sua leitura de mundo. Somos livres, não só para as nossas opções individuais, como, também, para as coletivas (FOUCAULT, 1996).

Mas, tal liberdade, antes de ser uma conquista coletiva, ela é um esforço individual. Daí que a preocupação com a subjetividade não pode deixar de constar em qualquer sociedade que se pretenda minimamente interessada no bem-estar dos indivíduos que a compõe: antes da formação societal deve estar o ser-humano, jamais, o ter-humano. Tanto os valores materiais, quanto os imateriais são parte integrante de uma arqueologia do desejo, que coloca em cheque o imperativo globalizante da cooperação imposta.

Associada à desterritorialização (SANTOS, 2006), o desaparecimento das individualidades é ostentado com troféu nos tempos atuais. Entretanto, esta perda de identificações – fruto do reflexo do homem em seus diversos pertencimentos -, da inexistência dos desejos individuais – fruto do homem construtor e construído pela história -, elide a subjetividade enquanto constituição essencial, para sua total formação. Somos unidades indissolúveis, seres espirituais e sensíveis; natural e propriamente humanos, tanto na teoria, na prática na objetividade e na subjetividade. Esta é a liberdade que os praticantes no cotidiano escolar desenvolvem na utilização de seus diversos espaços de construção de conhecimentos, dentre eles, a menina dos olhos dos jovens estudantes: o laboratório de informática. Aproveitando esta afinidade das juventudes com a tecnologia:

“em vez de lamentar a “dissolução do sujeito” e de sua comunicação natural” pela interposição das interfaces”, em vez de ficar recitando oráculos, procuro potenciar a nova competência comunicativa que emerge

com a transição da lógica da distribuição para lógica de comunicação.”
(SILVA, 2010, p. 199)

Agregando outros conhecimentos - além da tecnologia -, referentes à cibercultura – penso na mobilidade promovida pelas mídias móveis pelos jovens praticantes de minha pesquisa, principalmente, ao analisar uma imagem, registrando a presença de uma estudante absorta diante de uma mensagem que acaba de receber em seu celular. Diante do estado da arte, referente a este estudo, grande parte das pesquisas, até o momento produzidas, dizem respeito ao uso de desktop (em *lans*, em casa, no laboratório). Quando muito, a utilização de celulares apenas com a função de filmagem sendo utilizada, por professores e pelos alunos.

No *Barão*, assim como em outros colégios, o que se nota é uma ação orquestrada de não aceitação do uso de celulares em sala de aula, amparada por uma Lei, apesar da permissão em se tratando de ações pedagógicas. O fato é que muitos colegas ainda não se permitem lançar mão deste artefato sociotécnico tão querido pelos estudantes, em suas aulas.

Verificando os documentos contendo as normas de utilização do laboratório de informática das escolas, salta aos olhos a preocupação com a segurança... dos equipamentos. Quando muito, relação de sites de acesso negado, principalmente, os de maior potencial para a interação: Orkut, MSN e o Youtube, isto é, bem distantes dos dilemas *netéticos* (SANTAELLA, 2007; p. 311-322).

As estratégias no cotidiano escolar acontecem, também, quando há resistências a serem ultrapassadas. Apesar de que os alunos são alertados para o que podem e para o que não podem, rejeitam qualquer forma de estabelecimento unilateral, decidindo, individualmente e entre eles, o que será incorporado e o que será rejeitado; o que será adaptado e o que será ridicularizado.

A proibição das emoções, do riso, da alegria – necessidade de todos nós - dentro das salas de aula, permite algumas aproximações com o conceito de *autopoiésis*, dos sistemas complexos (CAPRA, 2008): sua constituição, organização e fluidez, através da harmonia, potencializa as interconexões na formação, constituição e manutenção da rede social. Para Raquel Recuero (2010), “a rede, portanto, centra-se em atores sociais, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais.” (2010, p. 143).

O alcance desta rede de relacionamentos é proporcional à harmonia de todo o sistema, cuja garantia de coesão repousa, exatamente, naquilo que é proibido, tanto nas salas de aula, quanto nos laboratórios – as emoções (MATURANA, 2009). Os professores têm nos celulares

seus piores inimigos em sala de aula: justo porque são mais interessantes, alguns professores arrogantes são ciumentos. Ao transpassar as grossas portas do laboratório de informática, abertas pelo professor vigilante, cuja presença é obrigatória, este, também, passa a ser vigiado... Ao mesmo tempo em que todos são monitorados, os computadores, são protegidas por senhas, facilmente “*hackeadas*” para surpresa dos “*experts*”. Atos de rebeldia fazem com que estes jovens adquiram visibilidade em um mundo em que ele é só mais um número na lista de chamada. Suas práticas, seus gestos, sua indumentária, a despeito do uniforme, revelam muito para o observador paciente, ainda que diante das portas trancadas, cujas emoções ficam de fora. E é sobre estas incapacidades de gerenciar os gestos naturais das juventudes, naquilo que os mantém juntos, em harmonia (MATURANA, 2009), que adentramos “o castelo da informática”.

4 O CASTELO DA INFORMÁTICA: SUSPENDENDO AS CORRENTES DO FOSSO

“Para que haja história de interações recorrentes, tem que haver uma emoção que constitua as condutas que resultam em interações recorrentes. Se esta emoção não se dá, não há história de interações recorrentes, mas somente encontros casuais e separações. [...] e é por isto que o amor é a emoção fundamental na história da linhagem hominídea a que pertencemos.” (MATURANA, 2009, p. 66-67)

4.1 TÁTICAS E USOS DAS TECNOLOGIAS PELAS JUVENTUDES

- Câmeras sempre dão defeitos...

O *panoptismo* (FOUCAULT, 2009), mesmo em se tratando de instalação de câmeras de segurança, com olho cego ou não, não dá conta da criatividade de nossos alunos. Em uma outra escola, o próprio inspetor, sabendo da inoperância deste tipo de vigilância, relatou que, quantas forem as câmeras instaladas, elas sempre “dão defeito” e, até que sejam substituídas, o ano já terminou. É que, segundo ele, há outras prioridades, tipo, consertar o bebedouro que vaza água pelo andar a mais de um ano. Sabendo disso, antes de entrar, pela primeira vez no laboratório, conversei com eles a respeito do que iríamos realizar, as maneiras de fazer e, o principal, onde: em um espaço coletivo, ou seja, que deveríamos preservar para a utilização de todos.

Como todos perguntaram sobre o uso do Orkut (um dos dispositivos de minha pesquisa), negocie com eles um sistema de uso racional progressivo do Orkut, ou seja, a cada avanço em nossos trabalhos, aumentaríamos o tempo de permanência livre dentro do laboratório. Iniciamos com a utilização dos últimos 5 minutos de cada aula e chegamos a 20 minutos.

Sem problemas, pois aquela era uma turma em que tinha 4 tempos seguidos, às sextas-feiras, o que poderia ser um entrave para a nossa harmonia.

Para Lucia Santaella (2010), citando Frye (2008), a auto-organização é uma das propriedades que garantem o funcionamento dos sistemas complexos. Segundo a autora, “não há hierarquia de comando nem controle em um sistema complexo adaptativo. Mas há uma constante reorganização para encontrar o melhor ajustamento do sistema em relação ao ambiente.” (p. 286).

Na tarde daquele mesmo dia, vi, no Facebook, uma foto postada retratando as condições deploráveis do laboratório de informática de uma universidade, após uma aula e comparei com a minha situação. A foto era, realmente, desoladora. O que fazer se não se trata de nossos alunos, pessoas com quem podemos negociar, conversar, enfim, chegar a um acordo? Mais uma vez fui tentado a pensar em Certeau (2009), com suas estratégias de resistências e uma solução, através das harmonizações estudadas por Maturana (2009).

Os cartazes de conscientização seria uma alternativa, desde que adquirissem significação para os usuários. Mas, mesmo sem cartazes proibitivos, por que é que, nas *lans*, freqüentadas pelos mesmos estudantes, há uma quase que total adesão ao conservacionismo, apesar da semiescuridão que – em tese – facilitaria a depredação?

Como estratégia de controle, no laboratório do *Barão*, os alunos, apesar de monitorados por uma câmera (Imagem 2), são instruídos a assinar o caderno de frequência colocarem as mochilas na estante. A eles só é permitido levar o caderno para a frente do desktop. Apesar de toda a vigilância, a constatação dos professores é notória: segundo eles, não há como conviver com tamanha desordem ou sujeira que danifica, inclusive, os equipamentos. Foucault (2009), realizando um estudo na história das instituições de controle, segurança e vigilância sociais, no século XVII, nota nas cadeias, nos manicômios e nas escolas o mesmo princípio sendo utilizado, o *panoptismo*. Após descrever o Panóptico de Bentham, ele conclui, que:

“Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recontando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas ativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e conservam-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha.” (FOUCAULT, 2009, p. 190)

Entretanto, como as formas de ver e de ser visto, assim como prestar atenção nas relações de vigilância, não podem passar ao largo quando se trata dos estudos sobre segurança nas metrópoles, considere os estudos de Fernanda Bruno, em “**Controle, flagrante e prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades**” (2010). Nesta obra, a autora pondera

que a vigilância contemporânea, “não são, pois, maquinações de forças externas de dominação, mas intrínsecos ao processo de modernização”.

Em contraponto, autores como Lucia Santaella (2010) e André Lemos (2003), tomando por base os estudos de Foucault sobre o panoptismo, atualiza-os como os sistemas de rastreamento. Segundo Bruno (2010), “as cidades implicam arquiteturas de vigilância. As cidades modernas, em particular, crescem juntamente com a ampliação dos sistemas de vigilância sobre os indivíduos e as massas urbanas.” (2010, p. 113)

No caso do Rio de Janeiro, a aplicação de enormes recursos financeiros para a logística e locação de um contingente expressivo para a vigilância diuturna nas regiões tidas como “áreas de risco”, através da instalação das Unidades de Polícia Pacificadoras, nas *comunidades* do Rio, as UPP, não representam estratégias militares? Além das cabines dos policiais militares, as ruas iluminadas e as câmeras de segurança – herdeiras dos zepellins, do “governo garotinho” – aparentam uma sensação maior de segurança para o cidadão que, segundo a mídia, sonha com uma cidade pacificada para as Olimpíadas de 2014.

Mas, infelizmente, a criminalidade grassa, flui e invade toda a cidade. Escorre nas veias abertas de uma cidade que tem nas formas alternativas suas razões de sobrevivência. Parafraseando o “Paralamas”, de braços abertos para o turismo, de olhos fechados para seus habitantes³¹. Um Rio, que se divide em territórios com o poder paralelo institucionalizado. Dos shoppings aos vagões do metrô; dos trens aos morros cariocas, não há local seguro no Rio de Janeiro.

4.2 INTERAÇÃO ATRAVÉS DAS APROXIMAÇÕES

- a emoção como elemento indissociável aos atos comunicacionais

Na escola, notei, logo nas primeiras incursões ao laboratório, que os alunos, ao tentarem se comunicar tinham ou de se levantar ou caminhar através do laboratório para perguntar algo ao seu colega. Às vezes, precisavam se apoiar no colega em função de que os desktops eram separados em boxes (Imagem 2).

³¹ Referência à letra da música “Alagados”, de Herbert Viana e Bi Ribeiro, do conjunto musical Paralamas do Sucesso. Seu conteúdo descreve as condições subumanas de populações pauperizadas que vivem nas franjas das cidades.



Imagem 2

Para facilitar o intercâmbio, fiz algumas alterações na arquitetura do mesmo, retirando a divisória central, deixando todos os computadores voltados para a parede, liberando todo o espaço central do laboratório. Enfim, procedi a uma reconfiguração a fim de observar se aquilo facilitaria, atrapalharia ou em nada alteraria o fator colaboração, através da proximidade física, condição indispensável para a construção do conhecimento (Imagem 21).

Em uma de nossas aulas, filmando e fotografando os alunos em suas atividades, comecei a desconfiar que o gostar de estar em conjunto, entre amigos, poderia facilitar a colaboração, porque ela se distancia da competição. Não havia mais a tarefa de um grupo de alunos, de uma dupla, ou de um aluno: todos partilhavam entre eles suas descobertas, auxiliando-se mutuamente em um clima agradável de convivência. Para Lucia Santaella (2007),

“os agentes conectam-se e interagem uns com os outros de modo imprevisível e não planejado de antemão. Mas, da massa de interações, regularidades emergem e começam a criar padrões que informam o comportamento dos agentes dentro do sistema e o comportamento do próprio sistema.” (p. 285)

Ora, então se tratava de algo mais simples, pois “todos os córregos, rios, lagos, oceanos, quedas d’água, com sua beleza infinita e variegada diversidade, são governados por um simples princípio: a água encontra seu próprio nível.” (Idem, p. 287)

Mas, se compete à escolarização formal a educação daqueles a quem os pais confiam, os educadores devem deixar a água encontrar o seu próprio nível?! Como assim?!

Não creio. Mas, trata-se de incluir outras possibilidades educacionais, com a certeza de que as juventudes é um constructo cultural e, é esta cultura que tem de ser considerada nas propostas educativas. As portas do laboratório de informática, pesadas e lacradas por grandes cadeados, além das grades de ferro, assemelha o ambiente aos antigos castelos medievais, onde o

conhecimento permanecia intocável para os plebeus. Atualizando, diria, àqueles privados da escolarização, do acesso aos bens da cultura hegemônica.



Imagem 3

inicia-se o exercício, através da linguagem, que garantirá, ou não, a harmonia entre os pares. O respeito aos alunos que não queiram participar de determinada atividade deve ser uma prerrogativa dentro dos espaços formais de aprendizagem. Para Humberto Maturana (2009), “as divergências revelam que aqueles que discordam estão em diferentes domínios da realidade, e que podem juntar-se ou separar-se como resultado de sua divergência, dependendo de quererem ou não permanecer juntos”. (p. 58)

Lúcia Santaella (2010), ampliando as noções que perpassam as relações de moralidade, de ética e de costumes na Internet, discute a moral kantiana, cuja base repousa no uso da razão, a ser usada para selecionar, dentre o leque de opções oferecido pela intuição, qual o procedimento a ser tomado. Então, “como se deve agir, com virtude, sob condições universais e abstratas? Adotando, por deliberação intelectual, códigos e leis éticas que estão acima das contingências da existência individual.” (SANTAELLA, 2010; p. 314).

Abandonar as sensações, os prazeres e os gostos individuais, trata-se de uma extrema violência ao ser. Se este é o instituído, onde fica, então, o instituinte: a vontade e o desejo? A sensibilidade, a intuição estudadas por dissidentes da escola freudiana dariam base para o retorno do amor estudado pela biologia a fim de explicar como ocorrem as harmonizações necessárias à manutenção das condições de sobrevivência de qualquer sociedade.

No filme “**A guerra do fogo**” (1981), de Jean-Jacques Annaud, retratando um período anterior ao uso da língua, enquanto elemento de comunicação, o segundo grupo de hominídeos é o que atinge um maior potencial, para o seu desenvolvimento e, conseqüente, sobrevivência. Exatamente aquele cuja fêmea aprende a acariciar e o macho, por sua vez, a receber e retribuir aquele gesto. Exatamente, “porque as ações que constituem o que chamamos de social são as de

aceitação do outro como um legítimo outro na convivência.” (MATURANA, 2009; p. 68). Somente a partir daí é que se processa a comunicação (FREIRE, 1996; SILVA, 2010).

Os estudantes da pesquisa interagiam, a despeito das proibições, da vigilância. Ocorre que tal interação encontrava alguns facilitadores, dentre eles os múltiplos espaços do *Barão* que utilizávamos para as aulas.



Imagem 4

A construção do conhecimento acontecia nas tessituras que efetuávamos no movimento do *Barão*. Se, ao se dirigirem a outros a espaços ao ar livre, prontamente, levavam seus celulares, pensei a possibilidade em dar continuidade no ciberespaço, com a utilização de suas mídias móveis. Infelizmente, na ocasião, poucos

tinham aparelhos com acesso à internet, devido à condição sócio-econômica. Até o encerramento da pesquisa, os celulares que possuíam, no máximo, permitiam escutar músicas, ver fotos, ou, no máximo, enviar “torpedos”, apesar de que já existiam os de acesso à internet.

Com o advento da web 3.0, o nomadismo da mochila e celular encontra seu melhor momento. A relação que a pesquisa estabelece entre esta nova configuração espaço-temporal e os atos comucionais será apresentada no próximo capítulo, - “Nós é cria: interações e atos de comunicação em redes de aprendizagem”. Nele identifico e analiso as formas de pertencimento dos praticantes nas redes/comunidades, as narrativas nos discursos virtuais, e sua importância para a aprendizagem.

5 “NÓS É CRIA”: INTERAÇÃO E ATOS DE COMUNICAÇÃO EM REDES DE APRENDIZAGEM³²

Escrever sobre o cotidiano da juventude periferizada, que circula entre a escola e outros *espaçostempos* de trocas (OLIVEIRA & ALVES, 2008), através de suas rotas de fuga, pelas teias-trilhos-viadutos, percorridas, tecendo relacionamentos, construindo caminhos, e desmanchando tudo o que não se presta ao seu urgente instantâneo de vida – o currículo líquido (VITÓRIO FILHO & BERINO, 2007), construído por onde registra o seu tempo, confesso representar um desafio: enquanto professor, estreitara amizades *ultramuroscolares*. A vida segue um hiperlink adjacente, ao largo de um currículo praticado “entre a regulação e a emancipação” (OLIVEIRA, 2005).

Até bem pouco tempo estes meus amigos-contatos eram apenas amigos-alunos. Tal foi a mútua confiança que, visitando minhas páginas de relacionamento (Imagem 6), passaram a me adicionar em seus *Orkuts*, enviando-me *scraps* (EISENKRAEMER, 2006) e convites para tal e qual comunidade, conversando *online* pelo *msn*. E, não sem admiração, me peguei surpreso ao encontrar uma foto *roubada* de meu *Orkut*, no álbum de um daqueles meus ex-alunos (Imagem 5).



Imagem 5

Comentando sobre *navegação* na Internet, junto aos estudantes, não raras foram as vezes em que permaneci refletindo sobre ética e segurança na *Web*; usos e abusos na internet, normas e procedimentos dispostas no *blog* da matéria que leciono, para, minimizar a fragilidade com que jovens publicizam



Imagem 6

freneticamente suas imagens, em busca do outro olhar, do reconhecimento, enfim, dos contatos e dos laços de pertencimento. Apesar de toda a fragilidade e a insegurança demonstrada, seus

³² O extrato das idéias ampliadas neste capítulo foi apresentado, em forma de artigo, no VI Seminário Internacional As redes educativas e as tecnologias: práticas-teorias sócias na contemporaneidade. De 6 a 9 de junho de 2011. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro Faculdade de educação. <http://www.seminarioredes.com>

preceitos de conduta, amoldam-se aos perigos iminentes. As juventudes, por não alardear determinados preceitos de conduta, além da moral e dos bons costumes, são tremendamente flexíveis em seus valores. Estes se apresentam ora bem definidos, ora em construção. Seu ideário relativiza-se conforme a necessidade, o momento e a situação, aceleradamente mutante. Aproximam-se e se mantêm unidos, pela semelhança nos *juízos de valores* (NIETZSCHE, 1991[1887], p. 80). Isto redundará em um esforço maior de policiamento do que na análise destas múltiplas realidades.

Lê-se no portal de notícias da Defensoria Pública de São Paulo, recente episódio divulgado pela mídia: “Monitorados principalmente a partir de conversas em redes sociais, rapazes entre 16 e 28 anos de idade pregam, entre outros crimes, a violência contra homossexuais, negros e asiáticos. Há garotas, quase sempre menores de idade, reforçando os grupos de intolerância.”³³ A tentativa de generalização é extrema, como se o coturno preto, a munhequeira com taxas e o *piercing*³⁴ que afronta os cânones da *Proporção Áurea* aristotélica, pode parecer, para muitos, suficientes provas do *crime*.

Tais cânones de beleza fundam-se no mais harmonioso, no mais elegante, e no mais útil e econômico. Afrontando a beleza ideal, estes jovens cuidadosamente expõem *alargadores de orelha*, além dos *piercings* metálicos na língua, nas sobrancelhas, e noutros lugares nada convencionais, distanciando-se bastante – e propositadamente – do ideal da beleza social e homogênea. A beleza, nestas *tribos urbanas*, pouco se assemelha à tamanha simetria, propostas nos estudos aristotélicos. A cirurgia plástica aproveita destas convenções estéticas, relacionando proporção à beleza e, por conseguinte, à noção do bem. Ser bonito é ser bom e justo. Há décadas, Hollywood impregnou as salas de cinema com o mito da *juventude transviada*. Não há como não

³³ Em <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Conteudos/Noticias/NoticiaMostra.aspx?idItem=33089&idPagina=5211> Acesso em 14/10/2011.

³⁴ O povo da Nova-Guiné centra a sua decoração no nariz, as decorações corporais, servem para conferir ao indivíduo as virtudes do animal de que provém esses adornos. Os Kayapos perfuram as orelhas dos recém-nascidos e o lábio inferior das crianças menores. O chefe Kayapo tem o direito de ostentar um adorno labial de quartzo nas cerimônias particulares, diferenciando-se dos seus congêneres. [...] Para os esquimós do Alasca, o piercing do lábio e na língua significava o momento da transição para o mundo adulto e que a criança tinha se tornado caçadora. Na Índia é comum, sobretudo as mulheres, furarem o septo nasal e as orelhas. Sua incisão na ala do nariz era reservada às castas mais altas. Na época dos faraós, o piercing no umbigo era exclusivo da família real. Os antigos Maias praticavam a arte da perfuração, furando os lábios, o nariz e as orelhas. Adaptado e corrigido da Wikipédia, verbete “piercing”, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Piercing>, a partir de ANGEL, E. The piercing bible: the definitive guide to save body piercing. US, Crossing Press, 2009. Em <http://piercingbible.com/book>. Acesso em 15/10/2011 (Dia dos Professores)

generalizar. Mas, ampliando nossas lentes, percebemos uma juventude testando o poder, experimentando comprometimentos e pertencimentos. Muitos jovens não se eximem dos graves problemas sociais, não só dos locais, como, também, dos distantes de onde circulam. É expressiva a quantidade de ações solidárias deflagradas pela Internet, através de comunidades habitadas por eles, nas quais se agregam em torno de identificações, muitas vezes, obrigados pelas transformações sociais adversas, a se protegerem mutuamente e partilharem suas convicções. Tal constatação, na presente pesquisa, permitiu a reflexão a respeito do que atrai nas comunidades freqüentadas pelos praticantes. Um dos critérios reconhecidos foi a identificação com o perfil da comunidade: ações solidárias, pessoas desaparecidas, maus tratos com os animais revelaram-se nas análises junto a comunidades voltadas à cultura funk, ao futebol, e a grupos musicais, de estilos variados. Entretanto, senti um certo desconforto, ao me deparar, no Orkut de alguns dos estudantes, imagens associadas à violência, à marginalidade. Entretanto, logo cessou a inquietação, pois refleti a respeito de que nem sempre a imagem representa a realidade e que, é comum entre os jovens, lançar mão de símbolos de transgressão, a fim de granjear reconhecimento (Imagem 7).



Imagem 7



Imagem 8

Por onde circulam, estas juventudes escrevem suas experiências e inscrevem suas trajetórias, “trazendo para o seio da sociedade seus principais anseios, por meio de atitudes criativas, que por isso tem alargado a margem de tolerância da dominação” (Idem). Observei estas táticas nas comunidades do Orkut voltadas ao funk, em suas *tags*

nos muros da escola (Imagem 8), adrenalinhicamente pixados (Imagem 10), deixando marcas de suas culturas extremas (Imagem 7); nos sinais feitos com os dedos das mãos (Imagem 37); com suas pulseiras e bonés que, classificados como adereços, representam itens proibidos de *compor* o uniforme escolar: suas marcas, todas próprias, desautoriza estas juventudes. Reserva-se aos jovens a *pasteurização*, a compor uma turma de 65 alunos, homogêneos, sem rostos, identificados, na chamada, por seus números. Afinal, a exiguidade do *tempo aula* não permite dispensar momentos de familiaridade, chamando os estudantes pelos seus nomes.

Para estes jovens, na contemporaneidade, o *estar juntos*, sua indumentária toda própria, comportamento diferenciado, gostos musicais e eleição de *estilos radicais* no corte do cabelo, atraindo olhares, segundo Berino (2011), nem sempre amáveis, potencializa a emoção, amálgama do *tribalismo*. Como despertam a atenção junto à paisagem linear das metrópoles, bem distantes dos padrões estéticos esperados, “desconcertantes, sempre inventando usos” (BERINO, 2011), quase sempre são reprovados. Para o autor,

“é uma questão para educadores e pesquisadores, [já que] o problema é a existência de um frequente olhar de reprovação – como se suas figuras e fabulações merecessem também notas ‘para passar de ano’” (BERINO, 2011; p. 7).

5.1 Contatos

A redução de uma juventude, produtora e consumidora, em seus usos cotidianos, criações, adaptações moda, em especial, da música e de sua escritura à simples condição de massa consumidora (DAYRELL, 2002) é um grave



Imagem 9

esquecimento de que a estatística, “que se preocupa em classificar, calcular e tabular as *unidades léxicas*, de que se compõem essas trajetórias, mas as quais não se reduzem, e em fazê-lo em função de categorias e taxionomias que lhe são próprias” (CERTEAU, 2009, p. 45), não dá conta do cotidiano e suas *redes de saberes*, com todos os seus matizes, “para além daquilo que pode ser grupado e contado (no sentido de numerado)”, nas palavras Oliveira e Alves (2008, p. 28).

Para Berino (2011),

“a juventude sempre me pareceu mais desafiadora do que os desafios apresentados pelo senso-comum, amplamente divulgados. Antes de tudo, suas visibilidades. As juventudes são uma aparição. Menos do que uma faixa etária identificável, as juventudes são perceptíveis através dos seus desenhos, corpos, gestos, vestimentas, assessorios, próteses e as imagens que consomem. A expressão das juventudes vence a faixa etária. Não é a idade biológica, porque aqui o tempo é pictórico.” (BERINO, 2011; p. 7)



Imagem 10

A exploração de matérias jornalísticas, por parte da mídia televisiva, num “universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido” (BAUDRILLARD, 1991; p. 103) sobre ataques de gangues, de grupos *radicais* tem-se mostrado mais vendável do que as imagens da barbárie metropolitana – execuções sumárias, reação a conflitos, nos *Autos de Resistência*, ou balas perdidas, que teimam em encontrar estes jovens que ficaram ao largo da ineficácia da proteção social, não se esgota em sua principal função: a de informar. Entretanto, captura o que é de mais sensacionalista, ampliando os fatos, tornando-os

recursivos até o esgotamento do interesse e, consequentemente, da audiência. Aquilo que se mostra representado por quaisquer meios, pouco condiz com a realidade. Para o sociólogo e filósofo francês, Jean Baudrillard (1991), não mais estamos diante de um real e, sim, de uma atmosfera imaginária. Para o autor, trata-se de um

“hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera. Nesta passagem a um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com

uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda álgebra combinatória.” (BAUDRILLARD, 1991; p. 8-9).

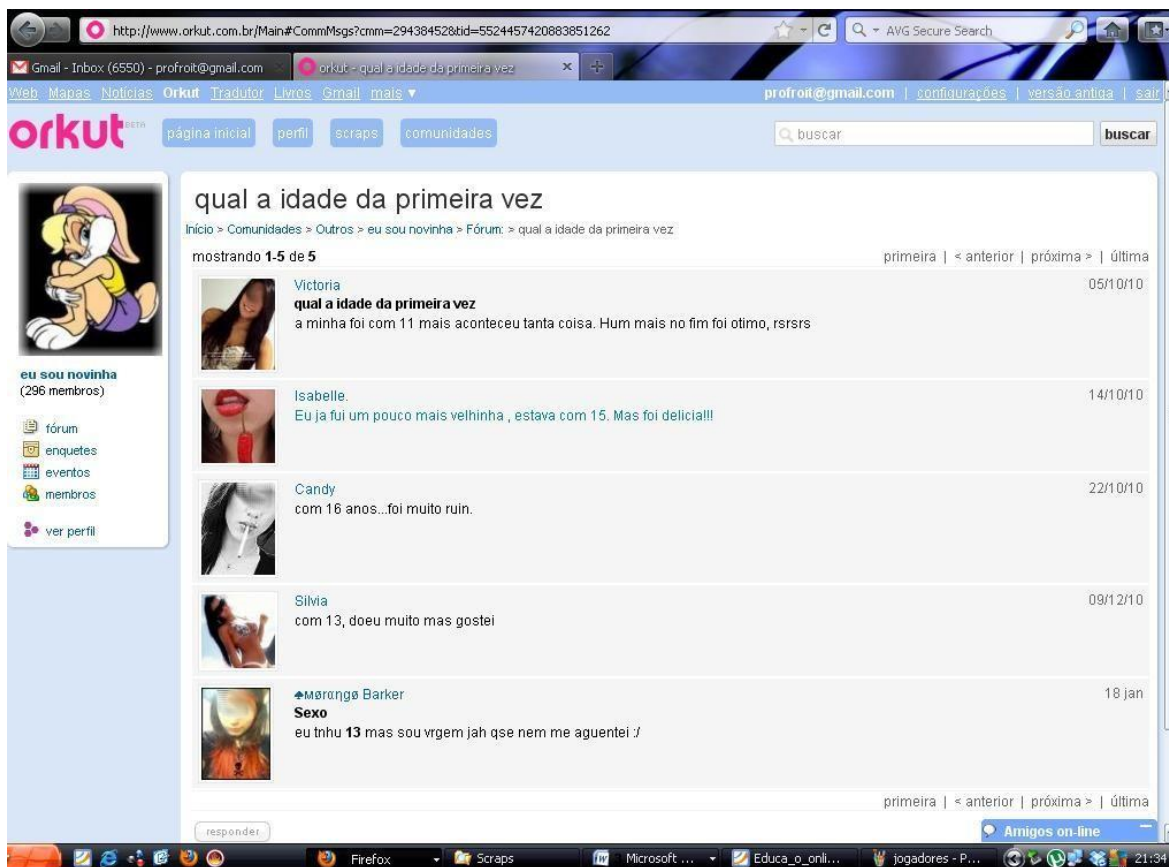


Imagem 11

E é exatamente este imaginário que, no *ciberespaço*, na caracterização psicanalítica de Turkle (1997), permite a elaboração dos perfis *fakes*³⁵, na medida em que “as características pessoais podem ser todas ou quase todas inventadas” (COUTO & ROCHA, 2010, p. 22, 23). Aquilo que se apresenta é uma imagem – entendida, aqui, como qualquer – representação elaborada pelo homem – que se deseja possuir, já que “no ciberespaço, centenas de milhares, talvez já milhões de utilizadores criam personalidades online, personalidades essas que vivem

³⁵ Falso. Palavra utilizada na denominação das contas ou perfis dos assinantes do Orkut, ocultando sua identidade fora da virtualidade.

num grupo diversificado de comunidades virtuais onde a formação rotineira de identidades múltiplas abala qualquer noção dum eu real e unitário [...]” (TURKLE, 1997; p. 400).

É compreensível, por parte dos professores, furtarem-se a contextualização das aulas, tratando do envolvimento, cada vez maior, de moças com os *patrões*³⁶: este é um valor que muitas desfilam em seus *Orkuts*, através da postagem de vídeos, depoimentos ou *scraps*, com orgulho e demonstração de superioridade às suas colegas, a preferência daqueles pelas “novinhas” (Imagem 11). O que me reservo, com muito zelo e sinceridade, procurando *chegar junto*, conforme a gíria vigente, é a observar seus atos de comunicação, sem fragmentações daquilo que é uno: a estrutura, a sintaxe, a semântica. Aproveito para levar à discussão, aqueles elementos que garantam a apropriação de outra modalidade discursiva, além da utilizadas, no cotidiano, por eles, tanto no *Barão*, como no ciberespaço e nos outros espaços. Ao invés de classificar como erro o que se trata de inadequação a um determinado contexto, na modalidade da linguagem selecionada, proponho atividades de recontextualização no uso da linguagem. Sua peculiar maneira de expressão garante os relacionamentos, e isto é o que importa para esta faixa que, muito além da etária, é um recorte estatístico marcado negativamente pelo abandono e segregação. Conforme



Imagem 12

Dayrell (2002), a dimensão simbólica em que estes jovens inscrevem suas produções culturais, serve-lhes de blindagem e agregação dos semelhantes (Imagem 12), na medida em que este peculiar “mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. (2002, p. 2).

³⁶ Na hierarquia do narcotráfico, “dono”, o patrão - quem manda e desmanda em tudo e só vai à comunidade para fornecer a droga e as armas e recolher os lucros das vendas.” In: Brincando com fogo. Jornal Folha de São Paulo, Folhateen, por Fernanda Mena. Disponível em: <http://www.metaong.info/node.php?id=410> Acesso em 16/4/2011

Estes encontram, em seus usos e fazeres cotidianos, estratégias de construção e manutenção de laços de pertencimento, que os irmanam, com todas as diferenças características de suas individualidades, conectando-se à rede, irmanados pela amizade, pelo coleguismo e pela parceria cimentada pela emoção: **Juntos e misturados** (ROITBERG & SANTOS, 2010), na gostosa voz adolescente categorizada como gíria, mas que foge aos verbetes, tão logo suas asas resvalam às arapucas dicionarizantes. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões,

“assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca [...] criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado.” (DAYREL, 2002; p. 2)

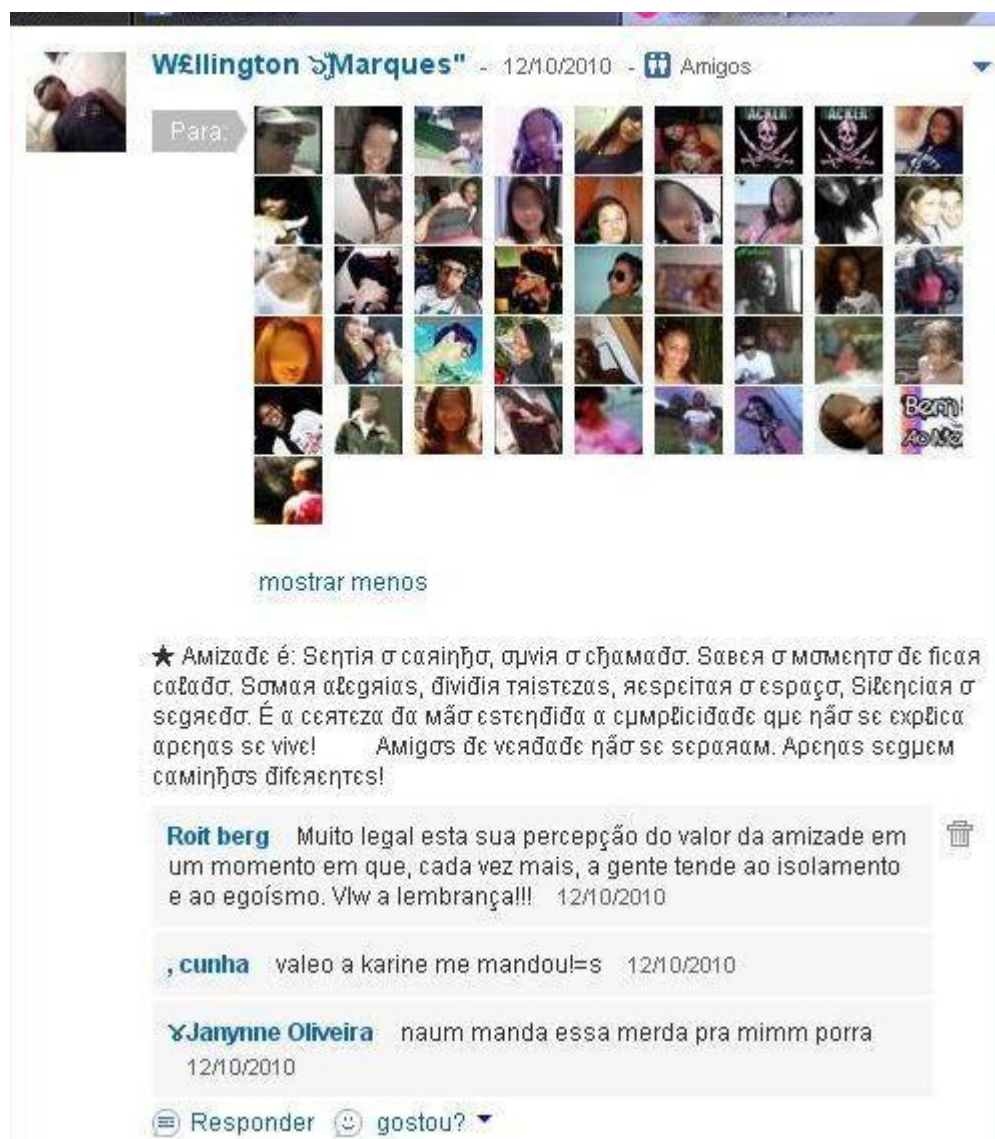


Imagem 1

Utilizam-se das redes sociais, espalhando suas mensagens a um número de contatos (Imagem 13) proporcional à capacidade de construção, manutenção e ampliação dos laços de *socialidade* (MAFFESOLI, 1998; p. 79-99), uma nova forma de *doxa*, praticando comunidades emocionais (1998, p. 13-43) [Anexo 1].

Amizade, para eles, é mais que números de contatos no Orkut (Imagem 13), para os quais enviam mensagens. Como fugir da ótica adulta, alienígena diante de seus *scraps*, em uma “língua em constante fazimento” (COUTO & ROCHA, 2010; p. 91), de suas músicas, em seus signos espalhados e debochadamente expostos às câmeras, atualizadas em suas tecnologias de controle e vigilância, a tentar circunscrever suas produções culturais, reproduzindo que é necessário ter a consciência de seu quadrado, enquanto o *batidão* rola solto na madrugada, unindo o *feio* da periferia ao *bonito* da zona sul do Rio de Janeiro. Mas, é necessário ponderar sobre o fato de que:

“É o risco do contato que nos provoca hoje a narrativa de que vivemos a idiossincrasia da diferença e a produção de uma coreografia urbana, que delimita através do reconhecimento das culturas. Desta forma, as identidades distinguem e nos ajudam a estimar cada um dos habitantes da cidade acomodados a um lugar. São os sinais indicativos do pertencimento [...]” (BERINO, 2007; p. 143)

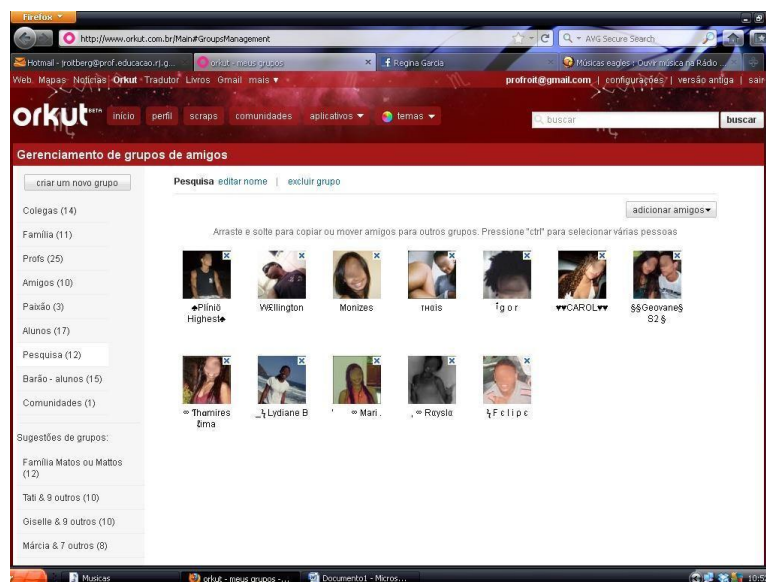


Imagem 2

Brincadeiras, zoação, gritos, azaração, movimentos sensuais, piercings, tatuagens, pixação, danças, gestos adquirem ressignificações, quando superexpostos pelas mídias massivas. Além de informar o que é de relevo social, ultrapassam tal função. Para isto vale a advertência de Berino (2007) acerca da “*fabricação*, através do arranjo discursivo que dispõe, de uma consciência apropriada ao embaraço provocado pelas *novas razões da pobreza* [que] se estabelecem nas grandes cidades.” (BERINO, 2007; p. 144).

5.2 FAZENDO O DOWNLOAD

- recuperando elementos da pesquisa

A partir de março de 2010, quando iniciei a pesquisa, após ter solicitado autorização da direção do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, - o *Barão*, como me acostumei a chamar este colégio- na zona oeste do Rio de Janeiro, em que, na época, atuava como professor de Português, apresentei-lhes a proposta intitulada “Um estudo sobre a produção textual de alunos do ensino médio em redes de cultura”, explicando o motivo de meus estudos. Solicitei-lhes autorização e de seus responsáveis: suas idades variavam entre 15 e 16 anos, egressos, em sua maioria, da rede municipal de ensino. Como, durante as minhas aulas, vinha desenvolvendo frequentemente



Imagem 3 projetos no laboratório como estímulo ao aprendizado, diminuía-lhes a resistência às

aulas expositivas. Efetuando rupturas com as práticas de escolarização cristalizadas, que tanto desagradam alunos e professores, permanecia alerta aos dispositivos de coação, tentando não “subornar ou compelir” (ILLICH, 1985; p. 124) os estudantes, através da magia tecnológica. Reservara, para a pesquisa, uma de minhas turmas, vespertina, do 1º ano do Ensino Médio, com 25 estudantes frequentes. Dentre eles, em março de 2010, em função de um mapeamento no Orkut (Imagem 14) integrado com a resposta a um questionário e ativa utilização de nossa página na interface wiki, observei a produção de 10, enquanto grupo focal. Em março de 2011, já na segunda etapa da pesquisa, reduzi a três da mesma turma de 2010, separados em outras e em turnos diferentes, devido à *enturmação* de 2011. Considerei, além do mapeamento do Orkut, contatos, *scraps* e rede de relacionamento.



Imagem 5

No ano de 2010, atuando como regente, minhas aulas com a turma 1011 aconteciam em dois dias consecutivos, totalizando seis tempos. A fim de comparar a utilização do Orkut por estudantes do turno da noite, adultos, adicionei 2 alunos, também da rede estadual de ensino (Imagem 15).



Imagem 4

Às sextas, dia de diversão, quando trocam muitos *scraps* de *b~ fds* e decidem a festa onde *zoar*, *azarar* e *pegar* (Imagens 16-17), permaneciam comigo quatro tempos seguidos, o que mereceria, da minha parte, um tratamento diferenciado.

Cada vez mais, os encontros de *fds* vinham sendo combinados através do Orkut, considerando a frequência e a concentração por interesses comuns, nas mesmas redes de *socialidade*. Segundo Michel Maffesoli (2011), enquanto

“características de socialidade, a pessoa representa *papeis*, quanto no seio das diversas tribos, de que participa. Mudando o figurino, ela vai de encontro aos seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, animais, assumir o seu lugar, a cada dia, no *theatrum mundi*” (Idem, p. 108).



Imagem 18

Já para Milton Santos (2008a; 2008b), este desapego do lugar geográfico, serve aos propósitos da globalização, já que, nas tessituras reticulares de tais encontros, “a finalidade é o abraço estudado dos recursos e capacidades, reais ou virtuais. Uma apropriação intensificada do mundo e das pessoas. Deste modo os encontros são mais frequentes e menos casuais [...]” (VITÓRIO FILHO & BERINO, 2007; p. 144). Assim, percebi a frequência dos praticantes em comunidades voltadas ao elogio e demonstração de orgulho no pertencimento às favelas cariocas,

- p. ex.: *Nós é cria, porra!* (Imagem 19) – cujos vídeos de produção caseira, enaltecendo um determinado recorte da realidade (Imagem 18), quase sempre com câmera digital ou celulares, são postados no Youtube³⁷ e inseridos no Orkut.

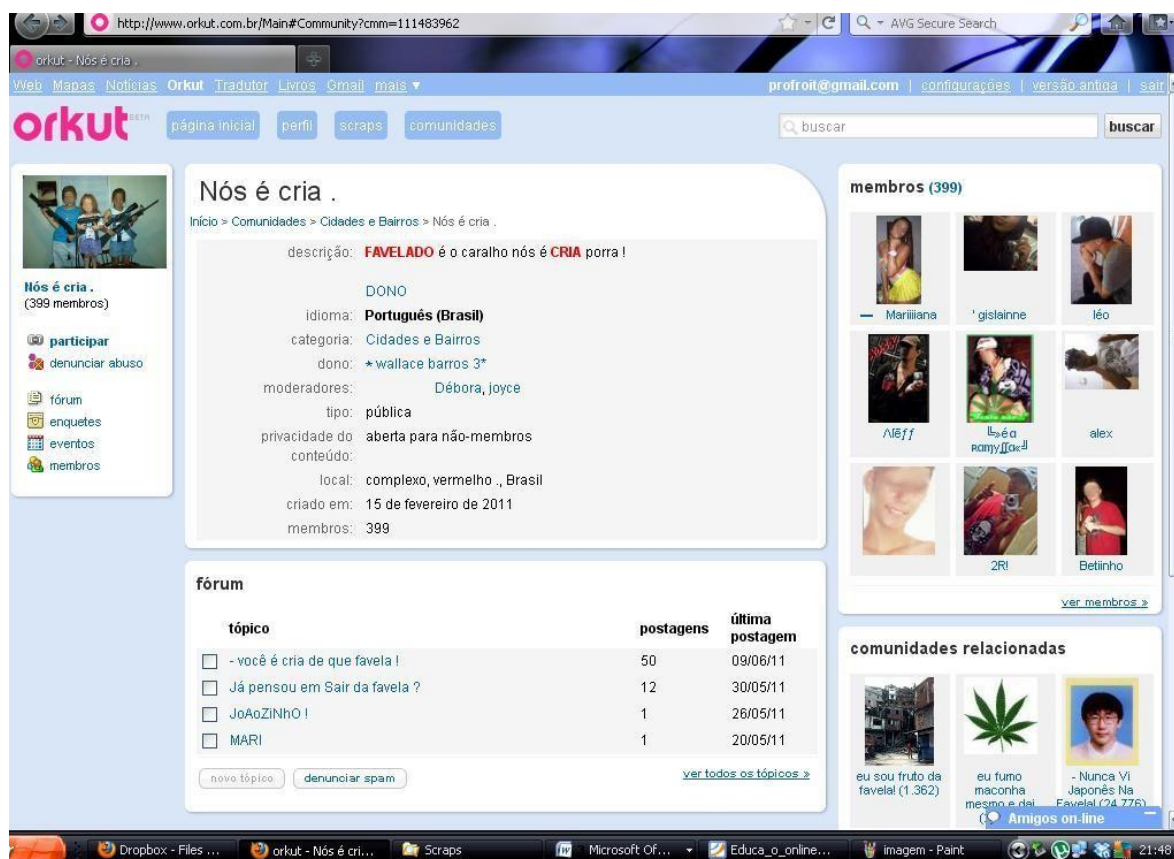


Imagem 6

Como é necessário cadastramento para a publicação de vídeos nesta interface, nem todos os estudantes postavam suas produções caseiras. Entretanto, observei que o Youtube pode, também, contribuir para o processo de interação e, por conseguinte, para a educação. Aqueles que não publicavam, ou assistiam aos vídeos e comentavam com os seus colegas, ou, ainda, aqueles que tinham conta, publicizavam suas produções. A possibilidade em se postar comentários e responder a eles, permite ao professor trabalhar a questão do letramento digital. O uso desta interface, com esta funcionalidade, permitiu-me uma associação aos comentários, scraps e depoimentos no Orkut, referente à formação de capital social (RECUERO, 2010).

³⁷ Vídeo selecionado para o Projeto A Linguagem Metafórica da Literatura: disões sobre. Um mesmo tema. Transposição de linguagem literária escrita para linguagem hipermediática. Filmagem de desenhos com fundo musical (rap), criação livre e original do grupo. p. 1011, 2009. Em <http://www.youtube.com/user/profroit?feature=mhee> Acesso em 21/08/2011.

Acompanhando as pegadas de um dos informantes, percebi que, não só a foto do perfil da comunidade olíticas i por ele foi alterada, como, também, associou-se a outra da mesma *categoria*, entretanto, ao contrário de “*Nós é cria*”, com diversas restrições de uso por parte dos integrantes, conformando-se, não só aos preceitos da *netética* (SANTAELLA, 2007), como, também, à segurança pública.

As imagens construídas destes jovens muitas vezes são potencializadas pelas melodias sensuais do funk carioca (VITÓRIO FILHO, 2006), através dos trechos de músicas com as quais se identificam. Tamanha produção cultural, cada vez mais divulgada pelas redes sociais, em forma de cartazes e convites (Imagem 16-17), compõe “o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (GARCIA CANCLINI, 2009; p. 41).

Como constatei, também, a construção de imagens, no presente estudo, tais registros nos Orkuts dos sujeitos pesquisados, associados aos depoimentos, nos *scraps* e nas comunidades olíticas ia, exigiu-me, no mínimo, cautela para a compreensão de que

“os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. [...] O importante é não nos deixarmos contagiar por equívocos conceituais que confundem a realidade com as representações que dela surgem.” (PAIS & BLASS, 2007; p. 11).

Determinadas mídias expõem imagens negativas da juventude e, para este fato, sempre é necessário um distanciamento crítico. Aqui o menos é sempre mais.

5.3 DO INDIVIDUALISMO DA MODERNIDADE AO COLETIVO CONTEMPORÂNEO

- a alegria do “estarjuntos”



Imagem 7

Diferente de outros colégios da região, o laboratório de informática do *Barão* contava, no período da pesquisa, diariamente, com um orientador tecnológico. Sob sua responsabilidade, além do cuidado e manutenção dos equipamentos e do mobiliário, acumulava as funções de atalaia e bedel, vigiando e disciplinando os alunos, tanto através do *servidor*, como com intervenções diretas: além de que precisavam deixar suas mochilas na estante, assinavam e registravam horários e atividades, a cada sessão, em um livro de registros que ficava na mesa daquele funcionário.

Não demoraria muito para que aqueles adolescentes, dentre cujas características, segundo José Machado Pais e Leila Maria da Silva Blass (2007) desponta a de afrontar a ordem dominante, distanciando-se de determinados padrões sociais esperados, manifestassem sua insatisfação, apesar de necessitarem, também, dos “vínculos de sociabilidade e de integração social” (PAIS & BLASS, 2007, p. 17). Para tanto, utilizando-se de uma de nossas páginas wiki³⁸ “pixavam” comentários (Imagem 21) sobre o elemento indesejado, o intruso, conforme recados deixados no mural virtual, de acesso restrito à turma, uma de nossas páginas, no *software social wiki*.

O estado de alerta em que se encontram, que pede uma atenção constante à segurança do grupo, segundo os autores, exige:

“vigilância vinte e quatro horas por dia e a afiação diária das espadas, para a luta, dia sim, dia não, para manter estranhos fora dos muros e para cassar os vira-casacas em seu próprio meio. E, num toque final de ironia, é só por essa belicosidade, gritaria e brandir de espadas que

³⁸ A possibilidade da cocriação e da autoria coletiva é o principal atributo deste software que permite um trabalho simultâneo e conjunto independente de os autores permanecerem locados em um mesmo espaço físico. A hipertextualidade encontra neste produto uma de suas principais ferramentas de edição de textos, imagens e sons. Disponível em: <https://www.roitberg.wiki.com/>

o sentimento de estar em uma comunidade pode ser mantido e impedido de desaparecer. O aconchego do lar deve ser buscado, constantemente, na linha de frente.” (PAIS & BLASS, 2007)

Apesar de que o *atrito* nas relações entre os jovens seja uma constante (Idem), a harmonia e a satisfação de estarem no laboratório era uma marca constante em nossos encontros, mesmo diante das adversidades: dentre os computadores do laboratório do *Barão*, só utilizávamos 10, para as atividades *online*, devido às limitações da velocidade de conexão, desempenho e manutenção das máquinas, o que exigia o atendimento de turmas por grupos alternados. No início da pesquisa, o laboratório dividia-se em dois ambientes, semelhante às *lans*, isto é, máquinas e pessoas isoladas fisicamente em seus consoles, o que logo foi alterado devido à necessidade, de maior interação entre os alunos (Imagens 1-20), ampliando a visibilidade, baixando a ponte de acesso ao “*castelo da informática*”. Apesar de terem se conhecido há pouco, demonstravam satisfação em estarem juntos naquele momento, naquele espaço *vigiado*.

Aos poucos, professor-aprendente-pesquisador e amigos, aproveitando a rede, ampliávamos nossos espaços, multiplicando conhecimentos; tecendo parcerias, cavávamos estratégias rizomórficas. Enfim, mais do que resistindo, adaptando as práticas cotidianas naquele currículo que se pretendia hegemônico, não esquecera, conforme Oliveira (2005) do principal objetivo:

“pensar os modos como as práticas curriculares cotidianas criam formas de emancipação social frente à força reguladora das normas e, por outro lado, para não incorrerem no erro da dicotomização, de que maneira as práticas curriculares reais contribuem para a consolidação da regulação social via escola, imprimindo um ritmo conservador a propostas que visam à emancipação, produzidas muitas vezes, e por incrível que pareça, pelas próprias autoridades educacionais.” (OLIVEIRA, 2005, p. 80)

(Monizes) eu gostei muito foi do diário achei super interessante (Raísla) Eu também ttoo gostandoo pks deesse Trabaalho , é melhoor doo qee escreveeer 😊 (Mariana) gostteii doo muuraal , (Diego) eu gostei do mural da escola e do diário (Felipe Noronha) <u>gostei muito da foto</u> <u>só tem mulher kkk"</u> <u>tirando o prof</u> <u>(Pâmela)</u> <u>Gostei de cada pessoa expressa sua alegria ou sua trsteza!</u> (cassia)gostei muito o professor esta belo (Thais) Gostei. parecem estar todos Felizes.	eu não gostei do espetor da escola muito chato pelo amor de Deus né 😞 Eu também elee é super chato eu eim paraaa nee ninguém é obrigado a aturar eesaas pessooaas Doidaas 😞 (Mariana) Não Gosttei desse Homem chato qee fica irritando os outros chatoo ; (Diego) Do espetor da escola muito chato (felipe noronha) não gostei da nota da feira cultural (Pâmela) Não gostei muitoo da nossa apresentação. (cassia) não foi tão bom apresentação (Thais) A Apresentação do trabalho foi mal organizada.	nosso diário (Raísla) mexi no meu diário e dps vi o mural :D tbm , mexi no meu diário e no mural ; (Diego) eu mexi no mural da turma e do diário mesmo só (IGOR) MEU GRUPO FEZ NADA ! (felipe noronha) eu fiz a pesquisa da saúde do homen e da mulher (Pâmela) mexi no meu diario! (cassia)eu fiz a pesquisa da saúde do homen e da mulher	eu queria sugerir um laboratorio bem melhor 😊 (cassia) um laboratorio bem melhor (Thais) Sugiro uma internet melhor para o laboratório de informática.
---	---	---	---

Imagem 21

Ao contrário do que vivenciei com aquela experiência no *Barão*, o espaço colonizado da educação, infelizmente, provoca mais *atrito* do que aproximações; mais afasta que aproxima (ILLICH, 1985), porque desloca o amor das práticas educativas; porque elide sujeito da educação.



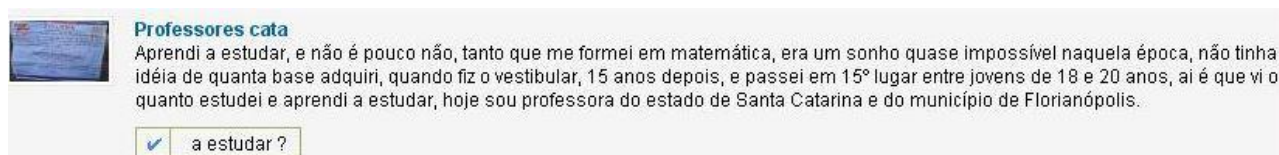
Imagem 8

Ao contrário, as redes, representadas pelas dinâmicas não-lineares (OLIVEIRA & ALVES, 2008, p. 115), “existentes entre os grandes espaços das cidades” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 7), assim como as ervas, camuflam-se e impregnam as adversas condições de sobrevivência, da sensação de abandono, da insegurança e do descaso, escorando-se no amor, agindo enquanto mecanismo homeostático, pois,

“para que haja história de interações recorrentes, tem que haver uma emoção que constitua as condutas que resultam em interações recorrentes. Se esta emoção não se dá, não há história de interações recorrentes, mas somente encontros casuais e separações.” (MATURANA, 2009, p. 66).

A relação dos alunos com o *Barão* demonstra um gostar de estar ali, pois, ainda que dispensados de alguma aula, ali permanecem, recebendo a visita de outros alunos fora de seu turno. São momentos preciosos, que fotografados em um cenário agradável, eternizam-se ao serem postados em seus *scrapbooks* (COUTO & ROCHA, 2010), os espaços reservados para a inclusão de fotografias digitais, organizadas em álbuns e inserção de comentários, no Orkut. Para Berino (2011) “a imagem do outro poderá mais adiante ser lembrada como uma imagem para nós mesmos enxergarmos reflexivamente o que acreditamos constituir a vida, projetando ternamente outras possibilidades de existir.” (p.10). Lembranças que muitos preservarão com afeto, além de terem aprendido “a estudar”, conforme a enquete (Imagem 22).

Não raros são os depoimentos de ex-alunos sobre sua relação afetiva, além dos aspectos da formação. Para aqueles que responderam a enquete, um dos vários recursos deste *software social*³⁹ (RECUERO, 2010; p. 94-102), postada na página da comunidade do Orkut⁴⁰, a maioria respondeu sobre o que aprendeu na escola: 135% a estudar, seguido de 67% a não fazer nada, 66% a namorar e 34%, beber, fumar e brigar. 51% votaram em “outros” (Imagem 23).



Ultrapassando a leitura dos números, chamou-me a atenção os depoimentos sobre amizades e

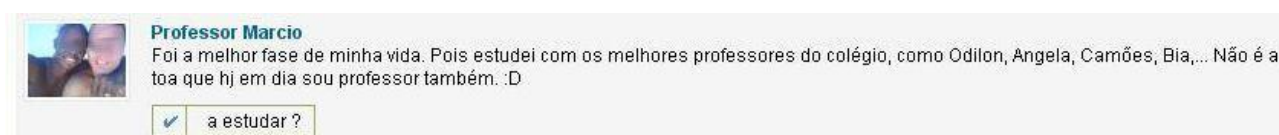


Imagem 9

namoros, além do “não fazer nada”, tanto os professores, quanto os alunos.

Alguns ex-alunos (Imagem 23) declararam ter-se motivado a seguir a carreira docente estimulados pelos estudos, tornando-se professores. Além de não pouparem elogios, confirmam o que muitos dos meus colegas do *Barão* e vizinhos do entorno, além de outras pessoas que o conheceram, estudando ou não naquele colégio. São elogios que revelam a notoriedade daquele colégio para a região e para os que o conheceram. Isto foi em um tempo em que, para se conseguir uma vaga, muitos tinham de dormir na fila para a inscrição em uma prova para o ingresso. Nas décadas dos anos de 1960, até os anos de 1970, havia seleção para se estudar no ensino público oferecido por aquele colégio, segundo os relatos.

³⁹ Para Lucia Santaella (2010), comentando a divisão das redes sociais realizada por Raquel Recuero (2010), pondera que é a apropriação daqueles que se utilizam de uma plataforma que orienta sua natureza e características (p. 272, 273). Nada melhor que ferramentas interativas, semelhantes às enquetes, para testar visibilidade, perfil e demais características dos participantes nas redes.

⁴⁰ Postada por George (George Ferreira), em 24/07/2007. In: <http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults?cmm=728653&pct=1185289512&pid=1347825820>. Acesso em 14/08/2011

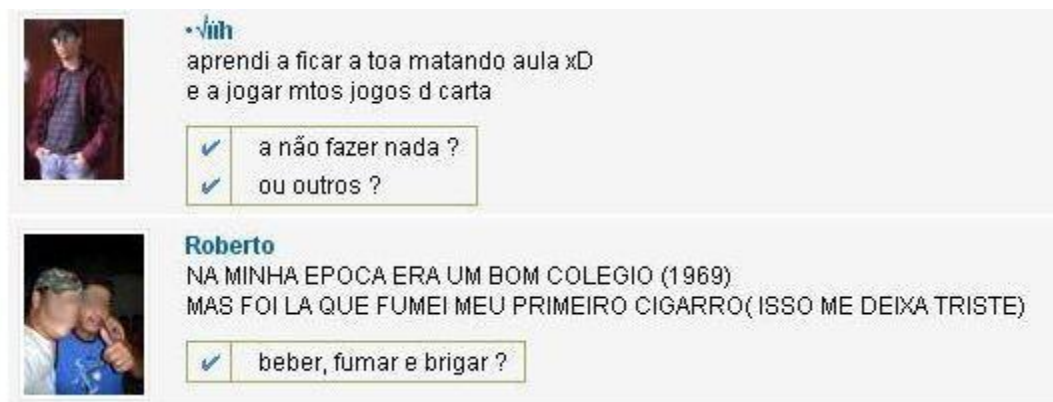


Imagem 24

As narrativas da vida acompanhadas nos/dos/com os cotidianos das, revelam miríades de acontecimentos: muito mais do que um recorte na vida dos estudantes, reinventam suas práticas através do uso daqueles espaços. Daí que o hedonismo não pode passar ao largo das lembranças destes ex-alunos, apesar de que se percebe o tom de tristeza e arrependimento transparecendo em alguns depoimentos (Imagens 24, 25).

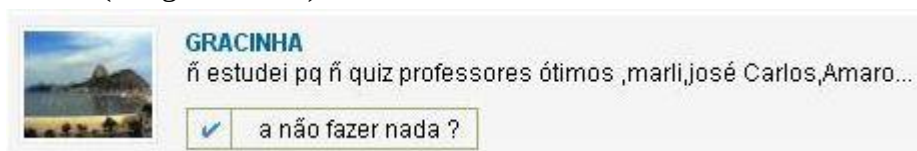


Imagem 25

Entretanto, se apesar de declararem ter representado um “bom colégio”, com um corpo docente de qualidade, à exceção dos que aproveitaram para “não fazer nada” (Imagem 25), também aproveitaram... para enriquecer o seu capital social (Imagem 26):

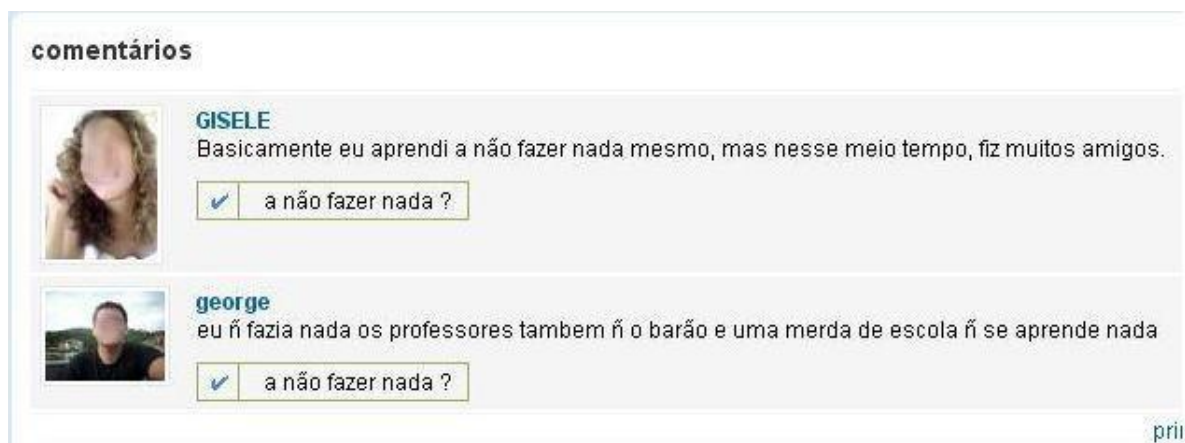


Imagem 26

Ecoando com Bauman (2003): “o balanço do passado, a avaliação do presente e a previsão dos futuros são atravessados pelo conflito e eivados de ambivalência (BAUMAN, 2003,

p. 23), permito-me recuperar a valiosa contribuição de George Simmel (2006 [1917]), guardando as devidas reservas no distanciamento histórico da sociedade descrita pelo autor, em “**Questões Fundamentais da Sociologia**”.

O autor, ao estudar a superioridade do indivíduo sobre a massa, observou que, dentre as mais antigas funções sociais, como o comer, o falar, na reunião em grupos,

“Mesmo os encontros sociais entre pessoas muito cultas mostram a tendência a desembocar no relato das anedotas mais baixas. É com esses jogos sociais, que trazem consigo o caráter espiritualmente mais primitivo e despido de ambição, que se chega à alegria sem limites e ao sentimento de união desprovido de qualquer reserva nos círculos dos mais jovens (SIMMEL, 2006 [1917], p. 49)

Esta relação entre o indivíduo e a coletividade é tensionada nos relatos quando se sabe observado, analisado, criticado, aceito ou rechaçado pelo grupo. Ainda que desconfiando com Bruno Latour (2004) de que, de repente, “jamais fomos modernos” (2004, p. 401), considero o fato de que, dentre as alterações promovidas pela pós-modernidade, o olhar do outro, apesar de nos atrair, coloca-nos na berlinda (BAUMAN, 2003).

Os paradoxos, enquanto característica da pós-modernidade são uma constante nos estudos nos/dos/com os cotidianos. Na análise de alguns depoimentos, notei esta necessidade de se fazer

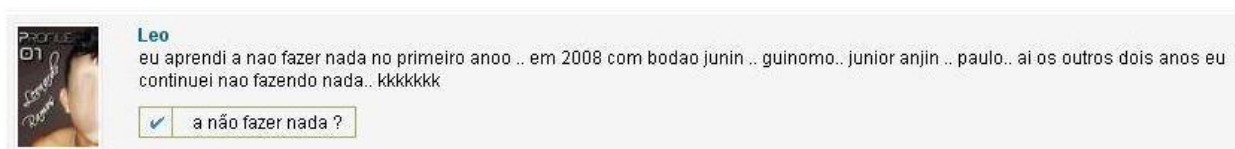


Imagem 27

percebido, ao chamar a atenção com relatos espirituosos (imagens 26 e 27), como, por exemplo, quando se pretende uma exposição para todos os daquela rede social, do *orgulho* de ter continuado “não fazendo nada”, seguido de risos.

A anedota utilizada, tanto para romper com a seriedade, assim como fazer pilhéria sobre si mesmo – “*afinal, ninguém vive só de coisas sérias -,*” (OLIVEIRA, 2007, p. 49) registra o que é fato: a migração de um fazer ciência com o núcleo duro, para um outro, bem mais maleável, flexível (SOUZA SANTOS, 2004; 2002). Conforme os estudos sobre a necessidade em se aprender nos/dos/com os cotidianos vendo, lendo e sentindo o mundo, Inês de Oliveira (2007) registra o riso que nos causam determinadas classificações polarizadoras, que juntam na mesma esfera tanto seres quanto coisas e objetos. Este é um procedimento, utilizado em pesquisas, que

desprezam as sensações em detrimento da razão, o que, segundo a autora, pode ser questionado, “[...] na medida em que elas seriam fundamentadas na incapacidade do “nosso olho humano” de reconhecer as diferenças existentes entre eles.” (OLIVEIRA, 2007, p. 50)

O elogio ao ócio (Imagem 27), avançando com a crítica, lembra o “Currículo dos urubus”, de Ruben Alves, em que o autor, ao criticar o currículo engessado dos sistemas educacionais, verticalizados, vivenciados nas escolas, ainda praticados por alguns professores, alheios aos interesses imediatos e à realidade dos estudantes, cismam em ensinar conteúdos programáticos do currículo de pássaros elegantes e de belos cantos, a urubus.

Segundo a fábula, não há como transformar urubus em paraísos. Diz o autor, no último parágrafo:

“Para educar bem-te-vi é preciso gostar de bem-te-vi, respeitar o seu gosto, não ter projeto de transformá-lo em urubu. Um bem-te-vi é sempre um urubu de segunda categoria. Talvez para se repensar a educação e o futuro da Ciência, devêssemos começar não dos currículos-cardápios, mas do desejo do corpo que se oferece à educação. É isto: começar do desejo.” (ALVES, 2000; p. 74)

Muitos estudantes, infelizmente, porque “o melhor está fora das salas de aula” (Imagem 28), abandonam seus estudos, compondo a estatística dos desempregados, não com isto, querendo afirmar que escolarização seja garantia de emprego. O que percebo é o fato de que as promessas de geração de emprego e da garantia da inserção em postos de trabalho que seriam criados pela automação progressiva vem sendo substituídas por programas governamentais. Estes, como medida de ressocialização, ou promovem ações de cidadania ou oferecem cursos para aprender técnicas de voluntariado, transparecendo os interesses do Estado, enquanto sistema de governança instituído e aceito pelo cidadão médio. Aliás, um Estado omissivo e ausente para o cidadão; ativo e presente para o empresário.

Assim sendo, os programas de inclusão digital também irão servir ao lucro. Comparando os rótulos utilizados em tais programas como, por exemplo, “*alfabetização digital*”, “*pró jovem urbano*”, não pode passar despercebida a alusão às primeiras campanhas de alfabetização, cujos autores solaparam os objetivos libertadores freirianos, na década de 60 do século passado. À luz de nossa gênese caudilhesca, não é muito difícil encontrarmos nas propostas do, então, Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), a meta a ser atingida: ensinar a escrever o

nome em uma cédula eleitoral e marcar um X, ao lado do nome do candidato que promovera “tamanho” desenvolvimento social (FERNANDES, 1998).

Em *A era da indeterminação* (OLIVEIRA & RIZEK, 2007), encontro um trecho elucidativo, sobre este paradigma da complexidade, característico da contemporaneidade:

“Mas é aqui que se situam os desafios. Entre, de um lado, os artefatos da “cidade global” e, de outro, os “pobres” e “excluídos” tipificados como público-alvo de políticas ou programas ditos de inserção social, há toda uma trama social que resta a conhecer, que não cabe em modelos polares de análise pautados pelas noções de dualização social, que escapa às categorias utilizadas para a caracterização da pobreza urbana e que transborda por todos os lados do perímetro estreito dos “pontos críticos” da vulnerabilidade social identificados por indicadores sociais.” (OLIVEIRA & RIZEK, 2007, p. 198)

Assim como, no modelo societário vigente, é impraticável a inserção de todos no mercado de trabalho – já que não existe mais o emprego, e, sim, a empregabilidade (NEVES, 2005) – a extinção de tal fonte de lucro é uma grande incoerência para o capitalismo. As promessas da modernidade não fazem mais sentido na complexidade contemporânea, pois que, afirmando-se a equanimidade referente ao “[...] espaço público democrático e dos direitos em sua vocação universalizante, é que faz (ou fazia) sentido a discussão clássica sobre exclusão social e a promessa de um alargamento do espaço democrático para nele incluir os que dele foram privados.” (OLIVEIRA & RIZEK, 2007, p. 200)

Conforme o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Ceged) e Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE (Portal TEM Emprego, 20/06/2011), só nos últimos 15 anos, houve um aumento de 120% no número de desempregados com curso superior, sendo que, “em 2003, havia 2,6 milhões de ocupados com curso superior. Esse número subiu para 4 milhões em 2010”. Apesar de o mercado absorver bem mais aquele que possui curso superior, mais da metade dos candidatos “diplomados”, ocupa vagas que exigem bem menos escolaridade, bastando, para isto, a conclusão do Ensino Médio.

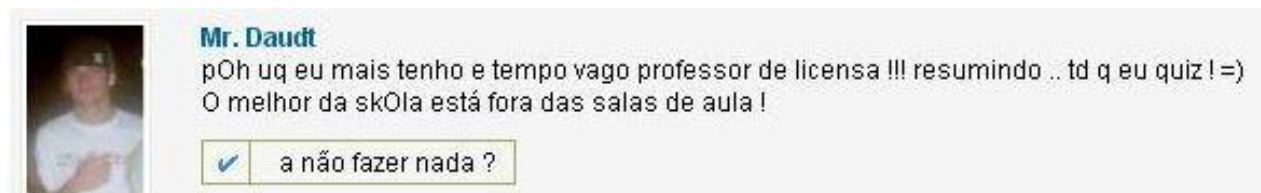


Imagem 28

Este currículo, dissonante do mundo adolescente, inverte a história de Pinóquio, não foram os usos que todos fazemos deste espaço que nos pertence. A escola tanto permite transformarmos meninos em bonecos de pau, assim como representa o espaço, por excelência, onde nossas emoções são lapidadas (Imagem 29), junto com a construção do conhecimento, que agrega nossas experiências ultramuros escolares em um ambiente propício ao aprendizado.

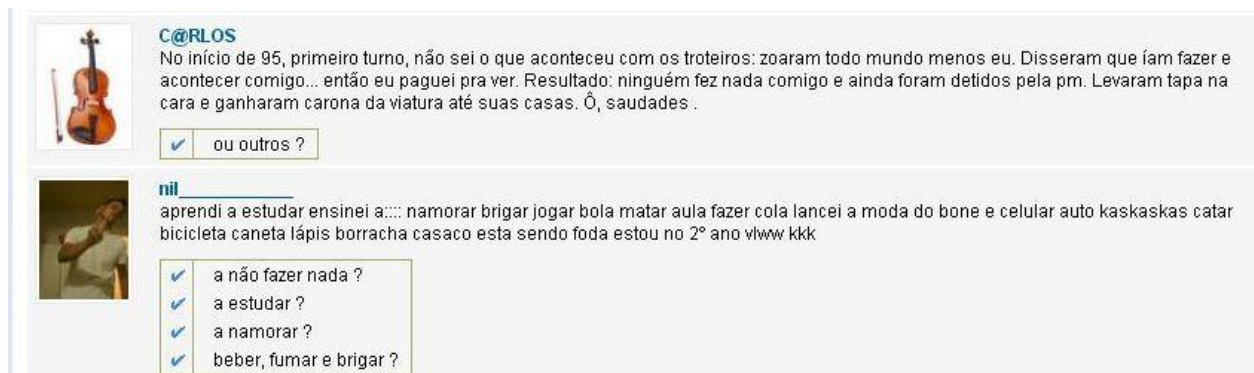


Imagem 29

5.4 comunicação na internet

- versatilidade e fluidez na economia da web

As pesquisas sobre interações e aprendizagem em ambiente virtual vêm priorizando temas como ensino auxiliado por computador, internet (Redes de computação) na educação, ensino a distância, tecnologia educacional, interação professor-alunos, ensino de língua – métodos de ensino (OLIVEIRA & PAIVA, 2001), centrando-se nas interações on-line ou offline em e-mails ou em chats. Talvez, historicamente, as pesquisas em interação eletrônica, discurso oral, discurso escrito e discurso eletrônico, em forma de depoimentos ou pequenas mensagens em softwares sociais, como, no caso, o Orkut, continuam representando adaptações deste início de pesquisas referentes à interação eletrônica mediada pela internet.

O potencial de análise destes novos gêneros textuais está além da caracterização de elementos diferenciadores da linguagem oral e da linguagem escrita, pontuando que “a análise das relações entre a fala e a escrita (F/E), quando baseada na observação dicotômica entre as duas modalidades, está fadada ao fracasso” (MARCUSCHI, 1988, *apud* SOUZA, 2001, p. 42).

Entretanto, estudos semelhantes, utilizando-se da análise do discurso, possuem relevância na medida em que a oralidade e a escrita são manifestações de língua: elas se realizam de modo

heterogêneo sofrendo modificações, *i.e.*, possuem formas diversas, além de serem propícias a mudanças.

Não há como dissociar a língua de fatores históricos e sociais, muito menos considerá-la um sistema determinado do ponto de vista semântico e sintático, pelo fato de ser submetida às condições de produção, necessitando de observação empírica, na medida em que a língua só se manifesta em situações de uso concreto. Exemplifico, a seguir, tais manifestações da língua a partir das imagens capturadas em scraps no Orkut dos praticantes, ressaltando que, na presente pesquisa, observei a ocorrência destas manifestações somente nas mensagens postadas nas comunidades. Elas não aparecem nos *scraps* com a função de “depoimentos” nas páginas pesquisadas.

Isto, talvez, porque os praticantes que utilizam o Orkut reservam o espaço dos *scraps* para o lazer (Imagem 30), para a brincadeira, para as piadas, para estreitar laços de amizade ou, no mais das vezes, para a *azaração* incluindo, aí, os *scraps*-convites (Imagens 13, 14,31).

“onde o aumento quantitativo de significação e energia se aproxima[va] de seus limites, o homem agarra[ra]-se à particularização qualitativa, a fim de, por meio do excitamento da sensibilidade de distinção, ganhar de algum modo para si a consciência do círculo social [...] (p. 587)

Na atualidade, desabafos publicizados nas redes sociais, ao mesmo tempo em granjeiam “a consciência do círculo social” (Idem), também ilustram um certo desconforto.

Para Bauman (2003):

“No que diz respeito à experiência diária compartilhada pela maioria, uma olítica ia particularmente pungente da nova rede global de dependências, combinada ao gradual, mas inexorável, dismantelamento da rede institucional de segurança que costumava nos proteger das oscilações do mercado e dos caprichos de um destino determinado por ele, é paradoxalmente (embora não surpreenda de um ponto de vista psicológico) o aumento do *valor do lugar*. Na explicação de Richard Sennett, ‘o sentido de lugar se baseia na necessidade de pertencer não a uma ‘sociedade’ em abstrato, mas a algum lugar em particular; satisfazendo essa necessidade, as pessoas desenvolvem o compromisso e a lealdade’. A abstração da “sociedade”, acrescento eu, pode ter sido uma característica constante da sociedade, mas hoje em dia é ainda mais evidente e sentida.” (2003, p. 100)

A associação nas comunidades do Orkut propicia este compartilhar de sentimento. Então, os usuários do Orkut experienciam, segundo Márcio Silva Gondim e Maria de Fátima Vieira Severiano (In: COUTO & ROCHA, 2010) “esse sentimento de ser ‘único’, ‘diferenciado’ e ‘especial’ (Idem, p. 222, 223).

O experienciar destes sentimentos, ainda segundo o autor, ocorre, principalmente, no momento em que:

- “O (a) jovem recebe recados e depoimentos de outras pessoas, sentindo-se alguém ‘querido(a)’ e ‘importante’;
- Quando é elogiado (a) por apresentar determinadas qualidades e atributos nas fotos exibidas, diferenciando-se dos demais, sendo alguém ‘único’ naquele momento (Imagem 32);
- Quando há o ‘prazer de ser importante’ de tais palavras elogiosas, devido ao recebimento de expressões de afeto e elogio, podendo ostentar e exibir de modo que todos possam verificar estas palavras.” (COUTO & ROCHA, 2010 p. 223)



Thayanne caroline - segundos atrás

QUE OLHOS LINDOS...
QUE BOCA LINDA...
QUE SORRISO LINDO...
QUE CABELOS MACIOS...
QUE JEITO MEIGO...
QUE ROSTO PERFEITO...
QUE PELE MARAVILHOSA...
QUE CORPO MARAVILHOSO...
NOSSA, COMO PODE TUDO

ISSO EM UMA PESSOA SÓ?!
TANTA BELEZA JUNTA!!!
MAS CHEGA DE FALAR DE MIM...
E VOCÊ, COMO ESTÁ?

Imagem 32

Apesar de os praticantes demonstrarem o hábito da constante vigília, deletando, de imediato, *scraps* de suas páginas de recados⁴¹, as mensagens postadas nas comunidades, assim como nos depoimentos, externando os seus sentimentos (Imagem 33), permanecem para a máxima visualização possível. Até o ano de 2010, a prática era a de manter o maior número de *scraps* visível.

⁴¹ Devido a esta prática costumeira entre os utilizantes do Orkut, houve necessidade de “sincronizar” o meu horário de pesquisa nas páginas dos informantes, antes que eles apagassem as mensagens recebidas.



um/ Júlia F. - segundos atrás

E agora vem dizer, morena
Que você não quer ser mais a minha pequena
E que prefere dormir e acordar
Nos braços de um outro alguém (8)



gabbi 4. - segundos atrás

aaaaaaaaah comoo eu te amo sz



Bruno Gama - Dugg Williams - segundos atrás

Se eu faltar a escola, ela sente minha falta. *---*



um/ Júlia F. - segundos atrás

Bom nn tenho mtas palavras para descrever o tamanho do amor
que sinto por você
mesmo tendo pouco tempo de amizade, já posso te chamar de
AMIGA, mesmo você me chamando de FAVELADA, TRAFICANTE,
GUANDÚ, MALUUCA eu te amo muito mano, e eu sei que você
nn sabe viver sem mim ><, ah cara só a gente pra viajar ouvindo
Rascal flats WHAT HURTS THE MOST, obg por estar do meu
lado, e rir de tudo que eu faço eu sei que sou sua DIVA><.

TE AMO MONIZES MOTA



× IGOR SARDELLA * - segundos atrás

Tbm estou com saudades c?

Vc me abandonou :(

Imagem 33

Ao largo do hedonismo característico do exercício do individualismo e do glamour no Orkut, alguns praticantes se mostram em uma postura diferenciada, demonstrando revolta, raiva e vingança.

Preocupados com os problemas imediatos partilhados por aqueles que dividem realidades semelhantes em um mesmo espaço de convivência social. Como exemplo, percebi a reação ao

desabafo, através de um relato dramático, externando um misto de incredulidade, espanto, revolta, compaixão (Imagem 34):

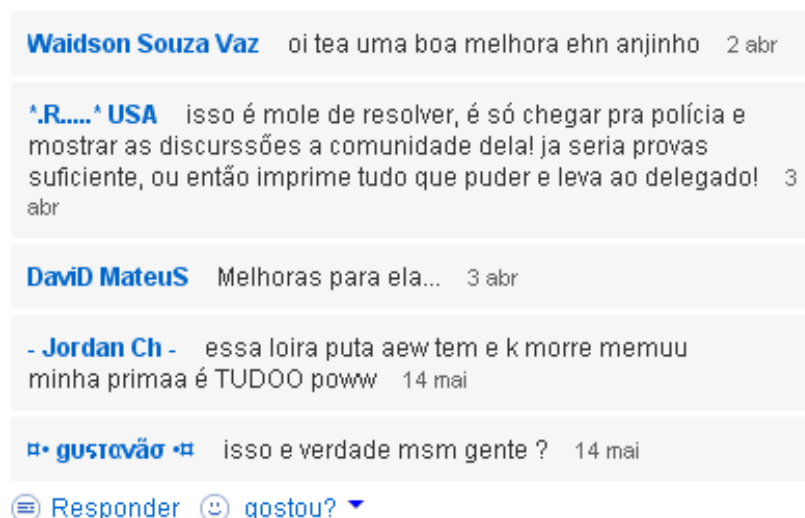


Imagem 34

Além de desabafo e execração, páginas do Orkut também promovem, também, campanhas de solidariedade (Imagem 35), assim como, enquanto serviço público, divulgam informações sobre pessoas desaparecidas, como postagem em uma das páginas recolhidas na presente pesquisa:



Imagem 35

Esta mescla de sentimentos expostos nas prateleiras do consumo, em depoimentos que vão da exposição de estados anímicos à publicização da imagem (BRUNO, 2010), em meio à propaganda de itens de consumo, representa mais um dentre os paradoxos da pós-modernidade, que permite dialogar autores da Teoria Crítica, da Escola de Franckfurt com autores da complexidade, levando-os a uma conversa amistosa.

A leitura dialética do que se esconde por trás dos discursos propagandísticos, principalmente, da “magia digital”, nos permite um esclarecimento, ainda que precário, sobre o fetiche das imagens que traduz a realidade, carregando, assim, toda um corpo de valores e significados a serviço de uma ideologia.

Na filosofia védica, *Maya*, em seu atributo psicológico, é o estado de ilusão que esta Era de destruições, *Kali-Yuga*, promove no Ser que, diante da sacralidade dos símbolos do capitalismo se prostra como os selvagens estudados por Sigmund Freud (1974) na composição de sua obra sobre o totemismo. Que diferenças podemos conceber entre a estrela de um automóvel da Mercedes Benz, para nós, e um ídolo de pedra, para aqueles *aborígenes*?

Fomos levados a entender desenvolvimento necessariamente articulado ao progresso econômico, como se o desenvolvimento humano estivesse atrelado aos índices que desprezam a felicidade, a alegria e a satisfação, tamanha a carga semântica subjetiva que traduzem.

Herbert Marcuse (1968) já sinalizara a despeito de tudo aquilo que é publicizado sobre as potencialidades e possibilidades libertadoras da tecnologia, aliada à racionalidade tecnocientífica, cujos “[...] métodos produzem a perda da autonomia e da liberdade individuais, apesar do grau, aparentemente elevado, de independência que prevalece na sociedade”. Tal heteronomia resulta na “tragédia do triunfo tecnológico moderno” (OLIVEIRA & RIZEK, 2007, p. 243).

Distante do mundo digital, da Web e da cibercultura, do século XXI, já no final da década de 60, do século passado Herbert Marcuse (1968) assevera em **Eros e civilização**, que a nossa valoração é associada às nossas possibilidades, já que “o homem é avaliado de acordo com a sua capacidade de realizar, aumentar e melhorar coisas socialmente úteis”. (1968, p. 137), o que, guardado o devido distanciamento temporaria, não é, de todo, uma afirmação imprecisa, considerando que os valores são construídos culturalmente.

Quanto à necessidade da constante aquisição de celulares, de “última geração” por parte dos praticantes da pesquisa, levei à discussão dos estudantes o fato de que, segundo Milton Santos (2006), “[...] o mercado da informação, não apenas a especializada, mas também da

informação geral é concentrado e controlado.” (SANTOS, 2006, p. 132). Os núcleos produtores de tecnologia, por concentrarem o conhecimento e os bens de produção necessários, podem, também, dominar a comércio de equipamentos.

Desta forma, as localizações periféricas podem se sujeitar não só ao consumo de equipamentos, produzidos para durar cada vez menos, quanto aos *softwares* celeremente produzidos obrigando a uma atualização constante dos mesmos. Também levei à discussão sobre quem pode ter acesso a este tipo de produto.

Ao comparar os resultados da discussão, considere as respostas de Douglas Rushkoff (1999) e de Bernard Sorj (2003) que, talvez, esclareçam alguns pontos sobre as falácias do “espírito democrático da sociedade da informação”, considerando a dominação de grandes grupos empresarias e corporações. A Microsoft® ainda domina na Internet, tanto em navegação quanto nas patentes dos softwares necessários à navegabilidade: não bastara o alto custo, os mesmos necessitam de atualizações somente permitidas àqueles que podem pagar, devido à constante aceleração na velocidade das máquinas e à disseminação de vírus.

Fernanda Bruno, em “**Controle, flagrante e prazer**” (2010), discorrendo sobre a “estética do flagrante”, afirma:

“O gozo do instante não é apenas o do clique e da captura do agora, já familiar com a fotografia instantânea, mas também e talvez até principalmente, o da distribuição e divulgação imediatas, fazendo do instante capturado um instante partilhado, ubíquo, conectado.” (2010, p. 120)

A superexposição e publicização da imagem, mercadejada através na *Web*, assim como em um *hipermercado* (BAUDRILLARD, 1981), promove o “gozo do instante”. Tal comercialização, nas zonas ocidentalizadas (NEVES, 2000), lança os seus alicerces no turbilhão de informações da contemporaneidade. Para o consumidor, isto promove uma sensação de empoderamento: ele associa velocidade ao volume de dados transmitidos pelas tecnologias digitais, através da internet. Segundo Bauman (2001),

“As imagens de uma sociedade feliz pintada em muitas cores e por muitos pinceis no curso dos dois últimos séculos provaram-se sonhos inatingíveis ou (naqueles casos em que sua chegada foi anunciada) impossíveis de viver. Cada forma de projeto social mostrou-se capaz de produzir tanto tristeza quanto felicidade, senão mais.” (2001, p. 154)

Associando a necessidade do trânsito informacional às transações financeiras, Milton Santos (2006) atesta que os nichos ou feudos em que se produzem tecnologia de ponta, sustentam uma revolução que fortalecem as grandes “*feudalidades técnico-industriais*”, permitindo um fluxo intenso enquanto mola propulsora da expansão do capitalismo. A velocidade do trânsito de informações permite “*o contato instantâneo entre todas as praças e estimulando a afirmação de novas técnicas e novos instrumentos financeiros.*” (SANTOS, 2006, p. 136), para as zonas atingidas pelos tentáculos predatórios do capitalismo. Tal sofisticação dos padrões para intervir e controlar as questões sociais, conforme o pensamento de Maria Célia Paoli, “[...] *passa a ser a criação intelectual essencial que entra no lugar da ação e da reflexão políticas.*” (OLIVEIRA & RIZEK, 2007, p. 237). Daí os equipamentos leitores de cartões, os registros digitalizados, a alimentação de dados nos sistemas informatizados, os números a que todos nós temos sido reduzidos.

Na medida em que se esgarçam, cada vez mais, os laços de pertencimento ao ideário de valores mínimos humanitários, mais adquire expressão determinadas características da “sociedade tecnológica” apresentada por Herbert Marcuse, já que:

“[...] nesta sociedade a tecnologia, os técnicos e o progresso técnico são utilizados como instrumentos políticos na batalha contra as formas humanas de existência. Os interesses criados desenvolvem e modelam as necessidades e os modos de satisfação da sociedade, para que possam servir à reprodução dos ditos interesses. Mais além do nível animal e da satisfação daquelas necessidades vitais que são comuns a todos e que devem ser satisfeitas em qualquer sociedade, as necessidades humanas se desenvolvem, planejam e modelam sistematicamente. (1968, p. 2)

Claro está que a célere obsolescência dos equipamentos, quando não planejada já na linha de montagem – o que seria um contra-senso ao lucro -, vai gerar um enorme problema a ser enfrentado por toda a sociedade. O lixo tecnológico – representado por montes de peças de computadores e periféricos obsoletos, desktops, baterias de celulares e materiais altamente tóxicos e poluentes (ROITBERG & RAMOS, 2010) nos permite discutir o “ranking” dos países campeões neste tipo de dejetos: os “lixões” são a prova cabal da “boa vontade” política neste sentido, exatamente pela eficácia em produzir todo o tipo de material. Ações do Greenpeace-Brasil somadas às pesquisas a cujos dados temos acesso, dão-nos uma visão, que, no mínimo, requer uma reflexão, como, por exemplo, os estudos de Ruediger Kuehr e Eric Williams (2003).

5.5 O “pulo do gato” e os “rolos das juventudes

Tirante os discursos apologéticos ou tecnofóbicos, é fato que a fealdade inexistente nas propagandas esconde a perversidade da globalização: vivemos a “fábula do consumo” (SANTOS, 2008a) e entendemos que sempre foi assim e assim deve ser, numa postura egoísta por parte dos que conseguem se beneficiar do sistema capitalista.

Bem diferente dos *galos*, das *formigas* e dos *artistas*, em suas práticas de construção coletiva, o que ela esconde é a perversidade, as tragédias e o esgarçamento das noções de civilidade. Os objetivos do cidadão nas sociedades ocidentalizadas é melhorar de vida: para isto não há preço.

O que é transmitido como ideário à periferia por alguns representa os objetivos da minoria: ao invés de a tecnologia ampliar nossa capacidade de conhecer o planeta, para se melhorar a qualidade de vida e os nossos interrelacionamentos com todas as demais espécies, ela atende aos objetivos predatórios da necessidade do lucro, através da acumulação do capital, pela expropriação. Para isto, o trabalho da publicidade objetiva tanto informar, como convencer, havendo uma relação visceral entre o mundo da produção das coisas que precisam ser vendidas e o da produção das notícias para vender estas coisas. Ocorre que produzimos muito mais propaganda do que produtos, e isto causa uma incapacidade enorme de o consumidor comprar, pois não só inexistem produtos suficientes para saciar nossa ânsia como, tampouco, há tempo para refletir ou decidir por que produto optar, tamanha a velocidade publicitária antecedendo a produção, em um sistema cada vez mais acelerado que não poupa as reservas planetárias em sua sede de dilapidação.

A publicidade nos impele à aceitação incondicional de que não há mais como viver sem o sinal digital, o celular da última geração tecnológica, as mídias convergentes, os MP (mídia player) numerados conforme a inclusão de funcionalidades (mp8, mp9...), cuja potência não nos surpreenderá, quando do lançamento do “mpnésimo”. Ao consumidor pouco interessa a compreensão do que escondem as facilidades dos encartes de ofertas: elas “empurram” o que já não é mais tecnologia de ponta nos países centrais (GARCIA CANCLINI, 2009). Interessa-lhe a compra facilitada em “suaves prestações” de um bem com enorme significado para ele, que venha a lhe saciar, ainda que momentaneamente, um fetiche. As mercadorias “de ponta” circulam pelo comércio ilícito, marginalizado, vendido e trocado nos “rolos”, nas feiras livres e nos camelôs, cuja “licença” é outorgada, muitas das vezes, pelos próprios agentes estatais

responsáveis pelo “choque de ordem⁴²”, nos centros urbanos, sobre cujas ilegalidades rotineiras, que atravessam nossa sociedade, são estudadas por Vera da Silva Telles (OLIVEIRA & RIZEK, 2007).

O que não deve passar despercebido é o fato de que o “democratismo” da ampla difusão das ciências e das tecnologias, amparado pelos documentos e discursos, faz-nos entender que, realmente, “cada um” detém a possibilidade de acessar e produzir informações na sociedade atual (RUMMERT, 2002). Os estudos sobre a “exclusão digital” apresentam elementos de pesquisa sobre a desigualdade nos países pobres. No que se refere à China e à Índia, enquanto a população das zonas rurais chinesas permanece na mais completa miséria, aquela é detentora de um dos mais desenvolvidos parques industriais de tecnologia da informação mundial.

As facilitações do acesso à tecnologia de ponta associadas a uma propaganda eficaz é um dos ingredientes da expansão do capitalismo. Quando um adolescente – público alvo predileto das campanhas publicitárias – não tem condições de usar uma camisa “de marca”, ou um tênis “maneiro”, comprando em uma loja de Ipanema (bairro “nobre do Rio de Janeiro) – se quiser optar pelos caminhos da “legalidade” – ou ele adquire um similar em um shopping da Baixada (região periférica) ou vai direto ao “camelô”, dando “o pulo do gato”. Conforme lembra Aristóteles Berino (2007), o tênis *Nike*, essencialmente americano, não possui fábrica alguma nos Estados Unidos, já que seu processo de fabricação utiliza “*plataformas de exportação e mão de obra barata*”, principalmente a asiática (2007, p. 43). A naturalidade deste trânsito de mercadorias nas metrópoles é assegurada pelo “*meio técnico-científico informacional*” em nosso cotidiano.

5.6 Maximizando telas

⁴² Diz o portal da Prefeitura do Rio de Janeiro: “**Um fim a desordem urbana.** A desordem urbana é o grande catalisador da sensação de insegurança pública e a geradora das condições propiciadoras à prática de crimes, de forma geral. Como uma coisa leva a outra, essas situações banem as pessoas e os bons princípios das ruas, contribuindo para a degeneração, desocupação desses logradouros e a redução das atividades econômicas. Com o objetivo de pôr um fim à desordem urbana, combater os pequenos delitos nos principais corredores, contribuir decisivamente para a melhoria da qualidade de vida em nossa Cidade, foi criada a Operação Choque de Ordem. São operações realizadas pela recém criada Secretaria de Ordem Pública, que em um ano de existência vem conseguindo devolver à ordem à cidade.” In: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=87137> Acesso em 15/10/2011.

A despeito de os fatores político-econômicos pesarem na conformação social, os elementos da cultura não podem passar ao largo de um estudo que pretenda avançar na depuração de nossos questionamentos. Ao recuperar o objetivo maior desta pesquisa: verificar as relações entre o potencial das redes sociais para a educação, considerando a juventude através de seus trânsitos nas páginas de relacionamento social, percebi uma maior necessidade de invitar esforços na leitura de seus gestos, expressões e outros elementos interacionais, perseguindo suas rotas de fuga, tanto no ciberespaço quanto em outros lugares.

Os paradoxos construídos entre as tribos urbanas nos espaços de navegação na consolidação dos laços de pertencimento exemplificam-se, na presente pesquisa, nas comunidades habitadas pelos praticantes observados.

Reconhecendo, então, a potencialidade exercida pela cultura nas transformações e manutenção social (GARCIA CANCLINI, 2009), de saber dos usos e fazeres no cotidiano, assim como dos avanços e recuos táticos nas lutas pela hegemonia (GRAMSCI, 2007), não vejo a possibilidade em se tratar tecnologia olvidando a necessária crítica. Autores como Milton Santos (1996; 2008a; 2008b), Jean Baudrillard, Mattelart (2002), Kurz (2007; 2008; 2009) e Lúcia Neves (2000) referendam esta posição, blindando-me contra a ingenuidade pueril que vê na tecnologia o apanágio universal, capaz de permitir o surgimento de uma sociedade mais equânime, uma autêntica solução para a educação.

Alertando para a fábula do consumo, muito além de uma tecnologia isenta dos interesses mercadológicos está a crítica destes autores. Para Néstor Garcia Canclini (1995) e Mattelart (2002), o crescente interesse pela inscrição da juventude em algum programa governamental de (con)formação, nas *políticas de inclusão* (GARCIA CANCLINI, 2009), através da injeção de capital dos grupos empresariais, “rumo a uma sociedade civil global” (MATTELART, 2002; p. 165-170), irmanados à malta de bancadas do governo, nos projetos assistencialistas, passa a ser foco de atenção prioritária. Ainda, conforme o autor, o Estado, mínimo quando necessário; amplo quando lhe convém – associa-se a iniciativas privadas unindo forças à franca expansão do capitalismo, panfletado, através do discurso utópico da inclusão, na esfera do mercado. Utópico, porque “enquanto a superação da expropriação e da exploração exige a negação do capitalismo e, portanto, uma ruptura com ele, a inclusão, como alternativa à exclusão, requer, ao contrário, a potencialização da sociabilidade e dos mecanismos capitalistas” (BARRETO, 2004; p. 56).

Assim sendo, o mercado procura ampliar o consumo por parte desta grande parcela da população brasileira para alimentar os adiposos lucros, na ética neoliberal, estimulando o *imaginário tecnológico* (BARRETO, 2009; p. 27), base para a Sociedade da Informação (MATTELART, 2002). Os esforços de pesquisadores como Nelson Pretto (2011), produzindo conhecimentos, propiciam ações pela democratização do sinal de banda larga no país, através das mídias.⁴³ Seu trabalho esclarece, em linguagem acessível, um pouco das políticas públicas que orientam a distribuição do sinal de telefonia no território nacional.

Aos países emergentes incentivam-se as telecomunicações, através das privatizações no setor, da hegemonia das gigantescas operadoras de telefonia e do consumo de celulares e afins. A liberdade representada pela mobilidade dos aparelhos telefônicos (LE MOS, 2003) é um grande agregador de valor para a juventude. O *desserviço* prestado pelas operadoras de telefonia, responsáveis pela liberação de sinal de banda larga nas regiões periféricas, com parcíssimas opções de acesso ao *democrático mundo da inclusão digital* (SORJ, 2003), reforça a distância entre os ricos e os pobres, já que “as desigualdades na velocidade nas comunicações conduzem à constituição de *monopólios de informação* – outro conceito central – que são ao mesmo tempo o instrumento e o resultado da dominação política” (MATTELARD, 2002, p. 74).

Entretanto, por trás de toda a coação sistêmica, a juventude, quando não inova em seus usos, cria estratégias em suas *linhas de fuga* entre o *liso* e o *estriado* (DELEUZE, 1996; p. 47): em função do preço, os jovens se utilizam bem mais de aparelhos celulares pré-pagos, comprando créditos para efetuarem suas ligações. Quando gastam completamente os tais créditos, restando os bônus ofertados pelas operadoras nas ligações para celulares entre estas mesmas operadoras, ou trocam entre eles os créditos, ou se alocam nas *lans*, para enviar torpedos gratuitos. Estes ambientes, apesar do desconforto, repartem um sinal de melhor qualidade e de velocidade ofertado nos pacotes promocionais. Tanto nos espaços geográficos e virtuais localizáveis, assim como em outros *não-lugares* (AUGÉ, 2010a), é que a juventude efetua laços de amizade e isto foi percebido por mim, ao navegar pelos Orkuts de meus alunos-contatos, permanecendo alerta para não cair na armadilha da tentação de colocar etiquetas, nestes corpos sempre em movimento,

⁴³ Consulte PRETTO, Nelson De Lucca. Das grades às redes: curriculares, de formação de professores, de instituições, de... 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, 2010, em http://www.repositorio.ufba.br/ri/bitstream/123456789/1566/1/pretto_4cncti_v0_6revisado_enviadov0_3_21052010.pdf Acesso em 21/08/2011.

posto que, “o que ressalta é um deslize em voo, numa espécie de *não-lugar*, que eles trazem na velocidade do deslocamento” (PAIS & BLASS, 2007, p. 14).



Atentando para as categorizações de um modelo que cisma em permanecer paradigma, ainda, dominante (SOUZA SANTOS, 2002), que reduz os sujeitos a fragmentos, com os quais se pretende reproduzir o todo pela parte, chamou-me à atenção comunidades, aplicativos, músicas e gestos em comum, assim como marcas no vocabulário. Entretanto, de “pode também ocorrer que as etiquetas que alguns jovens são demonizados sejam por eles apropriadas enquanto emblemas de identidade” (PAIS & BLASS, 2007, p. 11), costurando, assim, a máscara ao rosto. Desta forma, percebi tais gestos sendo reproduzidos em lugares e situações diversas: capturadas na escola, e em seu entorno como ampliação do relacionamento, através da internet.

Não que pretendesse optar por um padrão ou que inserisse elementos da pesquisa neste ou naquele modelo, entretanto, não poucos foram os gestos com os dedos das mãos repetidos (Imagem 36) que me permitira, na concepção de Boaventura de Sousa Santos (2002) algumas *especulações*, bem mais para a compreensão deste universo que, propriamente, em uma abordagem funcionalista e utilitária.

Utilizando-me do *espelho* (do latim *Speculum*), refletindo-me nos sujeitos pesquisados, permaneço atento ao fato de que “é preciso abrir nos espaços/tempos formadores não apenas uma passagem da teoria, mas um assumir essa multiplicidade de teorias que estão por ali, permitindo, com isso, seu confronto, como também os embates das práticas também múltiplas”. (OLIVEIRA & ALVES, 2008, p. 97).

Imagem 36

Ao considerar o cotidiano para obtenção dos dados, eminentemente descritivos, através da observação dos atos e usos dos praticantes, locais, atividades e da reconstituição de diálogos e de cenas, analisei algumas características da linguagem utilizada. Para tanto lancei mão dos softwares sociais, das diversas interfaces, da rede, dos elementos dispostos no Orkut através de *scraps* e fotos (COUTO & ROCHA, 2010), muitas delas tiradas no colégio. Também pesquisei as suas intervenções nas comunidades habitadas e nos aplicativos

utilizados entre os estudantes entre eles mesmos e entre outros de seus contatos ultramuros escolar, incluindo-me na categoria de pesquisador e pesquisado, na medida em que eu, também, era um dos praticantes daqueles cotidianos pesquisados.

5.7 SCRAPS



Pode ser que um dia deixemos de nos falar, mas, enquanto houver amizade, faremos as pazes de novo. Pode ser que um dia o tempo passe. Mas, se a amizade

Imagem 37

Os *scrapbooks* do Orkut, ao mesmo tempo em que guardam semelhanças, também apresentam dessemelhanças com os antigos álbuns de fotografias utilizados no Brasil desde 1950. É desta época a instituição das individualidades resguardadas nos lares, que, com a complexificação do sujeito na pós-modernidade, encontraram, no *supermercado cultural* (HALL, 2006, p. 75) da internet uma outra possibilidade de existência.

Em se tratando da leitura de fotografias, Roland Barthes (1996), ao escrever sobre imagens, gestos e vozes, alerta para a imprecisão e para a impossibilidade nas conversões discursivas quando nos colocamos como observador transladando uma narrativa em outra. Além desta impossibilidade, as modernas tecnologias digitais, distanciam o real do virtual, já que, na internet cada um pode ser o que se queira ser (TURKLE, 1997), no instante em que desejar. Lá, os jovens encontram a possibilidade de, também, eternizarem o que o tempo cisma em dissipar: “a fotografia, por sua natureza, é do passado, mas ao preservar esse fragmento do passado, faz-se presente” (FILÉ & LEITE, 2002, p. 146). Recursos como o envelhecimento, o desfocar e a utilização de fotos em preto e branco, coletadas em nossa pesquisa (Imagem 37), como as existentes até os anos de 1960, compõem o que, para eles, já são belas lembranças a serem resguardadas da ação destruidora do tempo, com todas as suas expressões de sinceros afetos, as quais, acessadas/folheadas no futuro, mostrar-se-ão “imagens enraizadas que por instantes se misturam com o momento novo, com o olhar de senso crítico, com o olhar de procura, com olhar...” (FILÉ & LEITE, 2002, p. 148).

O eternizar do momento único encontra, nas possibilidades sociotécnicas das redes sociais, um dos seus melhores momentos. Em “**As mídias sociais irão morrer?**”, de Alex Primo (2011), o autor encerra o vídeo, profetizando no título do mesmo, permitindo-me a compreensão de que tal possibilidade só não nos incomoda tanto devido à nefasta e indesejada lembrança de que nós também iremos morrer. Ao analisar o seu trabalho, centrei minha atenção exatamente

neste fato. Concluindo, com o autor, que as mídias - e quaisquer mídias - são artefatos, logo, produzidas pelo homem. Isto seria uma informação redundante, de informação zero, não foram as necessidades da eternização, que herdamos da modernidade.

Apesar da discussão já “*cheirar à quarentona*” (SANTAELLA, 2007, p. 32), o pós-humano, corolário desta discussão, ainda nos assusta. Talvez, se tivéssemos a certeza de que tivéramos feito a coisa certa, alargado as nossas margens, pudéssemos ecoar, com Manuel Bandeira, na **Consoada**: *Com cada coisa em seu lugar*. Entretanto, aquilo que inquieta é a suposição de perdermos o calor, o sopro, o toque em detrimento do gélido, do silêncio, do afastamento.

Esta é uma realidade cuja "mensagem é a de que somos tão parecidos com máquinas que, para prolongarmos a nossa *persona*, basta que estabeleçamos com elas emparelhamentos *cyborg*." (TURKLE, 1997, p. 262).

O sentimento compartilhado pelos ouvintes, em 1938, na radiotransmissão de “**A guerra dos mundos**”, de Orson Wells, provocando o pânico coletivo face à crença de uma invasão alienígena, é revivido por Alex Primo (2011), quando a dependência extrema das tecnologias de informação e comunicação se mostram vulneráveis. O que fazer sem o computador? Sem a internet? Sem o celular? Sem...?

O fim das mídias sociais nos traz à lembrança o alicerce para a sua existência: nós, os atores, ou melhor, "representações dos atores sociais" (RECUERO, 2010, p. 25). Como mídias sociais trafegam no ciberespaço, plástico, moldável, líquido, o self "permanece sempre em construção" (Idem). E é exatamente a desconfiança do final da construção o que nos pede, como disse o Gil, "folgar os nós dos sapatos, da gravata, dos desejos". Então, entendemos: É sempre melhor adiar...

5.8 TRIBAIS E GESTOS DE PERTENCIMENTO

- senha para logar



Imagem 38

Conforme o estudo de Miskolci (2006), sinalizei nesta pesquisa, alguns pontos de contato entre as preferências pelas comunidades habitadas pelos rapazes, assim como as prediletas das meninas. Além disto, notei uma certa repetição nos gestos, e maneira de posar (Imagem 38). A foto do perfil também apresenta alguns padrões que se repetem. Ao largo das fotos em pose, que permanecem nos modernos *scrapbooks*, há aquelas em que, intencionalmente ou não (BARTHES, 1986), os praticantes deixaram-se fotografar sinalizando algum gesto.

A associação com aquilo que representa *empoderamento* também foi percebido tanto nos trechos de letras das músicas funk, nos perfis e nos scraps, sobre as ações de grupos armados, segundo Aldo Vitória Filho (2006), enaltecendo a permanência e controle de territórios onde se concentra uma grande população empobrecida por parte dos líderes do tráfico, assim como nas que apelam para a sexualidade, nos vídeos postados nas páginas do Orkut. Observei, também, que a identificação com os jogadores, cujas comunidades contam com um número expressivo de rapazes, devido à identificação com o modelo de masculinidade hegemônico (MISKOLCI, 2006), pode ter a ver, também, com o envolvimento recente de alguns deles com atos, noticiados pela mídia, como de rebeldia (VITÓRIO FILHO & BERINO, 2007), por sua origem em comum, assim como com a relação de narcisismo e assujeitamento descrita por Miskolci (2006). Como visto anteriormente, a juventude é um período estético de nossas vidas (MISKOLCI, 2006) e grande parte da comunicação, promotora de aproximações por identificações, dá-se através da dinâmica dos corpos associadas aos gestos e indumentárias (DAVIS, 1998). Portanto, reservei especial atenção aos gestos dos alunos, captados em suas fotografias, tentando aproximá-los de outras formas de expressão, realizadas por eles, em contextos semelhantes, na medida em que, de acordo com a autora, o significado da mensagem está contido sempre no contexto e não em algum movimento isolado do corpo.

Seria reducionismo de minha parte olvidar o movimento sob nossos pés, não ouvirmos os sons da mudança. Não creio na passividade e massificação dos seres humanos. Ao contrário, conforme Inês de Oliveira e Nilda Alves (2008), todos dispomos de potencial e condição para quebrar o estabelecido através de “astúcias sutis e táticas silenciosas” (CERTEAU, 2009). Isto é o que possibilita outras compreensões acerca dos jovens pesquisados, já que, ao acreditar na não passividade e na não massificação dos seres humanos, mas, sim, nas suas potencialidade e condições de, ao mesmo tempo, exercer e burlar a ordem por meio de astúcias sutis e táticas silenciosas (Idem) proporcionamo-nos outra condição de entendimento para as ações dos sujeitos: “*ao invés de alienação, resistência. Ao invés de limitação, criatividade. Ao invés de conformismo, subversão*” (OLIVEIRA & ALVES, 2008, p. 111). Além disto, saliento o trabalho diferenciado e crítico, que se acresce ano a ano, na prática docente, que “é nesse sentido que entendemos as práticas curriculares cotidianas como multicoloridas, pois suas tonalidades vão depender sempre das possibilidades daqueles que as realizam e da circunstâncias nas quais estão envolvidos.” (OLIVEIRA, 2005, p. 82). Ao exercer a crítica, furto-me ao ceticismo negativista, assim como fujo do otimismo pueril. Várias ações vêm ocorrendo, como há muito não se via. E como, pela primeira vez, vem ao debate a consolidação de um currículo, na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, percebo este como um momento promissor, pois é pelas brechas que penetra a luz.

Na conclusão desta pesquisa -, muito mais porque tenho de colocar um ponto final -, a seguir, relaciono alguns dos resultados deste estudo, identificando e analisando as formas de pertencimento dos praticantes às redes/comunidades. Discorro sobre as semelhanças e as diferenças entre as diversas narrativas percorridas ao longo da pesquisa. Apresento reflexões sobre as narrativas nos discursos virtuais, sua importância para a aprendizagem, assim como ponderações sobre características identitárias dos praticantes. Sabedor que se trata de uma obra em aberto, como toda pesquisa, proponho algumas questões prospectivas para futuras investigações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 - Ou “Para outros buscadores”

Nesta “*estação de transferência para outros ramais*”, já no final da pesquisa, compreendi que a utilização simultânea das redes sociais, principalmente, das ferramentas do Orkut, representadas pelos *scraps*⁴⁴, pelos álbuns de fotografias e pela frequência às comunidades, a partir de sugestões temáticas elencadas junto a determinados conteúdos, desenvolvidos durante as aulas de Português, em uma abordagem multirreferencial, podem estimular diálogos sobre:

- a) O processo de criação e de comunicação;
- c) A contextualização do conteúdo desenvolvido propiciando uma visão ampliada da realidade
- d) A potencialização do prazer estético promovido pela publicização da imagem.
- e) Os elementos e fatores que interferem na comunicação digital com a utilização da internet, especificamente, com as páginas de relacionamento.

Analisando os dispositivos da pesquisa, depreende-se a possibilidade de se aproximar cinco conjuntos de características identitárias percebidas no grupo pesquisado, tanto no colégio e seu entorno, quanto nos álbuns do Orkut visitados, a saber: Fotos, comunidades, pichações; Scraps; depoimentos; Comunidades; pichações; Gestos; pichações, procurando semelhanças e dessemelhanças entre as narrativas.

As conclusões, ainda que preliminares -, o que é comum neste novo modo de fazer ciências -, com a utilização das diversas metodologias suportadas pela pesquisa nos/dos/com o cotidiano, ao mesmo tempo que revelam, levantam novos questionamentos, enquanto questões prospectivas. Natural, pois, ao indagar, revelam-se outros desafios ao mesmo tempo em que são criados subsídios para a continuidade da pesquisa, a fim de se entender a natureza da colaboração.

Como resultados, ainda que parciais, a pesquisa revela:

⁴⁴ É comum, tais recados curtos deixados nas páginas do Orkut, utilizarem-se de símbolos caracterizadores do internetês, a linguagem característica dos jovens na internet

- a possibilidade da apropriação pedagógica das interfaces sociais e dos diversos espaços de aprendizagem para a educação com o uso das redes sociais, especificamente, através de softwares sociais, com ênfase no uso de pequenas mensagens, depoimentos e participação em fóruns sociais, especificamente com as práticas observadas no Orkut.
- possibilidades da utilização de aplicativos das páginas de relacionamento, enquanto dispositivos da pesquisa na abordagem multirreferencial.
- o potencial do uso de interfaces de construção coletiva, na interação.
- a urgência em o professor, através de sua prática, continuar o seu processo de formação, ao refletir sobre o mesmo.
- a necessidade em se lançar mão do que é cultural às juventudes, em tempos de mobilidade e de portabilidade, como o celular, para a educação.
- que a leitura das *escritas-imagens* dos estudantes, nos diversos espaços onde se constroem conhecimentos, incorporada pedagogicamente nos cotidianos escolares cria condições propícias para uma aprendizagem colaborativa.
- que, garantindo o direito de cada um expressar-se respeitando o direito do outro, constroi-se um ambiente dialógico, aproximativo, porque cimentado na emoção.
- que uma proposta de reestruturação que vise práticas de aprendizagens colaborativas não pode conviver - sem baixas - com um ensino verticalizado e fascista, comum em nossas instituições de ensino e, por fim,
- agrega a resultados de pesquisas anteriores o interacionismo promovido pelo uso das tecnologias de informação e comunicação.

Multiplicar saberes nos tecidos da educação transcende o simples exercício de planejar atividades em grupos ou realizar um trabalho interdisciplinar, através de projetos. As juventudes acostumaram-se a uma educação promotora do isolacionismo através da divulgação de informações, da distribuição de conhecimentos. Trata, muito mais, de uma imersão na multirreferencialidade. Multiplicar saberes nos tecidos da educação transita muito além de um currículo formal, e por ser formal é mínimo. E por ser mínimo não dá conta das experiências que o aluno traz para a escola. Tanto a observação dos atos, usos e estratégias dos estudantes, quanto o currículo praticado por todos os envolvidos na pesquisa demonstram estas possibilidades de

uma prática, que a alegria do *estarjunto*, capturada nos momentos nos/dos/com o *Barão*, possibilitou: a interação entre todos os praticantes, nos diversos espaços, nos *dentrofora* do colégio e, assim, *entretendendo-se* todos, constituímos a tessitura do conhecimento, porque, cimentados pela emoção, em falas, fotos, textos, gestos e imagens.

6.2 O QUE EU PENSARA ENCONTRAR...

- no encontro com o outro, mudanças de perspectivas e de rumos entre pesquisador e pesquisado

Como todo projeto de pesquisa, este não seria diferente, na evolução de meus estudos, nestes quase dois anos de práticas, estudos e pesquisas nos/com/os cotidianos. É que tudo é relativizado pelas alterações constantes daqueles que se ocupam com o cotidiano. Afinal, *a sociedade são várias*.

Minhas convicções da plenipotencialidade político-econômica na alteração do quadro social cederam lugar à compreensão da força da cultura e da vitalidade das subjetividades, uma *transubstanciação*.

Pude, então, observar um movimento que vai do romantismo crítico ao sistema instituído às transformações subreptícias ocorridas nas fraldas da urbanidade, através das subjetivações cotidianas, nas redes de uma antidisciplina: táticas que introduzem movimentos brownianos no sistema, no instituído, no estabelecido.

Um movimento que parte da utilização das redes sociais, para a formação de coletivos à convicção das ações reticulares promotoras de autênticos movimentos anônimos, tão ou mais eficazes, em articulações, quanto às assembléias sindicais, também, organizadas através do uso de comunidades virtuais, notadamente, do Orkut, do MSN e, por enquanto, o novo software social: o Facebook, que, no Brasil, tem crescido vertiginosamente em número de associados em relação aos primeiros⁴⁵.

Enfim, observando a utilização de outros dispositivos sociotécnicos na cibercultura, a presente pesquisa avança nos estudos que relacionam a incorporação das mídias móveis o

⁴⁵ Redes sociais mais usadas no país, com a audiência que atingem entre os 25,5 milhões de internautas residenciais: 1 - Orkut: 71,2%; 2 - Sonico: 6,8%; 3 - MySpace: 4,4%; 4 - Via6: 4,4% ; 5 - Facebook: 3,6% ; 6 - Multiply: 3,1%; 7 - Twitter: 2,7% 8 - Hi5: 2,6%; 9 - Habbo: 2,5%; 10 - Ning: 2,1% Fonte: o ranking é do Ibope/NetRatings, dados de março/ In: <http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/redes-sociais-mais-utilizadas> Acesso em 02/07/2011

processo educativo, além dos ultramuros escolares. Nestes outros espaços de aprendizagem onde transpira a vida, por onde transitam as juventudes, a pesquisa revela a necessidade da leitura de suas marcas.

Suas pegadas indeléveis podem ser amplificadas nos espaços de educação escolares, garantindo um pouco mais de sobrevivência aos seus instantâneos, na medida em que, se introduza, junto aos conteúdos, que precisam ser trabalhados em sala de aula, debates salutar, que questionem o modelo societário vigente, promovendo situações em que os alunos, respeitando-se mutuamente, tenham liberdade em se expressar. Se não se discutir os aspectos políticos, como decidir pela organização do currículo em séries ou em ciclos? Como organizar as salas de aula tendo em vista a formação de grupos. Em síntese, não vejo como realizar o ato pedagógico sem as ferramentas políticas, ou seja, o ato educacional, apropriado pelo Estado, é um ato político, por ser um direito do cidadão.

Normas, valores, através dos discursos transmitidos aos alunos pelos professores legitimam práticas hegemônicas, tão distantes do ato educacional quanto o ensino puro e simples dos conteúdos distanciados da prática social, pejado de um poder disciplinar (FOUCAULT, 2010).

Enquanto educadores comprometidos com uma proposta reflexiva, crítica, emancipatória, que ousamos transgredir, não há como pensar o conteúdo imanente das narrativas que apoiaram este ensaio sem uma tentativa de aproximação entre ambos e a escola. Utilizando os espaços da *escola-projeto* como trincheira, posso visualizar, no lugar de rachaduras estruturais, brechas por onde se construa uma pedagogia refletiva, de ação, de resistência, e de propostas.

A contemporaneidade desafia o professor em oferecer ao aluno do ensino básico algo que lhe interesse. A velocidade com que ele vivencia o cotidiano, as informações que ele recebe, os estímulos de longe superam o que a escolarização tem a lhe oferecer. Então, por que o excesso de atividades, a ocupação de todo o seu tempo com listas de exercícios que se estendem para o seu lar? Em lugar desta sobrecarga, por que não lhe permitir momentos de reflexão, para pensar, para silenciar-se, para a contemplação? Por que não um pouco da cosmogonia de nossos indígenas, para esta nossa escola que se pretende contemporânea? É hora, sim, de promovermos momentos de reflexão em círculos em volta da fogueira ancestral. Talvez, com esta percepção, possamos conduzir nossos esforços “entre os fragmentos do futuro, vislumbrados na fala de

Zaratustra, a fim de “amar a terra, como a lua a ama, e tão-somente com o olho degustar sua beleza”.

Ao canto da cigarra, durante o verão, segura nos troncos em cujos nós trabalham comunidades de formigas, pode-se incluir a melodia de um galo acompanhado de um coral que acolha o diferente: os acordes dissonantes. Durante o inverno, por que não promover o acréscimo de algumas notas harmônicas em uma escala plena de acidentes, “se erguendo tendas, onde entrem todos”? Há algo que aproxima a tecnologia representada pelo tear de Gandhi e a do *smartphone* de Steve Jobs que transcende sua funcionalidade. Este ponto de contato é a crença que se tem no poder destas extensões do homem. Não tanto enquanto próteses, mas, principalmente, como potencialidade que nos permite deslumbrar o ápice de nossa existência. O barro primordial do qual retiramos o primeiro Adão é substituído pelos bites nervosos com que nos recriamos na virtualidade; pelos dados inconsistentes com que nos informamos através de fibras óticas; pelos feixes de elétrons com que pulverizamos o que antes era sólido. Nossas crenças, ideais e valores, na contemporaneidade, ao invés de se desmancharem no ar, fragmentam-se, e se recompõem, em um incessante movimento browniano, em novas estruturas que nos desafiam à compreensão, daquilo que, até então, representam a barbárie, a selvageria; o amor, a esperança. A prudência nos pede calma. O trânsito nos acelera. Como pensar o caos? Certamente, não será através do modelo atual de racionalização.

6.3 QUESTÕES PROSPECTIVAS

- Outros desafios

Como visto ao longo da pesquisa, os processos de comunicação prescindem da interação e esta tem, por condição indispensável, as emoções. Assim sendo as redes sociais representam um rico campo de observação, o que se revela nas pesquisas sobre o crescente número de acesso e permanência nas interfaces sociais. Em se tratando de adolescentes, os usos da linguagem por determinados grupos são percebidos em função de diversos fatores, que se distanciam das costumeiras associações das juventudes e um determinado período de maturação biológica. As juventudes são manifestações culturais e estas transparecem, também, em suas diversas interações comunicacionais.



Imagem 39

No que diz respeito ao uso da linguagem, dentre os *scrap*s recolhidos na pesquisa, não poderiam passar despercebidos aqueles dos professores, colegas meus. Apesar de que produzidos por profissionais, e a escrita diferenciar-se da dos estudantes adolescentes, muitos destes depoimentos, também, incorporam formas típicas da linguagem utilizada na internet, conforme algumas imagens, o que prescinde de análises futuras:



Imagem 40

Novos estudos poderão oferecer reflexões sobre as diferenças e aproximações na utilização da escrita, relacionando aos usos dos praticantes da presente pesquisa.

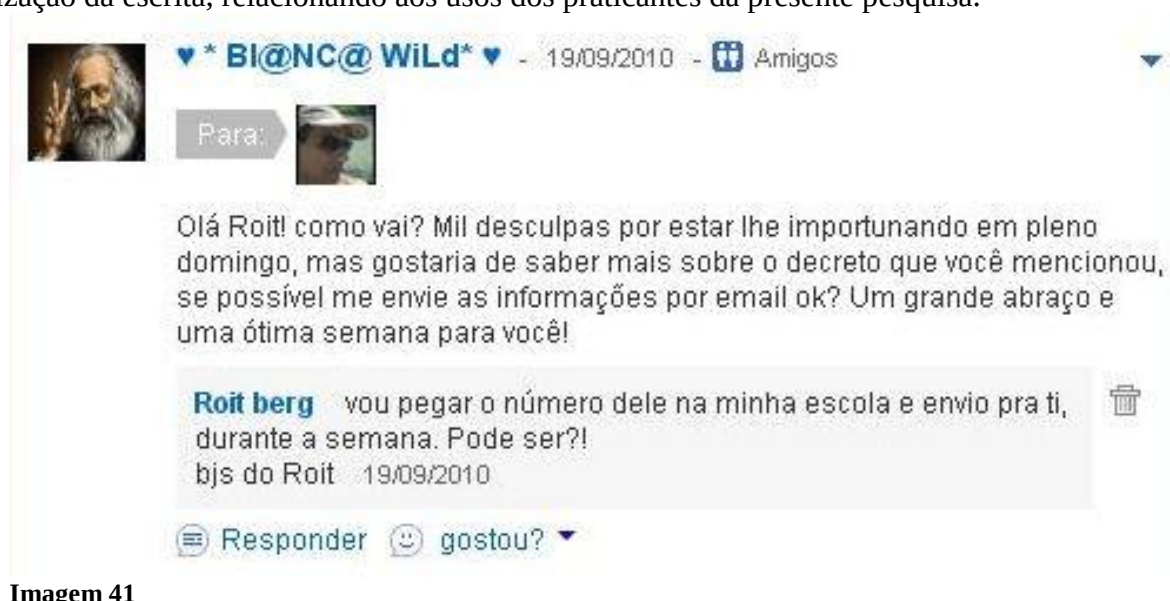


Imagem 41



Imagem 42

Além disto, novas indagações surgem ao final desta pesquisa a serem desenvolvidas em outros estágios de estudos, como, por exemplo:

- Até que ponto o professor se sente apto a compreender “quando, como, quais, por que e para que” deve integrar o uso das redes sociais e, conseqüentemente, incorporar tais dispositivos sociotécnicos ao currículo para obter resultados eficazes? Se não, como construir estas apropriações?
- Como propor a integração das tecnologias ao currículo educacional face à precária formação dos educadores?
- Quais os usos dos dispositivos móveis, realizados pelos professores da educação básica, tanto pessoalmente quanto em sua formação continuada, potencializam as aproximações com o universo dos estudantes?

- Quais as aproximações que poderão ser realizadas entre a formação de capital social e a permanência das juventudes na rede?
- Como certificar, via currículo, de forma adequada as competências e conhecimentos adquiridos através das Redes Sociais como o Facebook, Twitter e Orkut?

Fica a ponderação final sobre outros estudos, que incorporem práticas contemporâneas em suas metodologias. A multirreferencialidade das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, através do uso das narrativas, neste novo modo de fazer ciência, utilizando-se de metáforas, poderá explicitar a utilização destes elementos caracterizadores da linguagem ágil e reduzida na internet, como, por exemplo, relacionando os *scraps*, gestos e imagens deixadas em outros espaços além dos escolares.

7 REFERÊNCIAS

- alguns faróis e boias sinalizadoras

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª edição; São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

ALVES, R. O currículo dos urubus. In ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 11ª edição; São Paulo: Papirus, 2000.

AMARAL, A. Subculturas e cibercultura(s): para uma genealogia das identidades de um campo. In: **A cibercultura em transformação** [recurso eletrônico]: poder, liberdade e sociabilidade em tempos de compartilhamento, nomadismo e mutação de direitos. Organização Eugênio Trivinho com Angela Pintor dos Reis e equipe do CENCIB/PUC-SP. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú cultural, 2010. (Coleção ABCiber; v. 2); p. 48-58

ARDOINO, J. **Para uma pedagogia socialista**. Rogério de Andrade Córdova (org.). Editora Plano: Brasília, 2003.

ARROYO, M. **Ofício do mestre: imagens e auto-imagens**. 9ª edição; Petrópolis: Vozes, 2007.

ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Brasília, INL, 1975.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9ª edição; São Paulo: Papirus, 2010a.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010b.

BARBOSA, J. et al. (org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARRETO, R. G. **Discursos, tecnologias, educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. [Série Pesquisa].

BARRETO, R. G. **Tecnologia e Educação: trabalho e formação docente**. *Educ. Soc.* Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1181-1201, set. dez., 2004.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

BELINKY, T. **Sete contos russos**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1999.

BELLONI, M. L. **Tecnologia e formação de professores**: Rumo a uma pedagogia pós-Moderna? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 19, n. 65, Dec. 1998 .

BERINO, A. P. **Iconografia escolar**: algumas imagens para conversas sobre as juventudes. *Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem (III Eneimagem)*, maio de 2011, Londrina.

BERINO, A. P. **A economia política da diferença**. Rio de Janeiro: Cortez, 2007.

BRUNO, F. Controle, flagrante e prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades. In: **A cibercultura em transformação** [recurso eletrônico]: poder, liberdade e sociabilidade em tempos de compartilhamento, nomadismo e mutação de direitos. Organização Eugênio Trivinho com Angela Pintor dos Reis e equipe do CENCIB/PUC-SP. São Paulo; Instituto Itaú Cultura, 2010. (Coleção ABCiber; v. 2); p. 113-124.

BURNHAM, T. F. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão o currículo escolar. In: BARBOSA, J. (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**, 1998; p. 35-55.

CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CAPRA, F. Vivendo redes. In: DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. (Orgs.). **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Big Bang); p. 17-29.

CARIAGA, S. N.s; DURIGAN, M. **Linguagem e tecnologia digital**: novos gêneros textuais. *Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL. UEMS - Dourados*. 08 a 10 de outubro de 2007.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003b. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol II)

CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D. Os mecanismos internos da escola. In: **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis: Vozes, 1982.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 16ª edição; 1. As artes de fazer. Petrópolis, RJ, 2009.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil: a era modernista** (vol. 5). 7ª edição; São Paulo: Global, 2004a

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil: relações e perspectivas; conclusão** (vol. 6). 7ª edição; São Paulo: Global, 2004b

COUTINHO, S. A. A. A revolução gramscista no Ocidente: a concepção revolucionária de Antônio Gramsci em **Os Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Ombro a Ombro, 2002.

COUTO, E. S.; ROCHA, T. B. **A vida no Orkut : narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Edvaldo Souza Couto, Telma Brito Rocha (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2010.

DAVIS, F. **El lenguaje de los gestos**. 10ª Edición. Emecé Editores: Buenos Aires, 1998.

DAYRELL, J. **O rap e o funk na socialização da juventude**. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.28, n.1; p. 117-136, jan./jun. 2002.

DELEUZE, G. *Conversaciones*. 2ª edição; Valencia: Pre-textos, 1996.

DELEUZE, G ; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; RJ: Ed. 34, 1995.

HABERMAS, J. **Teoria de la Acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1997.

DE MASI, D. *O ócio criativo*. Entrevista a Maria Helena Salieri; Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.

DEMO, P. **Conhecer & aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artes Médica Sul, 2000.

EISENKRAEMER, R. E. **Leitura digital e linguagem cifrada dos internautas**. *Revista digital*, ano 2, n.2, 2006. Disponível em: <http://www.textodigital.ufsc.br/> Acesso em 3/10/2011

FASCIANI, R. Novas tecnologias informáticas, mass media e relações afetivas. In: **Informática e afetividade: a evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos?** Angelo Peluso (org.); São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998.

FERNANDES, F. Democracia e desenvolvimento. In: **A busca do socialismo: últimos escritos & outros textos**. p. 11-18. São Paulo: Xamã, 1995.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 3ª edição; Petrópolis: DP& Alli, 2008; p. 101-117.

FILÉ, V.; LEITE, M. **Subjetividade: tecnologias e escolas**. LEITE, M.; FILÉ, V. (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, M. **Sexo, poder e a política da identidade** [entrevista]. Paris: Gallimard, 1994; p. 735-746.

FOUCAULT, M. Que instituição é esta? Uma fábrica, uma prisão, um hospital psiquiátrico, um convento, uma escola ou um quartel: In: FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 1996; p. 108,109.

FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 37ª edição; Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 20ª edição; São Paulo: Edições Loyola, 2010 [aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1979]

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14ª edição; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33ª edição; São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FREIRE, P. Segunda carta: do direito e do dever de mudar o mundo. In: FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREITAS, M. T. A. **Sites construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita/subjetivação**. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 87-101, jan./abr. 2005
Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

FREUD, S. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII (1913 – 1914)], 1974.

FROMM, E. **Conceito marxista do homem**. 8ª edição; Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1983

GADOTTI, M. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação, p. 107-126. In: LINHARES, C. e TRINDADE, M. N. (Orgs.). **Compartilhando o mundo com Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2003.

GALLO, S. A Vila: microfascismos, fundamentalismo e educação. In: **Fundamentalismo & educação** – A Vila. Silvio Gallo, Alfredo Veiga-Neto (orgs.). Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2009 [Col. Temas & Educação]

GARBIN, E. M. **Cultur@s juvenis, identid@des e internet**: questões atuais. *Rev. Bras. Educ.*, Ago 2003, no.23, p.119-135.

GARCÍA CANCLINI, N. **Consumidores y ciudadanos**: Conflictos multiculturales de la globalización. México: Editorial Grijalbo, S.A. de C.V., 1995.

GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 3ª edição; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GIANOLLA, R. **Informática na educação**: representações socas do cotidiano. 3ª edição; São Paulo: Editora Cortez, 2006

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere** (vol. 3); 3ª edição; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição; Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HARVEY, D. **A condição Pós-moderna**. 17ª edição; São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HAUSER, A. **História social da literatura e da arte** (vol. I). 3ª edição; São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985 [1947].

ILLICH, I. Teias de aprendizagem. In: *Sociedade sem escolas*. 7ª edição; Petrópolis, Vozes, 1985; p. 123-167.

KENSKY, V. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 3ª edição; São Paulo: Papirus, 2008.

KUEHR, R.; WILLIAMS, E. [editors]. **Computers and the Environment**: Understanding and Managing Their Impacts, Kluwer Academic Publishers, Eco-Efficiency in Industry and Science Series, Dordrecht/NL, October 2003. Disponível em: <http://www.it-environment.org/compenv.html> Acesso em: julho de 2010.

KURZ, R. **Tempo assassínio**, 2007. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz255.htm>. Acesso em: julho de 2010.

KURZ, R. **O desvalor do desconhecimento**: “Crítica do valor” truncada como ideologia de legitimação de uma nova pequena-burguesia digital, 2008. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/>. Acesso em: julho de 2010.

KURZ, R. **Ditadura do tempo abstrato**: sobre a crise compartilhada de trabalho e lazer. In: 5º Congresso Mundial do Lazer, São Paulo, Sesc, 2009. Disponível: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/congressolazer/leisurecongress/Portugues/Prog_ProgPreli m.htm. Acesso em: julho de 2010

LATOUR, B. **Por uma antropologia do centro**. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Oct. 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21/08/2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000200007>.

LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; Cunha Paulo (orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003; p. 11-23.

LÈVY, P. O ciberespaço, a cidade, a democracia eletrônica. In: **Cibercultura**. Edição; São Paulo: Editora 34, 2010; p. 189-201.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2ª edição; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, M. El mercadeo y El tribalismo posmoderno: prefacio a la presente edición. Em: **El tiempo de las tribos**: el ocaso del individualismo em las sociedades posmodernas. México: Siglo Veintiuno editores, 2004; p. 9-21.

MAFFESOLI, M. Do formismo. In: **Elogio da razão sensível**. 4. Edição; Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, M. **Quem é Michel Maffesoli**. Entrevistas com Christophe Bourseiller. Petrópolis, RJ: DePetrus ET Alii, 2011

MANGUEL, A. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCUSE, H. **Liberdade e agressão na Sociedade Tecnológica**. Revista Civilização Brasileira, no. 18, ano III, março-abril, 1968.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral; São Paulo: Círculo do livro, 1986.

MARTINS, S. V. **O gênero poema infantil como proposta para uma sala de recuperação de ciclo** [dissertação de mestrado]; Taubaté: Universidade de Taubaté, 2007.

MATTELART, A. As metamorfoses das políticas públicas. In: **História da sociedade da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002; p. 107-138.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 1ª edição atualizada; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MENDES, D. C. **Navegando por entre trilhas digitais com novas e velhas gerações**. UFMG/FaE, 2010. 101 f., enc, il. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação.

MISKOLCI, R. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n. 3, 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X20060003000006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03/04/2011.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª edição; Porto Alegre: Sulinas, 2011.

MORIN, E. **Cabeça bem feita**. 17ª edição; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8ª edição; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

MORIN, E. **La cultura, em la globalización**: la comunicación de sociedades y mercados provoca desde la universalización de las industrias culturales hasta particularismos y regreso a los orígenes; tradução de Cristina Sardoy; Martes 18 de Marzo de 2003, Diario Clarín, Año VII, Nº 2542. Disponível em: www.pensamientocomplejo.com.ar Acesso em julho de 2010.

NETO, J. C. **Antologia poética**. 3ª edição; Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.

NEVES, L. M. W. (Org.) **A nova pedagogia da hegemonia**: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

NIETZSCHE, F.W. (1991) [1887]. Para a genealogia da moral: um escrito polêmico em adendo a “para além do bem e do mal” como complemento e ilustração. In: NIETZSCHE, F.W. **Obras incompletas**. 5ª edição; São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores); p. 75-105.

OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. S. (organizadores.) **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007. (Estado de sítio)

OLIVEIRA, I. B. **Currículos praticados entre a regulação e a emancipação**. 2ª edição; Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

OLIVEIRA, I. B. A rebeldia do/no cotidiano: regras de consumo e usos transgressores das tecnologias na tessitura da emancipação social. In: LEITE, M.& FILÉ, V. (orgs.). **Subjetividade: tecnologias e escolas**. RJ, DP&A, 2002.

OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 3ª edição; Petrópolis: DP& Alli, 2008.

PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S.(Orgs.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2007.

PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PELUSO, A. (org.). **Informática e afetividade: a evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos?** São Paulo: EDUSC, 1998.

PRETTO, N. L. **Das grades às redes: curriculares, de formação de professores, de instituições, de...** 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, 2010, em http://www.repositorio.ufba.br/ri/bitstream/123456789/1566/1/pretto_4cncti_v0_6revisado_envia_dov0_3_21052010.pdf Acesso em 21/08/2011.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRIMO, A. Vlog Número Primo – Episódio 2: **A morte das mídias sociais**. In: <http://www.youtube.com/watch?v=ZEII8WoYq-c> Acesso em 14/08/2011

PRIMO, A; RECUERO, R. C. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipédia**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010 (Coleção Cibercultura)

RIBEIRO, D. **O livro de ouro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1986.

ROITBERG, J.C.; RAMOS, L.M.P.C. **Formação de coletivos nos espaços virtuais: dos ambientes colaborativos às comunidades sociais em rede**. Ciências e Cognição / Science and Cognition, Vol. 15, No 1, 2010.

ROITBERG, J.C.; SANTOS, R. T. **Juntos e Misturados - Os círculos de cultura na rede**. In: V SIMPED - Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação. Resende. Anais do V Simpósio

Pedagógico e Pesquisas em Educação. Resende: AEDB, Associação Educacional Dom Bosco, 2010. v. 1. p. 1-13.

RONALD, C. **O mito da superioridade humana**. Campos (RJ): Velha Lapa Gráfica e Editora Ltda. 1996.

RUIZ, C. **Os labirintos do poder: o poder (do) simbólico e os modos de subjetivação**. Porto Alegre: Escritos Editora, 2008.

RUMMERT, S. M. **A hegemonia capitalista e a comunicação de massa**. In: *Movimento: Revista da faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*, - n. 1 (maio, 2000). Niterói: Intertexto, 2002; p. 63-94.

RUSHKOFF, D. **Coercion: Why Listen to What ‘They’ Say**, 1999. Disponível em: <http://www.mindjack.com/rushkoff/coercion.html>. Acesso em outubro de 2011.

SANTOS, F. R. S.; SOUZA, M. **Hipertexto e tecnologias na educação**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008 [Anais eletrônicos]

SORJ, B. **Brazil@digitaldivide.com: Confronting inequality in the information society**. Brasília: UNESCO, 2003.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiqüidade**. São Paulo: Paullus, 2010. [Coleção Comunicação].

SANTAELLA, L. **A estética política das mídias locativas**. *Nômadias*, no. 28. Abril, 2008. Universidad Central, Colombia; p. 128-137.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paullus, 2007. [Coleção Comunicação].

SANTOS, E. **Desafios da cibercultura na era da mobilidade: os docentes e seus laptops**. *Educação e Cultura Contemporânea*, v. 7, p. 27-42, 2010. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010, v. 1; p. 107-129.

SANTOS, E. **Idéias sobre currículo, caminhos e descaminhos de um labirinto**. In: *Revista da FAEEBA – Educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 13, n. 22, p. 417-430, jul./dez., 2004.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5ª edição; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. 17ª edição; São Paulo: Record, 2008b.

SASO, C.; AGUADÉ, P.; GALLART, M. S.; CAROL, R. V. **Comunidades de aprendizaje: transformar la educación**. Barcelona: Ed. Grão, 2006. (Série Diseño desarrollo curricular)

SEEDUC-RJ. **Educação para a sociedade do conhecimento**. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

SEPE-RJ – Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do RJ. In: <http://www.seperj.org.br/index.php> Acesso em 16/10/2011.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. São Paulo. Ed. Loyola, 2010.

SILVA, M. **Educar em nosso tempo**: desafios da teoria social pós-moderna (p. 167-192). In: MAFRA, L. A.; TURA, M. L. R. (Orgs.). **Sociologia para educadores**, v. 2. Rio de Janeiro, Quartet, 2005.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1917] 2006.

SIMMEL, G. **As grandes cidades e a vida do espírito**. *Mana* 11(2): 577-591, 2005.

SORJ, B. Dimension of digital divide. In: **Brazil@digitaldivede.com**: confronting inequality in the informtion society. Brasília: Unesco, 2003; p. 55-63

SOUZA, R. A. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (org.). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. 2ª edição; São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SOUZA SANTOS, B. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. vol 1. 4ª edição; In: SOUZA SANTOS, B. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.

TAYLOR, P. Que pedagogia para que liberdade? Um argumento freiriano para uma pedagogia do carinho. In LINHARES, C.; TRINDADE, M. N. (Orgs.). *Compartilhando o mundo com Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2003.

TRINDADE, R. **Todas as aprendizagens são pessoais, mas ninguém aprende sozinho**: gerir as salas de aula como comunidades de aprendizagem. Curitiba: Editora Melo, 2010.

TURA, M. L. R. **A observação do cotidiano escolar**. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; CARVALHO, R. A. T. (orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; p. 183-206.

TURKLE, S. Na Internet. In: **A vida no ecrã**: a identidade na Era da Internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.

VEADO, M. C. M. **Colaboração no processo de produção textual em uma atividade online:** um estudo de caso com o gênero resenha de filme. [Dissertação de mestrado]. 1v. 191p. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. Biblioteca Depositária: FALE; BU, 2008.

VITÓRIO FILHO, A. **Meninas do Rio:** o que cantam e contam nas paradas do *proibidão*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Florianópolis. UFSC, 2006. In: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_01.html Acesso em outubro de 2011.

VITÓRIO FILHO, A. **Cultura dos jovens:** fricções e colisões entre a oficialização e a rebeldia da beleza. In: OLIVEIRA, I. B. (Org.), **Narrativas:** outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, RJ: DP&Alui: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

VITÓRIO FILHO, A.; BERINO, A. P. **Culturas juvenis, cotidianos e currículos.** *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.2; p. 7-20, jul/dez 2007.

8 APÊNDICES

Apêndice A: Diário de estudante

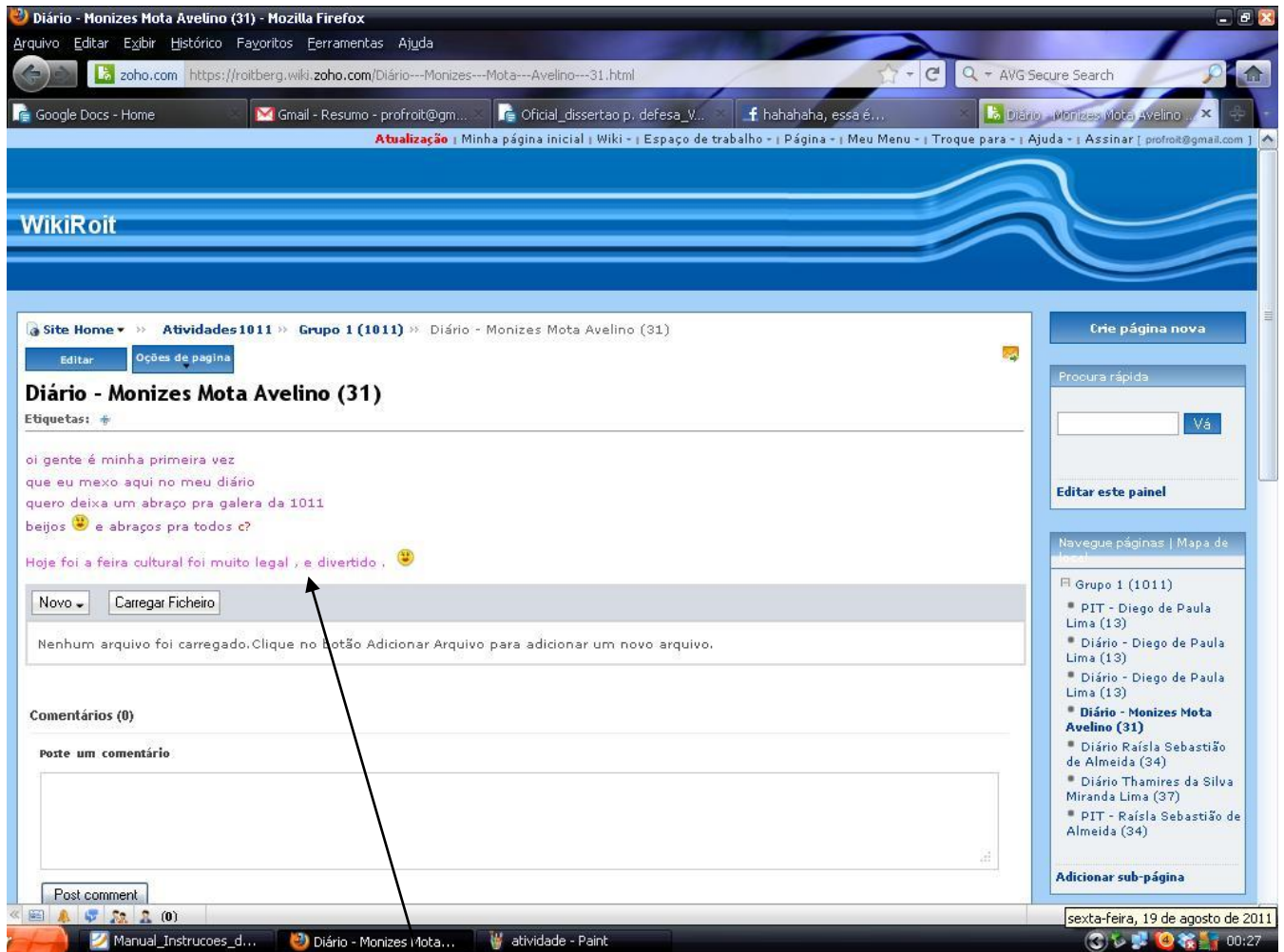


Imagem 43

oi gente é minha primeira vez
que eu mexo aqui no meu diário
quero deixa um abraço pra galera da 1011
beijos 😊 e abraços pra todos c?

Hoje foi a feira cultural foi muito legal, e divertido . 😊

Apêndice B: Diário do pesquisador



Imagem 44

Apêndice C: Plano Individual de Tarefas (PIT) - estudante

PIT - Estefany Bispo Rodrigues (14) - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

zoho.com https://roitberg.wiki.zoho.com/PIT---Estefany---Bispo---Rodrigues---14.html

Google Docs - Home Gmail - Resumo - profroit@gm... Oficial_dissertao p. defesa_V...

Atualização Minha página inicial Wiki - Espaço de trabalho

WikiRoit

Site Home >> Grupo 2 (1011) >> Diário Estefany Bispo Rodrigues (14) >> PIT - Estefany Bispo Rodrigues

Editar Oções de pagina

PIT - Estefany Bispo Rodrigues (14)

Etiquetas:

Plano Individual de Trabalho nº 01					
Nome: Semana de: 02/08/10 a 06/08/10					
A minha tarefa na turma: Editoração do blog					
O que vou fazer	O que fiz				
	seg	ter	qua	qui	sex
Elaborei um esboço	X	X			
Apresentei-o ao grupo			X		
Incorporei as idéias de meus colegas				X	
Decidimos as responsabilidades no blog					
Comparei os provedores na Internet					
Projeto: Saúde dos animais	Parceir@(s):				
A minha avaliação da semana	Orientações e sugestões dos colegas e do professor				
Trabalhei muito bem	Concordo com a tua avaliação. Comparar outros provedores				
O trabalho está pronto	X	O trabalho não ficou pronto			

Plano Individual de Trabalho nº 02					
Nome: Semana de: 09/08/10 a 13/08/10					

Manual_Instrucoes_d... PIT - Estefany Bispo ... diario2 - Paint

Imagem 45

Apêndice D: Autorização da Direção



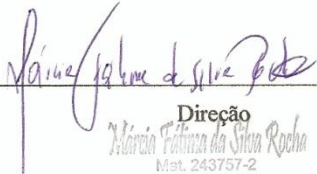
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA REGIONAL METROPOLITANA IV
COLÉGIO ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO
Rua do Matadouro, nº 25, Santa Cruz - Rio de Janeiro - RJ.
Tel.: 2333-7393 / 2333-7394
e-mail: cebrb@terra.com.br

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Autorizo Julio Cesar Roitberg, mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação – Contextos Populares e Demandas Contemporâneas, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a realizar pesquisa sobre Produção Textual de Alunos do Ensino Médio em Redes de Cultura, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, no período de março de 2010 a março de 2012, sob a responsabilidade e orientação do Professor Dr. Marcelo Almeida Bairral.

O Pesquisador assume o compromisso de respeitar a rotina desta Unidade Escolar, mantendo esta direção informada sobre o andamento da pesquisa e, ao término desta etapa estudos, divulgar os resultados da mesma a toda a comunidade escolar.

Rio de Janeiro, 18 de novembro de 2010.



Direção
Marcia Edina da Silva Rocha
Mat. 243757-2
Diretor Geral - C.E.B.R.B.

Apêndice E: Autorização dos Estudantes e dos Responsáveis



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o) alun(a)o: Wellington da Maximiana Marques, já com consentimento da(o) mesma(o), para participar do projeto de pesquisa UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 18 de março de 2020.

Aldemice do Nascimento Lima
NOME COMPLETO

Aldemice do Nascimento Lima
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a)o: Estebany Bispo Rodrigues, já
com consentimento da(o) mesma(o), para participar do projeto de pesquisa UM ESTUDO
SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE
CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a
vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de
televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de
mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação –
PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 11 de março de 20010

Estebany Bispo Rodrigues
NOME COMPLETO
Edite dos S Rodrigues
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a): Caroline Christine Seha de já
com consentimento do mesmo, para participar do projeto pesquisa UM ESTUDO SOBRE A
PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE CULTURA,
no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a vinculação de
suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de televisão e
outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de mestrado que está
sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 2010

Alexandre Francisco Oliveira
NOME COMPLETO

ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a)o: Moniz M. Almeida, já
com consentimento do mesmo, para participar do projeto pesquisa UM ESTUDO SOBRE A
PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE CULTURA,
no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a vinculação de
suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de televisão e
outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de mestrado que está
sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 21 de Outubro de 20010

Julio Cesar Roitberg
NOME COMPLETO
Julio Cesar Roitberg
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a)o: Thais de Lima Miranda, já
com consentimento da(o) mesma(o), para participar do projeto de pesquisa UM ESTUDO
SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE
CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a
vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de
televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de
mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação –
PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 30 de 11 de 2010.

Eliane de Aquino Lima
NOME COMPLETO

Eliane de Aquino Lima
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a)o: Letícia Montenegro da Silva Souza, já
com consentimento da(o) mesma(o), para participar do projeto de pesquisa UM ESTUDO
SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE
CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a
vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de
televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de
mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação –
PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 30 de março de 20010.

Letícia Montenegro da Silva Souza
NOME COMPLETO

Letícia Montenegro da Silva Souza
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a): Alexandra Costa da Silva, já
com consentimento da(o) mesma(o), para participar do projeto de pesquisa UM ESTUDO
SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE
CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a
vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de
televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de
mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação –
PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 49 de março de 20010

Alexandra Costa da Silva
NOME COMPLETO

Alexandra C. da Silva
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o) aluno(a) Igor Carmeiro Alencar de Moraes, já com consentimento do mesmo, para participar do projeto pesquisa UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, ____ de ____ de 200__.

Julio Cesar Roitberg

NOME COMPLETO

Julio Cesar Roitberg

ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a)o: Igor Sardella Barreto Nogueira, já
com consentimento da(o) mesma(o), para participar do projeto de pesquisa UM ESTUDO
SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE
CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a
vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de
televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de
mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação –
PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2010.

Igor Sardella Barreto Nogueira
NOME COMPLETO

Francisca de S. S. Barreto
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a)o: ana carolina Pires Silva, já
com consentimento da(o) mesma(o), para participar do projeto de pesquisa UM ESTUDO
SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE
CULTURA, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a
vinculação de suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de
televisão e outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de
mestrado que está sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação –
PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro 12 de 11 de 200 10

Sandra Delleprani Pires
NOME COMPLETO

Sandra Delleprani Pires
ASSINATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

AUTORIZAÇÃO

Solicito a autorização ao responsável pela(o)
alun(a): Caroline Christine Seha de já
com consentimento do mesmo, para participar do projeto pesquisa UM ESTUDO SOBRE A
PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM REDES DE CULTURA,
no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Santa Cruz 0- RJ, bem como a vinculação de
suas imagens na internet, apresentação de slides, encontro científicos, canais de televisão e
outros meios de comunicação caso necessário. O projeto é uma pesquisa de mestrado que está
sendo desenvolvido pelo professor Julio Cesar Roitberg na Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro – UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc.

As alunas e os alunos utilizam o laboratório de informática para desenvolvimento de
atividades colaborativas em uma página de construção de hipertextos, disponível on- line. A
utilização desta modalidade virtual de aprendizagem é mais um instrumento de construção de
conhecimento e avaliação proposto na disciplina de Língua Portuguesa. Toda a informação a
ser utilizada na pesquisa terá finalidade estritamente educativa.

Grato pela compreensão,

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 2010

Alexandre Francisco Oliveira
NOME COMPLETO

ASSINATURA

